

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

IVA RIBEIRO COTA

**UM OLHAR PARA QUESTÕES DE LINGUAGEM DE SUJEITOS COM
ALTERAÇÃO DE MEMÓRIA APÓS EVENTOS NEUROLÓGICOS**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2022

IVA RIBEIRO COTA

**UM OLHAR PARA QUESTÕES DE LINGUAGEM DE SUJEITOS COM
ALTERAÇÃO DE MEMÓRIA APÓS EVENTOS NEUROLÓGICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Desenvolvimento da Língua(gem) Típica e Atípica

Orientadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2022

C882o	<p>Cota, Iva Ribeiro.</p> <p>Um olhar para questões de linguagem de sujeitos com alteração de memória após eventos neurológicos. / Iva Ribeiro Cota; orientadora: Nirvana Ferraz Santos Sampaio. – Vitória da Conquista, 2022.</p> <p>140f.</p> <p>Tese (doutorado - Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.</p> <p>Inclui referência F. 124 – 129.</p> <p>1. Linguagem. 2. Alteração de memória. 3. Neurolinguística discursiva. I. Sampaio, Nirvana Ferraz Santos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III</p> <p style="text-align: right;">CDD: 400</p>
-------	--

Catalogação na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção* – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Language and memory after neurological events

Palavras-chave em inglês: Language. Memory disorders. Discursive Neurolinguistics.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutor em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (Presidente - UESB), Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UESB), Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida Baia (UESB), Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto (UNICAMP) e Prof. Dr. Marcus Vinicius Borges Oliveira (UFBA)

Data da defesa: 06/04/2022.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1667-9244>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7744033954616191>

IVA RIBEIRO COTA

**UM OLHAR PARA QUESTÕES DE LINGUAGEM DE SUJEITOS COM
ALTERAÇÃO DE MEMÓRIA APÓS EVENTOS NEUROLÓGICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

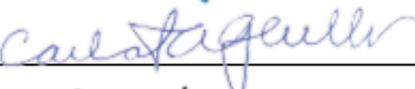
Data da aprovação: 06 de abril de 2022.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio
(Presidente-Orientadora)
Instituição: UESB

Ass.:  _____

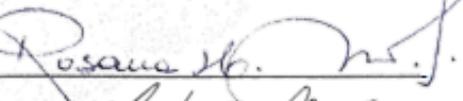
Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello Pires
Instituição: UESB

Ass.:  _____

Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia
Instituição: UESB

Ass.:  _____

Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto
Instituição: UNICAMP

Ass.:  _____

Prof. Dr. Marcus Vinicius Borges Oliveira
Instituição: UFBA

Ass.:  _____

A Deus, pelo milagre da vida e por brotar em mim força e discernimento quando humanamente seriam impossíveis.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é constituído de fortes registros de memória, que reafirmam a amplitude de contribuições de diferentes ordens e que contemplam diálogos com pesquisadores, colegas, amigos e familiares e essas páginas não seriam suficientes para lhes agradecer.

Nessa infinitude, sou grata a cada leitura, a cada oportunidade de conhecimento, a cada aprendizado, a cada pessoa que cruzou minha vida e, principalmente, a Deus que manteve sua Chama Divina acesa em mim.

No presente momento, destaco os seguintes agradecimentos:

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, **UESB**, e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, **PPGLIN/UESB**, por proporcionarem a oportunidade de realização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, **CAPES**, pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

À orientadora, Prof.^a. Dr.^a. **Nirvana Ferraz Santos Sampaio**, por estar ao meu lado em cada passo dessa caminhada acadêmica e pessoal, por acreditar em mim e reinventar nossa relação nas adversidades, além de me fortalecer nesse processo de orientação e aprendizado. Minha profunda gratidão.

À Prof.^a. Dr.^a. **Rosana do Carmo Novaes Pinto**, pela participação honrosa na banca examinadora de qualificação e defesa desta tese, pelas incríveis aulas de sua disciplina na UNICAMP e pela contribuição teórica que traz importantes direcionamentos a este trabalho.

Ao Prof. Dr. **Marcus Vinicius Borges Oliveira**, pela participação na banca de defesa desta tese e pela contribuição teórica que fundamenta este trabalho.

À Prof.^a. Dr.^a. **Carla Salati Almeida Ghirello-Pires**, pela participação na banca examinadora de qualificação e defesa desta tese, pelos ensinamentos, pelas orientações e por tudo que já partilhamos no PPGLIN.

À Prof.^a. Dr.^a. **Maria de Fátima Almeida Baia** pela participação na banca de defesa desta tese, pela generosidade em partilhar conhecimento e pelas contribuições no contexto da Musicoterapia.

À Prof.^a. Dr.^a. **Elaine Cristinade Oliveira** e ao Prof. Dr. **Jorge Viana Santos** pela participação na banca de defesa desta tese.

À **Secretaria de Educação do Estado da Bahia**, por conceder afastamento das atividades no **CETEP/VC**, para dedicação exclusiva ao Doutorado. Em especial, a **Luciano Pinho de Almeida** pelo empenho e competência nos trâmites judiciais dessa concessão.

Aos **professores e funcionários do PPGLIN**, pelo exemplo e contribuição na minha formação pessoal, acadêmica e científica.

Aos sujeitos **Jeferson** e **Vicente** e aos seus **familiares** pelas experiências compartilhadas, pelos encontros, alegrias e emoções divididas no ECOA presencialmente e virtualmente.

Às **meninas do GPEN**, em especial, à Lucélia, *in memoriam*, vítima de complicações da Covid-19, por tudo o que vivemos, estudamos, sentimos e compartilhamos neste grupo desde o começo.

Aos **colegas do Doutorado**, pelas angústias e alegrias que vivemos juntos nesse período, sobretudo nas tribulações do contexto pandêmico. O meu carinho e gratidão a **Tamiles** por partilhar seu ombro, sua trajetória, sua leveza e seu amor.

Como parte de mim, registro a minha gratidão especial, àqueles que sustentam a minha caminhada:

Aos meus filhos, **Ísis, João e Francisco**, pelo amor infinito que vivo em cada um, por me desafiarem a cada dia a ser uma pessoa melhor e por compreenderem com sabedoria gigante o significado da fé, do amor, da espera, da paciência, da saúde, da doença, da vida, da morte, da saudade, do estudo e do trabalho.

Ao meu esposo **Luciano Pinho**, por viver comigo a missão de ser um casal, pelo amor e parceria que nos une nas alegrias e nas diversas vicissitudes dessa caminhada. Toda a minha gratidão e amor.

Aos meus pais **Ugo e Ana**, *in memoriam*, pelas bases sólidas que direcionam a minha vida. Papai, pela sua presença viva, mesmo na ausência, e Mamãe que se eterniza com seu amor, suas orações, sua fortaleza, principalmente nos momentos desafiadores que vivemos no período de elaboração da tese, além de sua partida nas vésperas da defesa desta tese.

Às minhas irmãs **Ivana e Iara**, que se somam aos meus cunhados e sobrinhos, por serem meu porto seguro, minha fonte de amor, alegria e paz. Com o registro da saudade mais recente de **Bruno**, *in memoriam*, que estará sempre presente.

Aos **Ribeiro** e aos **Cota**, pelo apoio e incentivo nessa caminhada. Com profundo agradecimento a **Amanda, Ricardo, Ana e Mel** pelo amor e presença no momento em que mais precisava.

Às famílias **Figueiredo, Santos e Pinho** (sobrinhos, cunhados, tios, primos), por me acolherem em suas vidas e fazerem com que eu me sinta um verdadeiro ente. Em especial, aos meus sogros e segundos pais, **Sr. Walter e D. Sônia**, por tudo o que representam para mim e pelos aprendizados que tivemos nos anos de elaboração desta tese.

Às minhas cunhadas-irmãs e suas famílias: **Wânia**, por ser mãe e fortaleza para os meus filhos no momento em que estive ausente para cuidar de minha saúde, com carinho especial a **Anna Luzia**, por ser uma grande parceira em momentos desafiadores, e **Wanessa** por me acolher no seu coração e na sua casa nesse momento delicado.

Aos anjos enviados por Deus para cuidar da minha saúde nesse período, em especial, a **Dra Leda, Dr Ramon, Dra Joane e Dra Lygia**, que transformaram gestos de amor, cuidado e humanidade em vida.

A **Tia Lu**, pelo suporte diário e amor dedicado a mim e a minha família nesses anos.

Aos meus **amigos** de todos os lugares, que moram no meu coração, por sustentarem os meus dias com amor. Com carinho especial: a **Lívia** por fortalecer meus dias com sua intercessão e oração; a **Tati** pela incrível parceria em sonhos que transformamos em realidades e viagens, a **Luís**, pela amizade, confiança e pela revisão da versão inicial desta tese e a **Nilva** pela amizade perene mesmo à distância e pela revisão preciosa das últimas versões desta tese.

A **Deus**, infinitamente, por me conceder tudo isso.

RESUMO

Esta tese apresenta a análise das relações estabelecidas na dinâmica da linguagem em processos de alteração de memória a partir da narrativa de dois sujeitos com eventos cerebrais agudos de etiologias distintas, um com encefalopatia anóxica e outro por tromboembolismo cerebral, com comprometimento da memória, destacando práticas discursivas (re)constituídas nos encontros e interações com interlocutores, a partir do olhar dos estudos neurolinguísticos para a linguagem nessas situações. Sob esse prisma, considera-se que o limiar do universo da memória, que vislumbra um processo de reconstrução de experiências passadas, por meio de transformações, transferências, elaborações, por meio da seleção, interpretação e integração de elementos, torna-se constitutiva da identidade e singularidade humana ao interatuar com a linguagem; sendo assim, a investigação aqui proposta parte da seguinte pergunta: Que efeito as práticas de linguagem exercem em sujeitos com processos de alteração de memória após eventos neurológicos? Como ponto de partida, considerou-se a hipótese de que a linguagem e a memória interatuam nos sistemas de enlaces e relações nas narrativas de sujeitos com alterações de memória após eventos neurológicos em contextos reais de interação, em experiências discursivas efetivas, em que se preconiza o diálogo, na dinâmica da reversibilidade de papéis, possibilitando (re)constituições de caminhos. Essa opção se estabelece em contraposição às atividades psicométricas ou metalinguísticas, que se limitam a categorizar o que falta em situações de atividades verbais descontextualizadas. Nesse sentido, o objetivo principal desta tese é identificar o efeito das práticas com a linguagem em processos de alterações de memória de sujeitos após eventos neurológicos por meio de acompanhamento neurolinguístico. Como objetivos específicos, preconiza-se: (a) analisar, por meio de práticas dialógicas, como o sujeito da linguagem se organiza com/na/pela linguagem em processos de alteração de memória após eventos neurológicos; (b) compreender as redes de enlaces estabelecidas pela linguagem nas narrativas de sujeitos com alterações de memória após eventos neurológicos; (c) contribuir para o desenvolvimento de metodologia qualitativa para compreensão da relação entre linguagem e memória com o intuito de subsidiar a intervenção em casos de alteração de memória após eventos neurológicos. Dessa forma, é adotada a abordagem teórico-metodológica da Neurolinguística Discursiva, que explora uma visão abrangente da linguagem no sentido de contemplar o sujeito, suas relações, o âmbito histórico, social e as implicações desse processo no contexto cognitivo, para que se possa operá-la, atuar com o outro, considerando o seu trabalho coletivo e os efeitos do processo de interlocução, que interferem na (re)construção de processos linguísticos. Trata-se de uma metodologia de caráter qualitativo, com foco no

acompanhamento longitudinal de dois sujeitos, contemplando a análise dos fenômenos da linguagem e suas relações com as alterações de memória. A partir desse contexto, tornou-se perceptível que as narrativas advindas dos relatos orais, das conversas informais, das interações revelam a dinâmica de processos de (re)construção em que emergem lugares de possibilidades de arranjos e rearranjos para a linguagem e a memória.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem. Alteração de memória. Neurolinguística Discursiva.

ABSTRACT

This doctoral dissertation presents the analysis of the relationships established in the dynamics of language in memory alteration processes from the narrative of two subjects with acute brain events of different etiologies, one with anoxic encephalopathy and the other with cerebral thromboembolism, with memory impairment, highlighting practices discursive (re)constituted in meetings and interactions with interlocutors, from the perspective of neurolinguistic studies for language in these situations. In this light, it is considered that the threshold of the universe of memory, which envisions a process of reconstruction of past experiences, through transformations, transfers, elaborations, through the selection, interpretation and integration of elements, becomes constitutive of the human identity and uniqueness when interacting with language; therefore, the investigation proposed here starts from the following question: What effect do language practices have on subjects with memory alteration processes after neurological events? As a starting point, we considered the hypothesis that language and memory interact in the systems of links and relationships in the narratives of subjects with memory alterations after neurological events in real contexts of interaction, in effective discursive experiences, in which it is recommended dialogue, in the dynamics of reversibility of roles, enabling the (re)constitution of paths. This option is established in opposition to psychometric or metalinguistic activities, which are limited to categorizing what is lacking in situations of decontextualized verbal activities. In this sense, the main objective of this thesis is to identify the effect of practices with language in processes of memory alterations in subjects after neurological events through neurolinguistic monitoring. As specific objectives, it is recommended: (a) to analyze, through dialogic practices, how the subject of language organizes itself with/in/by language in processes of memory alteration after neurological events; (b) understand the networks of links established by language in the narratives of subjects with memory alterations after neurological events; (c) contribute to the development of a qualitative methodology for understanding the relationship between language and memory in order to support intervention in cases of memory alteration after neurological events. In this way, the theoretical-methodological approach of Discursive Neurolinguistics is adopted, which explores a comprehensive view of language in the sense of contemplating the subject, its relationships, the historical and social scope and the implications of this process in the cognitive context, so that it can operate it, to act with the other, considering their collective work and the effects of the interlocution process, which interfere in the (re)construction of linguistic processes. It is a qualitative methodology, focusing on the longitudinal follow-up of two subjects, contemplating

the analysis of language phenomena and their relationship with memory alterations. From this context, it became noticeable that the narratives arising from oral reports, informal conversations, interactions reveal the dynamics of (re)construction processes in which places of possibilities for arrangements and rearrangements for language and memory emerge.

KEYWORDS

Language. Memory disorders. Discursive Neurolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O bolo.....	64
Figura 2 – Encontros em grupo - Família.....	102
Figura 3 – Mão no rosto	107
Figura 4 – Leituras compartilhadas	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Professor Ivanor.....	58
Quadro 2 – O nome	59
Quadro 3 – Meu professor	60
Quadro 4 – Aniversário	63
Quadro 5 – WhatsApp	65
Quadro 6 – Pedacinhos	66
Quadro 7 – Sensação	68
Quadro 8 – Caculé	69
Quadro 9 – A data.....	71
Quadro 10 – Presente.....	72
Quadro 11 – O livro.....	75
Quadro 12 – Parada Cardíaca	78
Quadro 13 – Não me lembro de nada: Não me lembro de nada.....	83
Quadro 14 – Não estou melhor porque não estou conseguindo jogar	85
Quadro 15 – Foi muito bom!	86
Quadro 16 – Lucidez	88
Quadro 17 – Esqueci	90
Quadro 18 – Posto da polícia.....	91
Quadro 19 – Referência	93
Quadro 20 – Foi hoje ou foi ontem?.....	94
Quadro 21 – O artista	95
Quadro 22 – Antes que eu me esqueça.....	96
Quadro 23 – Conta-gotas	97
Quadro 24 – A memória não funciona de forma espontânea	98
Quadro 25 – Uma experiência angustiante e fantástica.....	99
Quadro 26 – Sonho e realidade.....	101
Quadro 27 – Fevereiro	103
Quadro 28 – Lá na UESB	104
Quadro 29 – Asma.....	106
Quadro 30 – Coronavírus	110
Quadro 31 – Leitura.....	113
Quadro 32 – Laços de compromisso	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência.....	83
Tabela 2 – Narrativa	85
Tabela 3 – Sessões	108
Tabela 4 – Sessões Presenciais	109
Tabela 5 – Sessões virtuais	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDN - Banco de Dados em Neurolinguística

CDI - Cardioversor desfibrilador implantável

CeCIN - Centro de Convivência e intervenção em Neurolinguística

COVID - *Corona Virus Disease*

ECOA - Espaço de Convivência entre Afásicos e não-Afásicos

GPEN - Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística

GPS - *Global Positioning System*

Iic - Iniciais utilizadas para identificar um pesquisador, mantendo sigilo de sua identidade.

INCOR - Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Ins - Iniciais utilizadas para identificar um pesquisador, mantendo sigilo de sua identidade.

ISSN - *International Standard Serial Number*

LALALIN - Laboratório de Aquisição da Linguagem e Aspectos Linguísticos

LAPEN - Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística

ND - Neurolinguística Discursiva

PPGLIN - Programa de Pós-Graduação em Linguística

PNL - Programação Neurolinguística

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 LINGUAGEM E MEMÓRIA: ENTRE ESTUDOS, CONCEITOS E FEITOS	23
2.1 Um panorama de estudos que direcionam caminhos sobre as relações entre linguagem e memória	23
2.2 Língua(gem)	27
2.3 Memória	31
2.4 Linguagem, memória e alterações de memória	35
2.5 A relevância dos estudos de Luria para questões de linguagem e memória	39
2.6 Contribuições freudianas para as relações entre linguagem e alterações de memória	41
3 O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO	44
3.1 A trajetória neurolinguística e suas particularidades no estudo.....	44
3.2 Especificidades da pesquisa	45
3.3 Contemplando as narrativas	48
3.4 Os sujeitos da pesquisa.....	49
3.4.1 Jeferson Moreira	50
3.4.2 Vicente Marques	52
3.4.3 Familiares e outros sujeitos	53
3.4.4 Demais interlocutores.....	53
3.5 A materialidade da pesquisa.....	54
4 DADOS E DISCUSSÕES.....	56
4.1 A avaliação e o acompanhamento dos sujeitos com alteração de memória	56
4.2 Dados de Jeferson	57
4.2.1 Videogame, linguagem e alterações de memória: encontros e revelações.....	80
4.3 Dados de Vicente.....	88
4.4 Dados dos encontros em grupo.....	100
4.5 Quando o rio muda o curso: acompanhamento longitudinal na pandemia.....	107
4.6 E quando não se tem alteração de memória?	117
4.7 Um universo de singularidades	120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE	130

Apêndice A – Formulário <i>Google</i> direcionado aos sujeitos sem comprometimento de memória.....	130
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	134
ANEXOS	137
Anexo A – Leitura Compartilhada – Dinâmica “O Caso de Miguel”	137
Anexo B – Leitura Compartilhada – Fábula “Assembléia dos Ratos”.....	140

1 INTRODUÇÃO

*Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.*

*O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.
(MELO NETO, 1966, p.229-230)*

Esta tese analisa as relações entre a dinâmica da linguagem e processos de alteração de memória de sujeitos acometidos por eventos neurológicos, sem processos degenerativos e/ou progressivos, destacando práticas discursivas (re)constituídas nos encontros e interações com interlocutores, a partir do olhar dos estudos neurolinguísticos¹ para o desenvolvimento da

¹ Os estudos Neurolinguísticos aqui fomentados estão vinculados à Neurolinguística Discursiva, partindo “de uma perspectiva discursiva que orienta tanto a avaliação e o acompanhamento longitudinal de sujeitos quanto a análise de dados de linguagem, ambos ancorados de maneira particular em diversos domínios da Linguística” (COUDRY; FREIRE, 2010, p. 23), bem como de outras áreas, com a finalidade de adentrar no universo que compõe o sujeito e a linguagem, em suas diversas relações, enfatizando os inúmeros papéis que possam desempenhar em situações de interlocução. Reitera-se que, dentre os estudos Neurolinguísticos que se dedicam ao estudo da relação cérebro, linguagem e demais processos cognitivos/psíquicos, a abordagem utilizada distingue-se da Neurolinguística de orientação formalista, que procura identificar onde estão e como funcionam os módulos no cérebro, em pesquisas desenvolvidas em caráter experimental, tendo como foco o indivíduo em situações controladas. Também *não* se relacionam à Programação Neurolinguística (PNL), também conhecida como Neurolinguística, que reduzem “a linguagem e sua relação com o cérebro à condição *instrumental*, um instrumento de caráter fortemente programático, a ser utilizado pela pessoa para ‘obter sucesso na vida’, configurando-se como uma técnica de autoajuda” (FEDOSSE; ANDRADE; FLOSI, 2010, p. 146), que propõe uma abordagem de psicoterapia, comunicação ou desenvolvimento pessoal.

linguagem nessas situações, a fim de promover o diálogo entre linguistas e demais interessados naquilo que as questões de linguagem sublinham e possibilitam para a memória.

O estudo parte da demanda recebida pelo Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN) de dois sujeitos com eventos cerebrais agudos de etiologias distintas, um com encefalopatia anóxica e outro por tromboembolismo cerebral, com comprometimento da memória, cabe destacar que os encaminhamentos não são constituídos de diagnóstico de afasia e que as questões de linguagem destacadas no estudo estão relacionadas às alterações de memória.

Os sujeitos foram encaminhados por profissionais de saúde que colaboram com as pesquisas de Neurolinguística desenvolvidas, desde o ano de 2008, por iniciativa da Professora Doutora Nirvana Ferraz Santos Sampaio, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), e que se consolidaram com o Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística (LAPEN), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da UESB, na linha Aquisição e Desenvolvimento da Língua(gem) Típica e Atípica.

O olhar para a alteração de memória sinaliza que a relação do sujeito com cada experiência ausente contempla relações complexas, que representam em cada instância um sistema de referências e envolvem o modo como cada um opera a realidade. Na linguagem, é possível vislumbrar aspectos da configuração que se apresentam alterados, pois ela dá visibilidade para analisar as lacunas, os indícios do que pode estar comprometido por meio da alteração de memória, em câmera lenta, por meio das atividades epi, meta e discursivas.

Sob esse prisma, o limiar do universo da memória, que vislumbra um processo de reconstrução de experiências passadas, por meio de transformações, transferências, elaborações e importações, a partir da seleção, interpretação e integração de elementos, torna-se constitutiva da identidade e singularidade humana ao interatuar com a linguagem. Sendo assim, a investigação aqui proposta parte da seguinte pergunta: Que efeito as práticas de linguagem – considerando-se aqui o que Coudry (1988) explicita como “práticas significativas” – exercem em sujeitos com processos de alteração de memória após eventos neurológicos?

Como ponto de partida, considerou-se a hipótese de que linguagem e memória interatuam nos sistemas de enlaces e relações nas narrativas de sujeitos com alterações de memória após eventos neurológicos em contextos reais de interação, em experiências discursivas efetivas, em que se preconiza o diálogo, na dinâmica da reversibilidade de papéis, possibilitando (re)constituições de caminhos. A opção se estabelece em contraposição às atividades psicométricas ou metalinguísticas, que se limitam a categorizar o que falta em situações de atividades verbais descontextualizadas.

Dessa maneira, buscou-se reconhecer a constituição dos processos de alteração de memória para compreender sentidos e significados estabelecidos. Por esse ângulo, as narrativas advindas dos relatos orais, das conversas informais, do envolvimento com a linguagem revelam a dinâmica do processo de (re)construção da linguagem e da memória em que as interações mútuas entre sujeitos constituem lugares de possibilidades para resgate e fruição de processos dialógicos.

O direcionamento da relevância desta pesquisa é endossado pela análise das publicações científicas recentes sobre a relação entre linguagem e memória, em que se constata que são escassos os estudos relacionados à dinâmica das práticas dialógicas por meio do estudo qualitativo, mais precisamente, como foi averiguado nas publicações divulgadas em dez anos (2011/2020) pelo *Journal of Memory and Language*, um periódico acadêmico interdisciplinar de abrangência mundial, que se concentra principalmente nos problemas de compreensão da memória e da linguagem, produzido desde 1962, com o título *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, que contempla artigos que contribuem para a formulação de questões científicas nas áreas de memória, compreensão e produção da linguagem e processos cognitivos.

Nesse levantamento, é notório que os estudos realizados têm, predominantemente, natureza quantitativa, envolvendo experimentos realizados em situações controladas e pesquisas com um público constituído, predominantemente, de estudantes de graduação ou pós-graduação e pessoas sem comprometimentos neurológicos, com uma quantidade ínfima de casos de vítimas de eventos neurológicos, outras alterações ou de envelhecimento. Os experimentos realizados destacam-se pelo número significativo de participantes que estão envolvidos na coleta de dados, que trazem informações estruturadas com estatísticas, o que instiga a necessidade de olhar para outras perspectivas que contemplem efeitos de vivências cotidianas e de real interação discursiva para pensar a linguagem e a memória.

Nessa conjuntura, delinea-se a necessidade de explorar qualitativamente essas relações para alcançar o objetivo principal desta tese que é identificar o efeito das práticas com a linguagem em processos de alterações de memória de sujeitos após eventos neurológicos por meio de acompanhamento neurolinguístico. Como objetivos específicos, preconiza-se: (a) analisar, por meio de práticas dialógicas, como o sujeito da linguagem se organiza com/na/pela linguagem em processos de alteração de memória após eventos neurológicos; (b) compreender as redes de enlaces estabelecidos pela linguagem nas narrativas de sujeitos com alterações de memória após eventos neurológicos; (c) contribuir para o desenvolvimento de metodologia

qualitativa para compreensão da relação entre linguagem e memória com o intuito de subsidiar a intervenção em casos de alteração de memória após eventos neurológicos.

Preliminarmente, o que é perceptível nessa abordagem é a memória como experiência singular de cada sujeito por meio da linguagem, carregada de relações, efeitos e afetos, o que torna inevitável a verificação das relações estabelecidas nas interações e o investimento em análises que permitam inferir sobre seu uso, pois a interlocução e os diferentes papéis discursivos inerentes à linguagem exploram as possibilidades que o sujeito tem, mesmo quando os ditos sintomas sublinhados pelos testes métricos persistem. Neste contexto, evidenciam-se outros recursos de significação por meio da prática, em que são explorados recursos da própria linguagem para constituir o sentido que se almeja e, assim, entrar em contato com os movimentos interpretativos e com a intenção significativa.

A contribuição que esta tese fomenta, em face de tais estudos, é olhar qualitativamente para as relações entre linguagem e memória, principalmente em casos de alterações ou comprometimentos após eventos neurológicos, visando a ampliar o seu entendimento, a partir de outros pontos de observação e intervenção, preconizados a partir dos pressupostos teórico-metodológicos permeados pela Neurolinguística² de orientação enunciativo-discursiva.

Nesse sentido, para orientação da leitura, apresenta-se uma síntese da estrutura da tese delineada em cinco capítulos, quais sejam: o Capítulo 1, que, em voga, dá o caráter introdutório aos estudos que envolvem Linguagem e Memória, delimitando a abordagem qualitativa dos estudos permeados, com a justificativa da pesquisa, o detalhamento da hipótese, dos objetivos e relevância do trabalho; o Capítulo 2, dedicado à fundamentação teórica, apresentando os alicerces para as análises, discussões e observações contempladas; o Capítulo 3, que esclarece as bases teórico-metodológicas utilizadas, avaliando cada um dos procedimentos em termos de suas vantagens, mas também considerando seus limites, detalhando o tipo de estudo realizado, os envolvidos e o delineamento da emergência e análise dos dados; o Capítulo 4, o qual apresenta o caminho dos dados por meio da contextualização e discussão destes; e, por último,

² Referência à abordagem da Neurolinguística Discursiva, que teve origem no Brasil no século XX, no final da década de 80, mais precisamente àquela com base no trabalho desenvolvido por Maria Irma Hadler Coudry primeiramente elaborada como tese de doutoramento (1986), publicada posteriormente como o livro *Diário de Narciso: Discurso e Afasia* (1988), que introduziu os estudos neurolinguísticos no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, tratando de estudos de afasias. A obra direcionou, porém, importantes fundamentos teóricos para estudos posteriores envolvendo a linguagem. Esse trabalho pode ser evidenciado por meio do projeto coordenado por Coudry, desde 1992, denominado *Projeto Integrado em Neurolinguística: práticas com a linguagem e documentação de dados* (CNPq: 307227/2009-0), que abriga “[...] um estudo teórico metodológico da linguagem em estados patológicos de adultos (afasia, síndrome frontal) e de crianças (dificuldades de leitura/escrita [...])” (COUDRY, 2008, p. 17).

o Capítulo 5, que explora as questões percorridas, por meio da análise dos resultados obtidos, bem como a projeção para trabalhos futuros.

2 LINGUAGEM E MEMÓRIA: ENTRE ESTUDOS, CONCEITOS E FEITOS

O ato de lembrar não é a reativação de incontáveis vestígios fixos, sem vida e fragmentados. É uma reconstrução ou construção imaginativa feita a partir da relação entre nossa atitude e toda uma massa ativa de reações ou experiências passadas e organizadas, e de um pequeno detalhe relevante que comumente surge em forma de imagem ou linguagem (BARTLETT, 1930).

Este capítulo tem como objetivo apresentar aspectos da literatura científica que conduzem a trajetória dos estudos sobre a relação entre memória e linguagem. O primeiro ponto apresentado neste capítulo se refere ao percurso histórico que subsidia a abordagem da relação entre linguagem e memória. Esses autores são relevantes para uma discussão sobre o tema nas pesquisas atuais, não somente pela pertinência das questões colocadas, mas pela reflexão que não dissocia a memória e a linguagem.

A seguir, analisam-se as teorizações em torno do conceito de linguagem e memória e situam-se as questões de alteração de memória após eventos neurológicos. Por último, destacam-se as contribuições de Luria e Freud nesse campo de pesquisa.

2.1 Um panorama de estudos que direcionam caminhos sobre as relações entre linguagem e memória

Ao longo da história, médicos e anatomistas demonstraram interesse sobre o cérebro e empreenderam muitos esforços para desvendar os seus mistérios. Na Idade Média, segundo Luria (1981, p. 5-6), filósofos e naturalistas consideravam que “faculdades” mentais poderiam estar localizadas nos “três ventrículos cerebrais” e a partir do século XIX esses estudos passam a ter um caráter científico. Nesse percurso, desde um passado distante, várias foram as tentativas de explicar os processos mentais complexos como uma função de áreas cerebrais bem delimitadas.

Franz Joseph Gall (1758-1828), médico e anatomista alemão, afirmou que as ditas “faculdades” humanas ocupavam áreas cerebrais particulares e localizadas, impulsionando sua teoria conhecida como Frenologia, que sediava em determinadas partes do córtex cerebral faculdades inatas e distintas. Esses estudos foram seguidos por muitos outros estudiosos que procuravam analisar as zonas funcionais do córtex cerebral tomando como referência lesões cerebrais locais.

Outro médico interessado nesses temas foi Jean-Baptiste Bouillaud (1796-1881) que retomou a ideia de Gall de sediar as habilidades verbais em determinadas regiões cerebrais e empreendeu-se em defender que a linguagem articulada depende dos lobos frontais. Bouillaud observou através da clínica os problemas de linguagem advindos de lesão cerebral anterior e concluiu que a sede da função cerebral perturbada estaria localizada na parte do cérebro que foi destruída.

O neurologista Marc Dax (1770-1837), apesar de não despertar muito interesse dos ouvintes, apresentou, em 1836, uma correlação anátomo-clínica entre o hemisfério esquerdo e o que ele considerava “memória de palavras”.

O cientista, médico, anatomista e antropólogo francês, Paul Broca, em torno de 1861, atraído pela observação dos distúrbios dos processos mentais e devoto da teoria do localizacionismo das funções cerebrais, postulou, prevendo exceções de alguns casos, que a sede para a linguagem articulada, a “fala motora”, seria o terço posterior do giro frontal inferior esquerdo, designando a lesão dessa região como responsável por um tipo característico de perda expressiva que ele denominou “afemia” e que, segundo Luria (1981, p. 6), foi posteriormente caracterizado como “afasia”, termo usado ainda hoje.

Em 1873, o médico, anatomista, psiquiatra e neuropatologista, Carl Wernicke (1848-1905), defendeu que uma lesão situada no terço posterior do giro temporal superior esquerdo levava a problemas de compreensão da linguagem falada, revelando, também, uma perspectiva associacionista, já que os aspectos sensoriais se centralizam nos centros nervosos e nas conexões que os unem. Esses estudos apontaram a existência de uma afasia sensorial ou de Wernicke, por estarem relacionados à linguagem fluente.

Neurologistas e psiquiatras traçaram, em torno de 1880, mapas funcionais do córtex cerebral com o intuito de solucionar o problema da estrutura funcional do cérebro como órgão da atividade mental. Esses estudos encontraram um dos principais opositores ao localizacionismo na figura do neurologista Hughlings Jackson (1835-1911) que, nesse período, defendeu que a organização dos processos mentais complexos deveria ser analisada a partir do nível de construção desses processos, no lugar de localizá-los em áreas particulares do cérebro.

Os estudos de Freud (1856-1939), na sua formação inicial como neurologista, em um de seus primeiros escritos teóricos, *Zur Auffassung der Aphasien* (1891), chamaram atenção para a patologia do funcionamento da linguagem, analisando a funcionalidade reduzida do aparelho associativo da linguagem.

Em 1926, o neurologista Henry Head destacou-se, dentro do ciclo de tentativas de outros estudiosos que buscavam relacionar os problemas de fala com as lesões cerebrais, mas cometeu

um equívoco ao buscar correlacionar determinadas estruturas linguísticas *diretamente* com áreas cerebrais estreitamente localizadas.

Pesquisas no campo da Neuropsicologia trouxeram importantes contribuições para os estudos do cérebro e da afasia. Um pioneiro nesse campo, o neurologista e psiquiatra alemão Kurt Goldstein (1878-1965), juntamente com outros estudiosos, resgatou os estudos de Hughlings Jackson e chamou a atenção para o caráter complexo da atividade mental humana. Goldstein defendeu o argumento de que a perturbação do pensamento categórico seria a origem de muitos sintomas afásicos e referiu-se à dificuldade de evocar palavras como uma mudança na atitude mental do sujeito em relação ao seu meio.

A efervescência dos estudos que relacionam cérebro e linguagem, na segunda metade do século XX, revela novas perspectivas sobre a aquisição da linguagem, focalizando os processos mentais, como as pesquisas realizadas com base conexionista que postulam que a língua é aprendida mediante os mesmos mecanismos – procedimentos de aprendizagem que se aplicariam a todos os domínios da cognição humana.

Abordagens interdisciplinares são perceptíveis no meio científico nos anos 1970, momento em que as Neurociências emergem de diversas áreas de investigação e originam inovadoras áreas, como Neuroquímica, Neurobiologia, Neuro-histologia, Neuroanatomia, Neurofisiologia e Neuropsicologia. Nesse universo, no contexto da Neuropsicologia, Luria (1902-1977) impulsionou, a partir do estudo das lesões cerebrais, a ideia do cérebro funcionando como um todo, em um sistema funcional complexo, fazendo analogia do funcionamento cerebral, responsável pela efetivação da atividade mental complexa, com a harmonia e funcionamento de uma orquestra.

Em meio ao resgate histórico de estudos que desencadearam os estudos do cérebro e da linguagem, emerge a Neurolinguística, uma área interdisciplinar que tem origem no final do século XX. A origem dos estudos neurolinguísticos remete, dessa forma, a trabalhos realizados entre as neurociências e a linguística. Alguns atribuem a sua origem ao ano de 1939, com a publicação do livro *Le syndrome de désintégration phonétique* de Alajouanine, Ombredane (neurologistas) e Durand (foneticista), outros, como Luria (1974, p. 303), consideram-na como um ramo da Neuropsicologia.

Verifica-se que a Neurolinguística, em aspecto amplo, “[...] ao estudar os problemas adquiridos e de aquisição da linguagem originários de uma lesão, afecção ou disfunção do sistema nervoso central, é uma disciplina autônoma, possuindo metodologia e princípios próprios.” (LEBRUN, 1983, p. 3) e “[...] interessa-se pelo indivíduo que, tendo uma afecção do seu sistema nervoso central, apresenta dificuldades de adquirir ou utilizar adequadamente um

código verbal.” (LEBRUN, 1983, p. 4). Essa função demarca um campo específico de atuação e confere um caráter particular aos seus estudos.

Para adentrar as questões que distinguem os estudos da Neurolinguística dos estudos linguísticos propriamente ditos, sistematiza-se que o foco do neurolinguista:

É aquele que utiliza a linguagem e não a linguagem em si mesma que prende a atenção do neurolinguista. Ele não estuda as perturbações linguísticas em si mesmo; ele as analisa porque busca, através delas, compreender a desorganização dos mecanismos neurológicos causadores destas dificuldades. Desta maneira, a neurolinguística não considera os déficits verbais como idioletos que se desviam de uma norma e que são estudados isoladamente. Ao contrário, ela se esforça em descobrir a patogenia destes déficits e explicar o comportamento verbal do doente. A abordagem neurolinguística é, por consequência, diferente da abordagem linguística de maneira que o ponto de referência de uma das ciências difere da outra (LEBRUN, 1983, p. 4)

Dessa visão integrada emerge o campo de pesquisa da Neurolinguística, uma área interdisciplinar que tem origem no século XX, a partir de trabalhos realizados entre a ciência médica e a linguística. Mais precisamente, esse aparato ganha importante sustentação na Neurolinguística Discursiva, que transpõe uma reflexão por meio da prática discursiva que possibilita o olhar para os processos de significação constituídos a partir da linguagem em funcionamento, já que “[...] o objeto desta teoria é, pois, o discurso, entendido como a colocação da língua em funcionamento, exercício mutuamente constitutivo realizado pelos protagonistas do discurso, o locutor e o alocutário” (COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 101), aliados a uma prática que relaciona o cérebro e a linguagem na vida em sociedade.

Esta tese fundamenta-se em um campo interdisciplinar de estudos teórico-práticos que consideram a dimensão histórica e social da linguagem, do sujeito e do cérebro, tendo como ponto de ancoragem uma concepção de linguagem fortemente orientada para o discurso (FRANCHI, 1977) e uma concepção dinâmica e plástica de funcionamento cerebral (LURIA, 1981). Assim, são de interesse deste trabalho as formulações sobre a linguagem e a memória para o entendimento dos fenômenos que entram em jogo em casos de dificuldades linguístico-cognitivas.

O ponto de interseção entre linguagem e memória possibilita explorar as evidências que convergem sentido, significados, organizações e reorganizações a partir de sua ligação com questões que se referem à intersubjetividade, ao trabalho linguístico-discursivo dos sujeitos, às experiências socioculturais e às condições históricas e ideológicas que orientam a ação no mundo.

Dessa maneira, a relação entre linguagem e cognição vai além da língua, ou do sistema linguístico organizado em níveis (BENVENISTE, 1966), porque considera o patrimônio biológico que portamos, a qualidade intersubjetiva das relações humanas, as circunstâncias socioculturais e ideológicas, as regras que regulam a vida social, os contextos nos quais os dizeres ganham sentido.

Elucida-se que há uma negociação entre os envolvidos no processo de enunciação, em que a elaboração de um “eu” não é o que é, limpidamente e nitidamente, apreendido pelo “tu”, visto que sempre se pode dizer de outra forma, dado que a linguagem é opaca e explora sentidos, movimentando o conhecimento de mundo, contemplando sujeitos historicamente e ideologicamente constituídos e que são parceiros na comunicação nessa reversibilidade de papéis. Nesse contexto, Orlandi (1999) esclarece que:

Se ao dizer, nós significamos e significamos o próprio mundo, ao mesmo tempo, a realidade se constitui nos sentidos que, enquanto sujeitos, praticamos. É considerada dessa maneira que a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos, mas porque pratica sentidos, intervém no real (ORLANDI, 1999, p. 95).

Ao contemplar a relação entre linguagem e memória considera-se um processo de reciprocidade, em uma configuração de constitutividade que se torna mais rica do que pode ser representada por um som ou pela impressão de uma palavra para a infinidade do código semântico. Dessa maneira, direcionamos este estudo a indivíduos acometidos por lesão cerebral e que tiveram como sequelas alterações de memória, a fim de compreender as relações entre o funcionamento da linguagem e da memória.

A seguir, afina-se o olhar para as especificidades da linguagem, configurando as bases que sustentam a perspectiva de estudo.

2.2 Língua(gem)

Ao abordar a linguagem e a memória na perspectiva de um estudo neurolinguístico, o que se almeja é o esclarecimento de um lugar de estudo que, embora pareça óbvio e naturalmente contemplado por diversos campos de pesquisa, carece de olhares e inferências peculiares para as situações linguísticas, em práticas dialógicas reais, que evidenciam suas relações de coexistência e constituem um campo para observação, análise e intervenção.

Assim, toma-se a referência de linguagem utilizada por Coudry (1988, p. 47), para definir as dimensões contextuais, sociais, subjetivas, em que os homens atuam e se constituem

como sujeitos, abarcando, também nesse modo, a dimensão cognitiva em que atuam sobre o mundo e estruturam realidades, contemplando uma trajetória de envolvimento e constituição.

Esse conceito é endossado a partir das considerações de Franchi (1977) ao argumentar que a linguagem

não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias (FRANCHI, 1977, p. 22).

A linguagem, desse prisma, é um modo de significar o mundo em uma atividade constitutiva em que o trabalho coletivo inclui a subjetividade, revelando-se nesse sistema simbólico que envolve e sublinha o processo cognitivo.

Para delinear esse caminho, esclarece-se, conforme Saussure (1916), que a língua é “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1916, p. 17). A língua está situada para além de qualquer pessoa e anterior a qualquer sujeito, mas o determina. No entanto, é necessário ir além desse conceito para pensar que o sentido não é produzido apenas por palavras inseridas em estruturas linguísticas – a linguagem verbal; o que justifica o uso da terminologia no formato “língua(gem)” como título desta seção, uma vez que salienta que os movimentos do corpo, o olhar, o sorriso, os gestos, a entonação, os acentos, o tom de voz, o silêncio, enfim, todos esses modos em interação, as experiências que constituem sujeitos em práticas sociais compõem a linguagem em um sentido amplo.

Cabe mencionar que a linguagem, interagindo com a memória, liga-se a diferentes maneiras com o que os sujeitos ouviram, sentiram e experienciaram nas práticas dialógicas³, em um processo contínuo de ajuste às informações recebidas. Saussure (1916) aponta para o fato de o valor linguístico constituir um sistema de termos solidários através da relação estabelecida na presença simultânea dos signos em questão. Um signo só tem valor na presença de outro a que se relaciona a todo instante no sistema da língua.

³ Ao contextualizar os aspectos metodológicos da Neurolinguística, considera-se, de acordo com Novaes-Pinto (2011, p. 967), que as práticas dialógicas “têm como base de funcionamento a *interação*”, ao referir-se às interações entre afásicos e não afásicos. Nesta tese inclui-se o contexto de interação dos sujeitos que apresentam comprometimento de memória com os que não apresentam, considerando o papel dos *parceiros da comunicação verbal* (BAKHTIN, 1929).

No momento em que a língua delimita uma fração do plano das ideias e do plano dos sons, efetuando sua união, o signo é considerado positivo porque pode diferenciar-se dos outros signos. Entretanto, a partir do momento em que esse mesmo signo se insere no sistema linguístico, ele passa a ser essencialmente negativo porque seu valor só é determinado por aquilo que o rodeia, envolvendo o campo das abstrações e da materialização.

Ao sublinhar as relações sintagmáticas e associativas, entende-se que "[...] fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas" (SAUSSURE, 1916, p. 143). Na língua, tudo se baseia em relações. Elas, assim como as diferenças entre os termos linguísticos, desenvolvem-se em duas esferas distintas, e, em cada uma delas, há uma ordem de valores. A primeira esfera está inserida no discurso e é a relação sintagmática, ou seja, o encadeamento dos termos na cadeia da fala. Isso exclui a possibilidade de se pronunciarem dois elementos ao mesmo tempo, pois, para produzirem sentido, precisam da linearidade. A ordem de valores do sintagma está na oposição dos termos. A outra esfera está fora do discurso; é a relação associativa, isto é, a formação de grupos com algo em comum que se associam na memória, que se introduz em uma rede de enlaces. Cada uma dessas ordens dispõe de análises particulares.

Thibault (2014), ao estabelecer relações entre as associações linguísticas e a memória, esclarece que “os padrões de associações se relacionam à experiência linguística do indivíduo quando encontram a linguagem em contextos diversos” (THIBAUT, 2014, p. 236), pois é por meio da experiência da linguagem em funcionamento que se efetivam conexões, o que reforça o caráter constitutivo aqui permeado.

Neste contexto, emerge a questão da linguagem em funcionamento e Benveniste (1966) direciona que “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1966, p. 285). Esse linguista argumenta que a enunciação é o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1974, p. 82). Nesse aspecto considera “sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 1974, p. 83). Ao mesmo tempo, esse ato, exercido pelo enunciador, pressupõe a presença de um outro (de qualquer ordem), o alocutário, a quem ele expressa sua relação com o mundo.

Dessa maneira, reitera-se a definição de linguagem como atividade constitutiva dos sujeitos e como trabalho, pois não se detém à quantificação de lacunas ou circunstâncias restritas de usos e regras da língua. Considera-se o funcionamento da linguagem, ou seja, o que

ocorre em meio aos processos de significação e, para avaliá-la, é preciso submergir nas suas peculiaridades, estabelecendo relação com as descobertas, a compreensão das dificuldades e processos alternativos constituídos.

Assim, contempla-se um sujeito que se manifesta por meio da linguagem, tem um papel ativo e (re)constitui-se na interação em que o trabalho de reconstrução do que foi perdido ou modificado em um trabalho conjunto por relações intersubjetivas e pessoais que criam os compromissos de uma cumplicidade, base para o estabelecimento das relações entre os interlocutores, com possibilidade de ser veículo de sentimentos, ideias, emoções, aspirações, em um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências (FRANCHI, 1986)

Por meio desse olhar, cabe destacar o papel dessas comunidades de fala (SAMPAIO, 2006) que são constituídas nos espaços de convivência como o ECOA/UESB e o CCA/UNICAMP. Essas comunidades rompem o paradigma da estigmatização do erro em fenômenos sintáticos, morfológicos, fonológicos, para concentrar-se nas práticas de participação com outras comunidades, que envolvem desde a família, sujeitos que passam por questões de linguagem semelhantes e sujeitos sem acometimentos neurológicos por meio de situações enunciativo-discursivas que são atividades discursivas, linguístico, cognitivas permeadas pelo verbal e não verbal em eventos interacionais com fenômenos estruturadores e organizadores do fluxo discursivo, conectados por constituintes linguísticos, circunstâncias sociais, culturais que tornam possíveis a comunicação, a interação, a significação.

A análise do funcionamento dessas comunidades de fala salienta que, ao lidar com a linguagem, recorre-se a um sistema de referências que nos conduz a pensar o mundo e agir nele, por meio de práticas dialógicas, para criar sentidos, gerar comunicação, em um processo que transmite informações, interage com outros influenciando-os e sendo, também influenciado, em sistema dinâmico de organização da realidade. Dessa maneira, vale ressaltar, a perspectiva de linguagem como ação, atividade constitutiva em que há a presença do trabalho daqueles que por ela atuam, produzindo experiências.

Em circunstâncias ditas patológicas, é necessário considerar o funcionamento da linguagem e o que ocorre em meio aos processos de significação, pois, para avaliá-la, é preciso submergir nas suas peculiaridades. Nesse sentido, Morato (2012) convida à “observação de processos de significação verbal e não-verbal por meio dos quais os indivíduos interpretam e produzem sentido” (MORATO, 2012, p. 47), sublinhando o seu papel na constituição da cognição, na capacidade de refletir sobre as significações constituídas e (re)organizá-las.

A partir disso, Morato (2012) traz, ainda, subsídios para análise da referenciação metadiscursiva que considera a metadiscursividade, integrada aos atos de referenciação, contextualizando “movimentos reflexivos realizados pelos falantes quando se voltam sobre seu enunciado ou sobre o do interlocutor no momento mesmo em que se desenvolve a interação” (MORATO, 2012, p. 45), observando a autorreflexividade do discurso ao referenciar a si mesmo.

Ao avaliar a linguagem, nessa perspectiva, estabelece-se relação com as descobertas, a compreensão das dificuldades e processos alternativos⁴ de significação constituídos em práticas discursivas em que o sujeito trabalha com os déficits e explora a “ação criadora” (COUDRY, 2002) advinda do processo de exercício da linguagem e que direcionam a compreensão de casos particulares, como a relação com a memória. Para delinear os contornos sobre a memória aqui permeados, constitui-se a seção seguinte.

2.3 Memória

O desejo de estudar a memória remonta a um longo período e interessou aos clássicos; Platão, nos anos 400 a.C., comparou a memória a uma tabuleta de cera na qual as impressões podiam ser feitas ou codificadas, armazenadas, para, depois, serem resgatadas, evocadas. Aristóteles contemplou a relação da memória com as imagens mentais, baseando na observação de como a mente armazena a informação, com ênfase no caráter associativo e visual da memória.

Segundo Foster (2011), filósofos do período clássico associavam as memórias “a pássaros em um viveiro ou a livros em uma biblioteca, ressaltando a dificuldade de recuperar as informações depois de terem sido arquivadas – isto é, de pegar o pássaro certo ou localizar o livro desejado” (FOSTER, 2011, p.12).

Na Idade Média e na Renascença, os treinos mnemônicos estiveram presentes nos currículos educacionais e apontam a noção de memória tanto uma arte como um modo de ser no mundo, em uma maneira de reconhecer e administrar a relação entre o eu e o mundo.

⁴ Os processos alternativos de significação, conforme Coudry (2008), exploram “silêncios com expressividade, palavras que não são ditas, palavras ditas, segmentos de palavras, não palavras, e palavras que involuntariamente se apresentam, entremeadas pela presença do corpo, de gestos, percepções, associações, objetos, ações” (COUDRY, 2008, p. 32).

A partir do século XVII, autores como Francis Bacon, René Descartes, John Locke, direcionaram os estudos da memória para a retenção de um dado da percepção, da experiência ou de conhecimento.

Dentre diversas abordagens, estudos, teorias, mapas e modelos que foram constituídos para a memória ao longo do tempo, destacam-se, mais recentemente, no século XIX, as relações entre a memória e o aprendizado verbal. Nesse contexto, o alemão Hermann Ebbinghaus é o primeiro a demonstrar que era possível estudar os processos mnemônicos de forma experimental, desenvolvendo a questão de como um novo aprendizado verbal interagia com o que já havia sido aprendido antes; seus argumentos eram sustentados em um experimento que contemplava listas de palavras e sílabas sem sentido (BADDELEY; EYSENCK; ANDERSON, 2011; FOSTER, 2011).

Outro estudo de destaque foi desenvolvido na primeira metade do século XX por Frederic Bartlett, que rejeitava explicitamente o aprendizado sem sentido como forma adequada de se estudar a memória, enfatizando a importância do esforço na busca do significado por parte do indivíduo que aprende, norteando, em um dos seus estudos mais influentes, a relação da leitura de uma história com a função reconstrutiva da memória (BADDELEY; EYSENCK; ANDERSON, 2011; FOSTER, 2011). Segundo a obra póstuma de Sacks (2017), Bartlett demonstrou que a memória não é originada da simples repetição mecânica, destacando que há sempre uma reconstrução individual e imaginativa.

No início do século XX, o sociólogo Maurice Halbwachs trouxe uma importante ruptura com a ideia que se tinha até então de memória. Acreditava-se que o indivíduo era o único responsável pelo resgate de seu próprio passado, ou seja, que a memória era regida exclusivamente por leis biológicas. Os trabalhos de Halbwachs foram pioneiros, pois trouxeram ao estudo da memória o fator social, mostrando a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo.

Durante os anos de 1950 e 1960, cabe mencionar na psicologia cognitiva, de acordo com Baddeley; Eysenck; Anderson (2011), a ideia de modelos funcionando como teoria que se tornou influente com o desenvolvimento do computador, enfatizando para a memória a necessidade de distinguir entre a codificação ou a introdução na memória, armazenamento de informação e evocação da memória. Isso resultou na proposta de três amplos tipos de memória: memória sensorial, memória de curta e longa duração.

Ao argumentar sobre memória, estudos de caráter biológico como o de Izquierdo (2002) sinalizam que:

Há atualmente um consenso sobre este fato de que o “divisor de águas” das mais antigas memórias infantis, as intraduzíveis, é a aparição da linguagem na vida das pessoas. É óbvio que participam também outros fatores, como a maturação cerebral, o acúmulo de memórias prévias, etc. Mas a linha divisória é claramente a linguagem (IZQUIERDO, 2002, p. 17).

É mister, nesse sentido, analisar a linguagem como componente constitutivo dos processos mnemônicos, que interfere na construção ativa do pensamento, indo além de um registro mecânico de acontecimentos para estabelecer discursivamente o conhecimento.

Não se trata, aqui, de abordar exaustivamente a história dos estudos sobre a memória, tendo em vista a extensão do campo de estudos da memória, mas apenas destacar que o interesse pelo tema vem da evolução de estudos. Pode-se defini-la no seu aspecto neurofisiológico, ou numa das variadas abordagens psicanalíticas, como também é possível encará-la como um fenômeno social – de expressão tanto individual quanto coletiva. Esta faculdade humana, que pode ser entendida como a capacidade de conservar certas informações, possui consequências que extrapolam muito os seus próprios conceitos.

A memória, assim como a linguagem e as outras funções mentais superiores, é fundamental para o entendimento do “eu”, diferencia o homem dos outros animais, contemplando a capacidade de inteligência, recursividade. É por meio da linguagem que se pode contar histórias sobre o mundo e sobre si mesmo, pois o homem coloca-se no mundo como sujeito pela e na linguagem, estabelecendo relação com as coisas e as formas de inferir sobre o que está ao redor. Esse aspecto constitutivo da linguagem interatua com a memória em uma articulação contínua. Nesse sentido, ressalta-se o caráter dinâmico e ativo da memória, pois

É sabido que cada deslocamento, impressão ou movimento nosso deixa certo vestígio e este se mantém durante um tempo bastante longo e em determinadas condições reaparece e se torna objeto de consciência. Por isto entendemos por memória o registro, a conservação e a reprodução dos vestígios da experiência anterior, registro esse que dá ao homem a possibilidade de acumular informação e operar com os vestígios da experiência anterior após o desaparecimento dos fenômenos que provocaram tais vestígios (LURIA, 1979, p. 39).

Diante disso, o conceito de memória formulado por Luria (1981) direcionou os desdobramentos a partir da emergência e análise dos dados da pesquisa aqui apresentada e contemplada na sua totalidade. Para o neuropsicólogo, a memória é um dos processos mentais superiores, que se baseia no trabalho coordenado de um grupo de zonas cerebrais, em que cada uma dá sua contribuição particular para a construção do processo psicológico complexo. Sob esse prisma, reitera-se a concepção de cérebro como “Sistema Funcional Complexo”, em que

funções mentais superiores articulam-se de forma colaborativa durante o desdobramento e a execução dessas funções, como a linguagem, o pensamento, a atenção, a memória, o comportamento e a aprendizagem.

A concepção de tais funções mentais não pode ser entendida de forma localizacionista, mas considera a organização de sistemas funcionando em “concerto”, adotando a postura de investigação a partir do estudo da identificação do que se apresenta comprometido, para deduzir conclusões sobre seu funcionamento, o que coaduna e embasa a abordagem da Neurolinguística discursiva, que pressupõe uma “variação funcional do cérebro determinada pela contextualização histórica dos processos linguístico-cognitivos” (COUDRY; FREIRE, 2010, p. 24).

Há de se considerar ainda que o universo das relações de memória é constituído do esquecimento que é “em grande parte o regulador de ações irrelevantes, interferentes, inibindo a lembrança normal de traços previamente estampados” (LURIA, 1981, p. 250). É necessária a observação da memória ao longo da vida do indivíduo, a ocorrência de falhas e distúrbios para conservar e melhorar as possibilidades da memória, já que

No homem, portanto, este processo altamente organizado de recordação se baseia em um sistema completo de sistemas funcionando em concerto no córtex e estruturas subjacentes, e cada um desses sistemas dá sua própria contribuição específica para a organização dos processos mnêmicos. É razoável esperar-se, portanto, que a destruição ou mesmo um estado patológico de qualquer um desses sistemas deve levar a um distúrbio no curso dos processos mnêmicos, e que o caráter desse distúrbio varie de acordo com o sistema cerebral afetado (LURIA, 1981, p. 252).

A partir da perspectiva luriana, elucidam-se os processos mnêmicos como uma atividade investigadora, complexa e ativa (LURIA, 1981) que requer ação e prática. E, ao interatuar com a linguagem, isso se efetiva, mesmo quando o patológico muda o curso das conexões, pois “a condição básica para a recordação voluntária é a preservação da atividade mnêmica, ou, em outras palavras, de motivos para recordar, de uma tarefa mnêmica e de um sistema de procura ativa de métodos que ajudem na realização desta tarefa” (LURIA, 1981, p. 263).

As formas superiores de processos mentais “estão sempre conectadas com o reflexo do mundo exterior em plena atividade, e o seu conceito perde todo o significado se considerado à parte deste fato” (LURIA, 1981, p. 16), é a vivência com o outro, baseando-se em mecanismos externos, com a participação do sujeito no mundo, e devido ao uso de instrumentos auxiliares, que a memória (enquanto função cognitiva) se modifica qualitativamente e se distancia da

percepção direta, ganhando capacidade de abstração (OLIVEIRA, 2015), é o que ocorre por meio da relação constitutiva com a linguagem. Nesse sentido cabe mencionar que:

Dois fatos, que distinguem claramente esta forma de funcionamento do cérebro humano das formas mais elementares de operação do cérebro animal, são, talvez, as características mais essenciais deste conceito “sistêmico” da localização de processos mentais no córtex. Enquanto as formas superiores da atividade consciente são sempre baseadas em certos mecanismos externos (bons exemplos são o nó que damos no nosso lenço para nos lembrarmos de alguma coisa essencial, uma combinação de letras que escrevemos para não esquecermos de uma ideia, ou uma tabuada de multiplicação que usamos para operações aritméticas) — torna-se perfeitamente claro que esses apoios externos ou artifícios historicamente gerados são *elementos essenciais no estabelecimento de conexões funcionais entre partes individuais do cérebro*, e que por meio de sua ajuda áreas do cérebro que eram previamente independentes tornam-se *os componentes de um sistema funcional único* (LURIA, 1981, p. 16).

Essa perspectiva, conforme Oliveira (2015), reforça o papel que as atividades externas têm com relação à organização das funções psicológicas superiores para entender o impacto cultural dos instrumentos historicamente esculpidos (signos, objetos) no desenvolvimento das funções complexas superiores, endossando o princípio de organização extracortical postulado por Vygotsky e posteriormente desenvolvido por Luria.

Neste sentido, Vygotsky e Luria (1996) argumentam que o desenvolvimento histórico da memória humana está relacionado ao desenvolvimento e à perfeição desses “meios auxiliares” que os seres humanos sociais criaram em sua vida cultural coletiva e exemplificam essa capacidade de desenvolver instrumentos com os nós que os povos primitivos amarravam para estimular a memória, os quipus, “recursos auxiliares de memória convencionais muito difundidos por povos primitivos que exigiam conhecimento preciso por parte daquele que amarrava esses nós” (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 115), configurando o signo como sendo uma construção social, entendido num contexto histórico.

Dessa maneira, a memória constitui-se como uma atividade que ganha configurações singulares nas práticas dialógicas, o que torna relevante a análise das alterações de memória após eventos neurológicos, em discussão na sequência.

2.4 Linguagem, memória e alterações de memória

As alterações relacionadas à memória coocorrem de dificuldades linguísticas, que prejudicam a fluência do processo discursivo, o que instiga a análise do funcionamento das

atividades mnemônicas por meio de práticas discursivas, uma vez que sugerem e podem explicitar as alterações de funcionamento de atividades mentais complexas. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de se considerar a amplitude da linguagem e da memória, como salienta Oliveira (2015), ao mencionar que

a linguagem não pode ser resumida às regras estruturais da língua, ao seu sistema, da mesma forma que a memória não pode ser reduzida aos seus processos neuroquímicos e à sua contraparte biológica. Tanto a linguagem como a memória são sistemas complexos, de natureza semiótica, que emergem ao longo do desenvolvimento humano (OLIVEIRA, 2015, p. 100).

Quando o homem adquire a linguagem, todas as outras funções dão um salto qualitativo no desenvolvimento. A atenção passou a ser voluntária, a memória passou a ser também uma memória realizável, a percepção pelos sentidos não se restringe às formas básicas da atividade humana, mas passam a ser complexas.

Luria (1981) esclarece que é através da relação interpessoal e pela palavra que a função interpsicológica partilhada por pessoas se transforma num processo intrapsicológico de organização da atividade humana e o comportamento externo passa a ser determinado por uma rede semântica interna, que reflete na situação externa, reformula os motivos e interesses e dá um caráter consciente à atividade humana. Nesse sentido, Azevedo (2012) argumenta que

no início de sua história ontogenética, o homem é um candidato à humanização, ou seja, torna-se humano ao apropriar-se da produção dos homens, através da relação. Para humanizar-se, o homem deve desenvolver suas funções nervosas superiores e assim tornar-se cada vez mais livre, cada vez mais independente de suas necessidades naturais, elementares. As funções nervosas superiores são desenvolvidas a partir das formas mais simples, ou seja, funções nervosas elementares, que são involuntárias e com uma relação imediata (direta) com o ambiente (AZEVEDO, 2012, p. 73).

Dessa forma, revela-se o universo de possibilidades que se estabelece na relação entre aspectos linguísticos e mnemônicos, pois “toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calços, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios” (JAKOBSON, 1969, p. 67).

Vygotsky e Luria (1996) entendem que a necessidade de estudar a memória de uma pessoa adulta vai além da forma que a natureza a ofereceu para contemplar o que a cultura criou. Dessa maneira, não limita a memória àquelas leis de reforço e reprodução de experiência que estão impregnadas nas funções mnemônicas naturais. Apontam que para

estudar as leis da memória no homem cultural moderno, tem, por um lado, de incluir nesse estudo os métodos e os recursos que ele emprega, os signos externos que criaram as condições de ambiente social e de desenvolvimento cultural: seu livro de notas, sua capacidade de copiar ou de produzir anotações - todo seu sistema mais ou menos racionalmente organizado de signos externos que ajudam a memória (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 194-195).

Adentrando essa perspectiva, cabe entender os processos que revelam a desarmonia no funcionamento da memória. O que conduz a refletir sobre os casos de alterações de memória advindos de eventos neurológicos, visto que o foco patológico eleva a reflexão sobre a questão da memória, levando a compreender o que foi modificado após o evento neurológico, como também caracteriza as infinitas nuances que os universos sem acometimentos preconizam. Segundo Luria (1981),

há, assim, dois aspectos na análise em processos psicológicos de lesões cerebrais locais. Em primeiro lugar, ela revela o substrato neurológico ao qual se vincula uma atividade particular, e, assim, aprofunda o nosso conhecimento de sua estrutura psicofisiológica interna. Em segundo lugar, ela revela as estruturas gerais que existem em processos psicológicos diferentes (às vezes completamente diferentes), e desse modo ela pode abrir mais uma via para a análise fatorial da atividade mental (LURIA, 1981, p. 263).

O acometimento neurológico é revelador não só do funcionamento cerebral, mas também da singularidade do sujeito, trazendo aspectos amplos e de igual importância. Para explorar os aspectos que interferem nos casos em que se caracterizam as alterações de memória, é preciso explorar o seu caráter ativo.

Ao se considerar todo o universo de estímulos em torno de um indivíduo, envolvendo traços recebidos que formam matrizes multidimensionais que permitem escolhas e formam bases para codificações, reitera-se que o processo de memória está longe de ser simples e passivo; “o *processo de recordação é de natureza complexa e ativa*” (LURIA, 1981, p. 249), permeado de estratégias de lembrança, escolhas, distinções de sinais importantes e inibição do que não é relevante, seleciona o que é apropriado ou não e, aproximando “o processo de lembrança de uma atividade investigadora complexa e ativa, permite ao indivíduo usar as atividades de linguagem” (LURIA, 1981, p. 249), pois os fatores externos são utilizados para restabelecer o interno.

Ao discutir a relação constitutiva das funções superiores, sobretudo a relação entre linguagem e memória, Oliveira (2015)⁵ elucida uma interface sensível na relação entre diversas funções psicológicas superiores, que podem ser vistas tanto na normalidade quanto em estados patológicos que alteram o funcionamento da linguagem, subsídios de interesse para o estudo dos casos de alterações de memória de sujeitos acometidos por eventos neurológicos.

Neste contexto, cabe mencionar que há uma linha tênue entre o normal e o patológico, conforme Canguilhem (1966), sublinhando um lugar propício para observação e análise da capacidade de (re)organização humana. É quando vigora o funcionamento de possibilidades, pois

não existe fato que seja normal ou patológico em si. A anomalia e a mutação não são, em si mesmas, patológicas. Elas exprimem outras normas de vida possíveis. Se essas normas forem inferiores — quanto à estabilidade, à fecundidade e à variabilidade da vida — às normas específicas anteriores, serão chamadas patológicas. Se, eventualmente, se revelarem equivalentes — no mesmo meio — ou superiores — em outro meio —, serão chamadas normais. Sua normalidade advirá de sua normatividade. O patológico não é a ausência de norma biológica, é uma norma diferente, mas comparativamente repelida pela vida (CANGUILHEM, 1966, p. 46).

É preciso ir além de um critério apenas diferenciador entre o que é considerado como normal nas condições humanas para explorar os novos arranjos, entender o que se reconfigurou no processo para compreender o novo padrão de normalidade que se instaura. Desse modo, não se desconsidera a doença e suas vicissitudes, mas se elucida que “a doença não é somente desequilíbrio ou desarmonia; ela é também, e talvez sobretudo, o esforço que a natureza exerce no homem para obter um novo equilíbrio” (CANGUILHEM, 1966, p. 11).

Nesse sentido, endossa-se, na próxima seção, o papel da teoria de Luria que oferece subsídios para analisar as relações entre o cérebro e as funções mentais superiores, como a linguagem, dentro de uma perspectiva qualitativa.

⁵ Cabe mencionar a relevância da tese de Doutorado de Marcus Vinícius Borges Oliveira (OLIVEIRA, 2015), sob a orientação da Professora Doutora Rosana do Carmo Novaes Pinto, intitulada “Palavras na ponta-da-língua: uma abordagem Neurolinguística”, que toma como ponto de partida os fenômenos na “ponta-da-língua”, com olhar voltado para “o momento em que o sujeito procura uma palavra, acompanhado da sensação de que esta já vai surgir ou de que já lhe escapou” (OLIVEIRA, 2015, p. 1), para explorar os princípios teórico-metodológicos da abordagem da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva.

2.5 A relevância dos estudos de Luria para questões de linguagem e memória

Os estudos de Alexandr Romanovich Luria (1902-1977) fundamentam o olhar para as análises aqui apresentadas já que fomentam a integração de campos teóricos comumente tratados separadamente como a neurologia, a psicologia e a linguística.

Nessa perspectiva, a fundamentação luriana sublinha o encontro do conhecimento sobre as funções corticais superiores, a psicologia do desenvolvimento e concepções linguísticas, principalmente sob a influência, respectivamente, de Vygotski e Roman Jakobson, construindo importantes bases para o campo de estudos da neurolinguística. Essa fundamentação revela o desenvolvimento da noção do cérebro funcionando como um todo, explorando o papel do estudo da organização cerebral dos processos verbais em casos de afecções locais do cérebro e das consequências que provocam na comunicação verbal os focos de lesão cerebral de diferente localização.

Luria (1981) argumenta que:

naturalmente, nenhum dos processos mentais tais como a percepção e memorização, gnosias e praxias, fala e pensamento, escrita, leitura e aritmética, pode ser encarado como representando uma “faculdade” isolada ou mesmo indivisível, que seria a “função” direta de um grupo celular limitado ou seria “localizada” em uma área particular do cérebro (LURIA, 1981, p. 15).

Nesse sentido, Luria discute os sistemas do cérebro ao trazer à atenção dos estudiosos para questionamentos sobre um sistema funcional complexo nos quais os mecanismos cerebrais que estão na base da percepção e memória, da fala e do pensamento, do movimento e da ação, inferem sobre o que acontece quando partes individuais do cérebro deixam de funcionar normalmente ou são destruídos por doenças.

Em seus estudos, Luria (1981) postula a existência de três unidades que participam dos processos mentais do homem e fornecem contribuições para qualquer tipo de atividade mental, pois a atividade consciente é sempre um “sistema funcional complexo e ocorre por meio do funcionamento combinado de todas as três unidades cerebrais, cada uma das quais oferece a sua contribuição própria” (LURIA, 1981, p. 78). A primeira unidade seria responsável pelo tono, a vigília e os estados mentais, a segunda por obter, processar e armazenar informações que chegam do mundo exterior e a terceira e última responsável por programar, regular e verificar a atividade mental com uma estrutura hierarquizada.

A partir dessa perspectiva de estudos, Luria (1981) considera que

um foco patológico que surge como resultado de um ferimento, de hemorragia, ou de um tumor, perturba o funcionamento normal de uma dada área cerebral, abole as condições necessárias do sistema funcional particular, e, assim, leva à reorganização do funcionamento das partes intactas do cérebro, de forma que a função perturbada pode ser desempenhada de maneiras novas (LURIA, 1981, p. 81-82).

A percepção luriana de que até mesmo as funções mais elementares do cérebro e da mente transcendiam a natureza puramente biológica, evidenciou o papel das experiências, das interações, da cultura do indivíduo, como influências vivas e formativas, pois Luria (1981) argumenta ainda que

as formas superiores de atividade consciente são sempre baseados em elementos externos (bons exemplos são o nó que damos no nosso lenço para nos lembrarmos de alguma coisa essencial, uma combinação de letras que escrevemos para não esquecermos de uma ideia, ou uma tabuada de multiplicação que usamos para operações aritméticas) – torna-se perfeitamente claro que esses apoios externos ou artifícios historicamente gerados são elementos essenciais no estabelecimento de conexões funcionais entre partes individuais do cérebro, e que por meio de sua ajuda áreas do cérebro que eram previamente independentes tornam-se os componentes de um sistema funcional único (LURIA, 1981, p. 81-82).

Nessas experiências é que a linguagem e a memória interatuam em um processo que advém da rotina, da constância, da motivação e de experiências significativas. Como bem explora Luria (1981) ao salientar que

processos metabólicos ou um influxo direto de informações que evocam um reflexo de orientação não são as únicas origens da atividade humana. Boa parte dela é evocada por intenções e planos, por previsões e programas que se formaram durante a vida consciente do homem, que são sociais em sua motivação e que são efetuados com a participação íntima da fala, inicialmente externa e posteriormente interna. Toda intenção formulada em fala define uma certa meta e evoca um programa de ação que leva à consecução daquela meta. Toda vez que a meta é alcançada, a atividade cessa, mas, cada vez que ela não é atingida, ocorre a mobilização adicional de esforços (LURIA, 1981, p. 40).

A participação da linguagem integra aspectos internos e externos que são constitutivos de um processo ativo e mnemônico e vice versa. Dessa maneira, direciona-se que “a palavra não é apenas um instrumento do pensamento, também é meio de comunicação. Qualquer comunicação, ou seja, transmissão de informações, exige que a palavra não se restrinja a designar um objeto determinado, mas que também generaliza a informação sobre esse objeto.”

(LURIA, 1986, p. 37), em um “sistema de códigos complexos que induzem uma coisa em um sistema de enlces e relações” (LURIA, 1986, p. 42). Nesse sentido, reforça que

a palavra não é uma simples designação de objetos, ação ou qualidade. Por trás da palavra não há um significado permanente; há sempre um sistema multidimensional de enlces. Esses enlces são diferentes (sonoros, situacionais, conceituais); nos sujeitos normais, o papel predominante é dos enlces semânticos (situacionais ou conceituais), que modificam conforme as tarefas desempenhadas pelo sujeito. Nisto consiste a seletividade, a qual é característica das bases psíquicas de utilização da linguagem. Nos estados patológicos do cérebro, altera-se esta seletividade dos enlces verbais, sendo substituída pela emergência igualmente provável de qualquer enlace, dificultando muito o curso seletivo das operações verbais (LURIA, 1986, p. 90).

Nessa perspectiva, sublinham-se os enlces que situam como um elo de uma rede, pois “a palavra é uma rede potencial de enlces multidimensionais” (LURIA, 1986, p. 82). Nessa rede que compõe cada palavra existem enlces de naturezas diversas: sonoros, situacionais, afetivos e conceituais.

O convite é para a análise de que “tanto o processo de denominação quanto o processo de percepção da palavra na realidade deve ser examinado como um complexo processo de *escolha* necessário do ‘significado imediato’ da palavra, entre todo o ‘campo semântico’ por ela evocado” (LURIA, 1986, p. 35). Dessa maneira, infere-se que a palavra introduz um sistema complexo de enlces e relações que precisa ser considerado, evidenciando um caminho para a análise do que não é resgatado pelas lacunas de memória e o fortalecimento do que pode ser retomado a partir dos processos dialógicos.

Com o olhar direcionado ao aparelho da linguagem, analisam-se, na próxima seção, as contribuições Freudianas (1891), para explorar as relações entre linguagem e memória.

2.6 Contribuições freudianas para as relações entre linguagem e alterações de memória

Os subsídios teóricos de Sigmund Freud aqui explorados fazem referência a trabalhos nomeados como pré-psicanalíticos, mais especificamente, ao ensaio sobre as afasias (*Zur Auffassung der Aphasien*), publicado em 1891, que permeia fundamentos teóricos sobre a linguagem e a anatomia funcional do cérebro.

Freud (1891) traz importantes contribuições ao se debruçar sobre as afasias, por meio de um modelo não localizacionista que propõe um aparelho de linguagem para explicar não somente as patologias do entendimento e da expressão das palavras na comunicação, mas,

sobretudo, a base simbólica para a representação do mundo e organização do pensamento. Nesse sentido, esclarece que:

A palavra é portanto uma complexa representação que consiste nas imagens mencionadas ou, por outros termos, à palavra corresponde um intrincado processo associativo em que vêm a entrar os elementos já mencionados, de proveniência visual, acústica e cinestésica (FREUD, 1981, p. 46).

Ao estabelecer que as palavras são fenômenos associativos de representação, constituintes da unidade funcional da linguagem, Freud conduz ao entendimento das associações, criações e conflitos dentro de um universo simbólico (o mundo das palavras), que, segundo Pereira (2020), ganha certa autonomia em relação ao substrato orgânico subjacente ao se submeter a regras associativas e linguísticas dos símbolos e não mais da fisiologia. Assim, “o aparelho da linguagem dispõe de uma tal riqueza de expressões sintomáticas que só dele podemos esperar revelação, através do tipo de perturbação funcional, não só da localização mas também da natureza da lesão” (FREUD, 1981, p. 15), o que sublinha que a patologia da linguagem pode ser reveladora do que se desintegra.

Nesse sentido, Freud, ao alicerçar seus estudos em Hughlings Jackson, defende que o processo psíquico é paralelo ao fisiológico, considerando o correlato físico de uma ideia como algo dinâmico, em que modificações podem ser recordadas. Sob esse prisma, considera, também, a percepção e a associação como aspectos de um mesmo processo, recusando diferenças entre centros e vias da linguagem.

Para explorar essas particularidades, Pereira (2020) ressalta que, atualmente, sabe-se que fibras e tratos nervosos, compostos pelos axônios das células, são uma realidade, porém não transportam “pacotes” de informações completas, como uma palavra, ou uma imagem acústica, mas elementos informacionais que, em interação complexa, permitem a interação entre as diversas partes do sistema nervoso.

As representações de palavras e de objetos são um fenômeno em que cada imagem, na sua formação, desenvolvimento temporal e registro mnêmico, resulta das interações dinâmicas e criativas entre as mais diversas áreas corticais e dos núcleos dispersos pelas regiões subcorticais. Ao criticar o localizacionismo e advogar a teoria das interações dinâmicas, Freud antecipou a teoria sobre a formação dos engramas, ou substratos anatômicos e dinâmicos das interações neuronais que formam as representações e memórias, como assevera Pereira (2020).

Na perspectiva desses primeiros textos de Freud, Caneppele (2010) traz importantes direcionamentos para a questão da memória e ressalta a necessidade de ir para além da memória como dado presente ou ausente ao salientar:

a impossibilidade de conceber a memória como a mera impressão de um fato/percepção guardado em um lugar estático, orgânico ou não: a memória é sempre associação entre memórias, ela é continuamente composta, decomposta e recomposta pelo próprio processo que a atualiza como lembrança. Desse modo, não há o que se recordar, mas modos de construir o recordar. Assim concebida, ela não será jamais independente de um certo caminho, de uma escolha, que é o próprio movimento pelo qual o sujeito se reconhece como o que se constitui como escolha de caminho, como intenção de memória ou de esquecimento, consciente ou inconsciente. A presença de um sujeito que se constrói como intenção de memória, como escolha de caminhos de transcrição para ela (e se constitui assim, ele mesmo, como sua memória), aponta para qualquer exercício de memória pautado em conteúdos. Não se trabalha, portanto, com conteúdos de memória, mas sim com sujeitos de memórias para os quais lembrar é sempre uma escolha, para os quais se efetiva sempre um exercício constitutivo não do conteúdo de memória em si, mas sim dos caminhos da memória – da lembrança como intenção de transcrição, intenção do traço de um novo caminho (CANEPPELE, 2010, p. 131).

Dessa maneira, reitera-se a necessidade de enfatizar a dinamicidade da concepção da memória e dos modos de (re)construir o recordar por meio de um sujeito que atue e seja peça fundamental nesse processo constitutivo, cabendo considerar que a memória e a lembrança é um ato dialógico de lembrar com ou para alguém.

Nesse caminho vivo e repleto de plasticidade, emerge o papel da interação, indo além do cérebro funcional para analisar a linguagem como lugar de significação e interlocução em que o indivíduo é reconhecido na linguagem, o que direciona esta tese para uma fundamentação teórico-metodológica, configurada no próximo capítulo, que dê subsídios para a interlocução, por meio de processos discursivos contextualizados, imersos na significação.

3 O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A explicação de qualquer condição humana está tão ligada ao contexto, é tão complexamente interpretativa em tantos níveis, que não se pode ser alcançada considerando-se apenas segmentos isolados da vida in vitro, e nunca chegará, mesmo no melhor dos casos, a uma conclusão final para além da sombra da vida humana. Pois o ser humano de fato não é “uma ilha”. (BRUNER, 1987, p. XI-XII)

Neste capítulo, delineiam-se os passos percorridos para examinar as condições de produção discursiva de sujeitos com alterações de memória, situando os aspectos teóricos e os métodos que justificam a atuação por meio de interação verbal, os conhecimentos mútuos advindos desse processo e o papel de estratégias e dos participantes envolvidos.

Ratifica-se que, nesta tese, os princípios teórico-metodológicos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva são subsídios direcionadores e, desde a origem dessa abordagem, privilegia-se a pesquisa de caráter qualitativo. Logo após, abordam-se os procedimentos desenvolvidos neste trabalho, e, na sequência, esclarece-se sobre os participantes envolvidos e sua relação com a pesquisa. Por último, o desfecho do capítulo avalia as vantagens e limites, buscando apontar soluções para o que se propõe avançar na discussão do tema.

3.1 A trajetória neurolinguística e suas particularidades no estudo

Adentrando as peculiaridades dos casos de alterações de memória advindas de evento neurológico, urge a necessidade de compreender os efeitos que as associações de linguagem podem apresentar nesse contexto, principalmente relacionados às suas narrativas. Nessa perspectiva, analisou-se a memória a partir das reflexões neurolinguísticas sobre a linguagem, esclarecendo a relação que se estabelece e o que ela pode nos indicar a respeito da cognição humana (LEBRUN, 1983).

Mais especificamente, utiliza-se dos subsídios teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva, que estuda a linguagem em estados normais ou patológicos, dentre os quais a afasia é tema amplamente discutido, além de estudos sobre processos de aquisição pela criança (da oralidade ou da escrita), no envelhecimento normal e nas patologias, o que possibilitou o olhar para os processos de significação constituídos a partir da linguagem em funcionamento (COUDRY, 1988), aliados a uma prática de articulação teórica (Jakobson,

Luria, Freud, dentre outros), que dialoga com a relação entre o cérebro e a linguagem na vida em sociedade.

Diante desses princípios teórico-metodológicos, ressalta-se a pesquisa de caráter qualitativo, a qual descreve, compreende, explica e interage com os processos de significação que o sujeito produz. Nesse sentido, concentrou-se metodologicamente no desenvolvimento de atividades significativas para as situações de interação e de intervenção que resultaram na constituição do *corpus*. Assim, na próxima seção, apresentam-se especificidades do desenvolvimento da pesquisa que serão detalhadas, ou seja, serão delineadas as práticas sistematizadas e interpretativas advindas do fenômeno em funcionamento, no qual o pesquisador também aprimorou a capacidade de observar, analisar e descrever durante o processo.

3.2 Especificidades da pesquisa

Ao objetivar a análise, por meio de práticas dialógicas, de como a linguagem atua em processos de alteração de memória após eventos neurológicos, utilizou-se de práticas sociais com a linguagem, no sentido de explorar ações, analisar a singularidade dos dados, espontaneidade de fatos, situações e condições em situações “que contribuam para que investigador e sujeito aprofundem seu conhecimento sobre as dificuldades que este apresenta bem como as soluções que encontra” (COUDRY, 2020, p. 384).

Esse olhar contempla o interior de um “rigor flexível”, conforme Ginzburg (1989), em que entram em jogo outros elementos, como a percepção do investigador na observação do singular, do idiossincrático, bem como sua capacidade de, com base no caráter iluminador de dados singulares, formular hipóteses explicativas para aspectos da realidade que não se deixam captar diretamente, mas que podem ser recuperados através de sintomas ou de indícios.

Assim, reitera-se a relevância do dado-achado (COUDRY, 1996), que resulta da articulação teórica a respeito do objeto em investigação juntamente à avaliação e acompanhamento dos processos linguísticos e cognitivos envolvidos, em que a teoria conduz ao caminho do dado e o dado alimenta um caminho para discutir e fundamentar a teoria.

Para estabelecer a constituição dos dados, utilizou-se o critério de saturação proposto por de Minayo (2006), que direciona o olhar para o que se repete e pode ser tratado em sua homogeneidade dentro do campo de investigação, sem perder de vista a singularidade de cada processo por meio do encontro com a lógica interna do objeto de estudo e da possibilidade de outros dados relevantes serem produzidos dentro dessa complexidade.

As interações esquematizadas em situações enunciativo-discursivas foram aprovadas pelo Conselho de Ética e Pesquisa, com o protocolo de número 3.770.577, e, inicialmente, compunham uma proposta de estudo com dez participantes, sendo cinco sem comprometimentos e cinco com alterações de memória após eventos neurológicos. No entanto, em decorrência do contexto pandêmico, em virtude da Covid-19, anunciada pela Organização Mundial da Saúde, OMS, em 11 de março de 2020, e que assolou o mundo, houve a suspensão das atividades presenciais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, a partir de 17 de março de 2020, foi impedida a implementação de acompanhamentos presenciais e modificou-se a inserção de estudos de novos casos. Diante dessa circunstância, a pesquisa, que ocorria presencialmente, foi redirecionada para o acompanhamento remoto dos sujeitos.

A configuração do estudo, em vista disso, limitou-se ao acompanhamento longitudinal, no período de dois anos, de dois sujeitos com alterações de memória após eventos neurológicos, em estudo antes da instauração do contexto pandêmico, a partir do acréscimo de aspectos discursivos advindos de relatos e interações com dois familiares desses sujeitos para trazer minúcias relativas a cada caso de alteração de memória, além de dados de vinte sujeitos sem comprometimento de memória e/ou eventos neurológicos, da mesma faixa etária, gênero e escolaridade, a fim de identificar os efeitos da linguagem em alterações de memória.

A emergência dos dados deu-se em contexto dialógico, longitudinal, em meio à interlocução, para possibilitar o exame dos pormenores e marcas individuais e, assim, buscar explicações em vez de tentar encontrar evidências para teorias existentes. Dessa forma, foi possível analisar as variações concernentes à linguagem e à memória ao longo de um período de, aproximadamente, dois anos. Nesse contexto, inserem-se as relações entre o investigador e os sujeitos envolvidos, pois

[...] é fundamental para essa teoria de tendência longitudinal (que fornece condições para que o sujeito exiba suas dificuldades) que o investigador intervenha nos processos de significação alterados. Ele é um parceiro na interlocução. É isto que dá coesão e provoca desordem nos achados; há exposição em câmera lenta do processamento patológico quando a linguagem se apresenta em funcionamento. Aí se vêem o nível lingüístico alterado e a repercussão dessa alteração nos demais níveis (COUDRY, 1996, p. 186-187).

Dessa forma, o que se analisa na linguagem não é medido por moldes, padrões e testes, mas é visto em um processo dinâmico, em que estão envolvidos o investigador e os que participam do processo de interlocução, com o fim de, depois, em um momento de deslocamento e análise, contemplar e sistematizar o que os dados revelam, tendo como alcance

a aplicabilidade social gerada nas relações, no intuito de contribuir com conhecimentos sobre a natureza humana.

As atividades presenciais, realizadas antes da pandemia, ocorreram no Espaço de convivência entre afásicos e não-afásicos (ECO/A/UESB), que é parte do Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística (CeCIN) e tem como sede o LAPEN, com o intuito de oportunizar um ambiente dinâmico, de interação entre pesquisadores, sujeitos e familiares de forma presencial, em encontros semanais, por meio de sessões de acompanhamento individual e em grupo. As atividades desenvolvidas nesses espaços de pesquisa tiveram o intuito de proporcionar situações de interação entre os participantes, resultantes de situações dialógicas reais, contemplando leituras, jogos, conversas, produções escritas, arte, música, filmes e comemorações.

A partir das restrições do contexto pandêmico, o acompanhamento longitudinal foi adaptado ao espaço virtual de interação por meio do *WhatsApp*, um aplicativo de mensagens gratuito conectado à internet para enviar mensagens e fazer chamadas de áudio e videochamadas, com a garantia do protocolo de biossegurança, por meio de um espaço também dinâmico e colaborativo, de interação entre pesquisadores, sujeitos e familiares através de tecnologia ativa. Nesse momento, a instabilidade da configuração de uma nova perspectiva de análise instaura-se e, aos poucos, ganha a confiança dos interlocutores.

Nos acompanhamentos virtuais, intensificou-se o encontro em grupo envolvendo investigadores e sujeitos com alterações de memória, o que possibilitou a troca de experiências por meio da interação e da construção de retomadas coletivas de situações compartilhadas pelo grupo por meio de atividades de leitura, jogos, relatos, filmes e conversas.

O acompanhamento longitudinal está registrado na forma de áudio, vídeo, conversas em aplicativos e tem o intuito de experienciar como os sujeitos em questão lidavam com a linguagem depois do evento neurológico que gerou alterações de memória, partindo de conversas informais; leituras e comentários sobre a temática de diversos gêneros textuais e jogos; comentários sobre filmes, músicas, conversas ao telefone; troca de mensagens e de e-mails e registro de rotinas e atividades na agenda. As sessões em grupo foram realizadas de forma interativa com outros sujeitos, familiares e pesquisadores com o objetivo de compartilhar e socializar experiências com a linguagem. Para estabelecer critérios de análise, utiliza-se de dados de interação com outros sujeitos sem comprometimentos da mesma faixa etária, com o intuito de confrontar dados, inferindo que há singularidades e especificidades em cada caso.

Para o estudo de aspectos relacionados a esses sujeitos sem comprometimentos, a análise foi norteada pelas experiências obtidas através da aplicação, no decorrer da pandemia, de um

formulário, elaborado na plataforma do *Google Forms*, um serviço gratuito para criar formulários online, por meio de abordagem semiestruturada. Os formulários apresentados (conforme modelo em Apêndice A) exploraram perguntas subjetivas, prezando pela liberdade e expressão com detalhes.

A preservação da atividade mnêmica requer a ação, precisa ser fundamentada por situações de autonomia e do exercício da linguagem, daí a necessidade de explorar a análise qualitativa desse contexto, como propõe Oliveira (2015), porquanto é relevante dar voz aos sujeitos para possibilitar a materialização linguística de suas memórias. Essa materialização está presente nas práticas dialógicas que constituem narrativas que configuram um campo para estudo e análise; estas são delineadas na seção que segue.

3.3 Contemplando as narrativas

A partir das práticas dialógicas, tomam-se para a análise as narrativas contempladas nessa práxis, entendendo que, para a construção de uma narrativa, conforme Beilke e Novaes-Pinto (2010), há uma (re)organização tanto das estruturas linguísticas quanto das memórias; é evidente que:

Essas têm se constituído como um lugar interessante para se observar não só as dificuldades dos sujeitos com os processos linguísticos e cognitivos, mas também as possibilidades de resgate de eventos ocorridos no passado – as memórias – por meio das interações dialógicas, pela reorganização da linguagem, com o auxílio dos interlocutores (BEILKE; NOVAES-PINTO, 2010, p. 557).

As narrativas revelam, dessa maneira, evidências do papel da linguagem por meio das interações, com as trocas de papéis entre locutores e interlocutores, com os processos de reorganização, associação e (re)construção de memórias, como atividades norteadoras, em que “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa, não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1989, p. 152).

Além disso, é preciso considerar a amplitude que se revela na narrativa que representa um artifício humano para explorar suas vivências por meio da prática com a linguagem, pois

o ato de narrar é uma das atividades linguístico-culturais mais antigas e mais relevantes da história da humanidade, sendo encontrada em todos os lugares, tempos e grupos sociais, e tendo papel fundamental na transmissão e perpetuação de valores e crenças dos diferentes grupos, desde os primórdios da vida em sociedade. A narrativa, então, é atividade que se confunde com a

história do humano, sendo um dos tipos de discurso que mais resistem nos quadros neurológicos, encontrando-se “ações de narrar” mesmo em acometimentos considerados severos (PANHOCA, 2013, p. 879).

Nesse sentido, ao avaliar a relação entre a linguagem e os demais processos cognitivos, ressalta-se a necessidade de considerar as relações dialógicas, as condições de produção, marcas de subjetividade, alteridade, explorando sua autonomia enunciativa, em relação com o mundo e com o outro, por meio de um processo em que o indivíduo constitui-se pelo uso da linguagem (COUDRY; POSSENTI, 1983) ou pelas marcas que essa linguagem revela da construção de suas memórias.

Outro aspecto relevante a ser considerado, nessa perspectiva, é a constituição da “self-narrativa”, que, segundo Panhoca (2013), dá forma à identidade pessoal, através de revisões, seleções e organizações dos detalhes, em que, “à medida que novos elementos vão sendo adicionados às nossas vidas, as narrativas vão se configurando e nossa identidade pessoal vai sendo construída” (PANHOCA, 2013, p. 879), instaurando possibilidades para endossar questões de singularidade.

Ao explorar o universo da narrativa na pesquisa qualitativa, contempla-se o que os dados podem mostrar a respeito da relação com o mundo, com o outro e com a própria história, possibilitando meios para a análise das ações humanas nas práticas dialógicas e suas constituições nos contextos diversos. Na próxima seção, caracterizam-se os envolvidos na configuração da pesquisa, trazendo as especificidades dos sujeitos com alterações de memória e o papel dos demais participantes.

3.4 Os sujeitos da pesquisa

Para esta tese, os princípios que envolvem a noção de sujeito são relevantes e podem ser compreendidos na abordagem dos dados e nas análises propostas, pois “em uma prática que se dá com o sujeito e visa à avaliação dos efeitos patológicos e à reconstituição desse sujeito, não se devem tomar como referência modelos teóricos que excluem, por pressuposto teórico, o próprio sujeito” (COUDRY, 1988, p. 33). Nesse sentido, Coudry (1988) reitera ainda que:

O sujeito não é alguém que é soberano em relação à língua, nem seu criador. Mas também não é um repetidor ou reproduzidor. Nem deus nem máquina. O sujeito é sempre incompleto, imaturo, e ao mesmo tempo, múltiplo: Ao mesmo tempo social, histórico, psicológico e psicanalítico, biológico, linguístico. Todos esses aspectos convivem no sujeito apesar da especificidade de cada um (COUDRY, 1988, p. 67).

Tais estudos relacionados à linguagem envolvem, assim, um sujeito que se manifesta por meio da linguagem, tem um papel ativo e se (re)constitui na interação em que o trabalho de reconstrução do que foi perdido ou modificado ocorre.

O que se compõe é um trabalho em conjunto por meio de relações intersubjetivas e pessoais que criam os compromissos de uma cumplicidade, base para o estabelecimento das relações entre os interlocutores, porque representa a construção do pensamento, destacando os processos de elaboração; com a possibilidade de ser veículo de sentimentos, ideias, emoções, aspirações, em um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências (FRANCHI, 1986). Isso justifica a utilização do termo “sujeito” em todo o percurso, uma vez que descende de conotações mais amplas do que a nomeação que o termo “informante”, por exemplo, pode dar.

Nesse processo, considera-se a relação heterogênea entre sujeito e linguagem, em suas marcas singulares, nas reversibilidades de papéis nas diversas situações discursivas, em um trabalho ativo com e sobre a língua, por meio de uma natureza epilinguística em que se exploram recursos de sua linguagem e se reutilizam elementos na construção de novos objetos linguísticos até para produzir certos efeitos.

Negligenciar as particularidades desse sujeito é negar a subjetividade. Essas considerações devem remeter ao conceito de sujeito que “[...] tem um trabalho para exercer com/na/sobre a linguagem em relação ao(s) outro(s) e ao mundo (re)organizado” (COUDRY, 2002, p. 102). Dessa maneira, “o trabalho com sujeitos reais, historicamente situados, nos força a reconhecer e a explorar teoricamente o fato de que eles costumam usar a linguagem, seja em sua forma oral, seja em sua forma escrita, de maneira por vezes absolutamente singular” (ABAURRE; COUDRY, 2008, p. 173-174), o que não pode ser apenas categorizado em padrões pré-estabelecidos.

Na busca de aspectos etiológicos para as questões de linguagem e memória, apresentam-se os envolvidos e suas particularidades, elencadas não como padrão de normalidade ou distúrbios, mas como recursos norteadores de reconhecimento do que pôde ser observado e resgatado na pesquisa. Por questões éticas, são utilizados nomes fictícios, no intuito de preservar suas identidades.

3.4.1 Jeferson Moreira

Jeferson Moreira, 50 anos, solteiro, servidor público, nível superior incompleto, é considerado o pilar de sua família. Após a morte recente de sua mãe, vive com dois irmãos.

A família relata que Jeferson foi submetido a uma consulta cardiológica de rotina de avaliação para o trabalho, no ano de 2018, quando detectou que ele era “portador” de uma arritmia; foram prescritos medicamentos para controle, mas ele se recusou a fazer uso contínuo desses medicamentos.

Apaixonado por ciclismo, Jeferson chegava a percorrer 120 quilômetros em trilhas com grupos de amigos e participava dos principais eventos de ciclismo da cidade. No dia 2 de dezembro de 2018, quando saiu cedo de casa para participar de uma prova de ciclismo, apresentou mal-estar; foi atendido no pronto atendimento de um hospital, onde apresentou perda de consciência e três paradas cardiorrespiratórias. O laudo médico⁶ dos primeiros atendimentos relata que “em decorrência da anóxia proveniente do quadro vivenciado, apresentou inicialmente dificuldades na marcha, na fala e na cognição”.

Ficou internado em tratamento médico por 28 dias e, nesse período, foi transferido para um hospital na capital do estado da Bahia para implantação de um CDI (Cardioversor desfibrilador implantável). No laudo médico de 11 de junho de 2019, há o relato de que, de acordo com propedêutica neurológica realizada, apresentou lesão em hipocampo, região que, segundo Luria (1974), relaciona-se a distúrbios de memória e de suas conexões, o que perturba a capacidade geral de estampar traços de experiências atuais e experiências passadas. Lesões da região do hipocampo podem, ainda, ocasionar diminuição do tônus cortical, o que impacta o funcionamento de todas as funções complexas.

O mesmo relatório caracteriza as condições gerais do estado de Jeferson naquele momento, detalhando que “segue sem recuperação cognitiva, apresentando desorientação no tempo e no espaço, além de desinibição sexual, não reunindo condições clínicas para exercer suas condições laborais, por prazo ainda indefinido. Amnésia recorrente para fatos recentes”.

A partir de 2019, Jeferson iniciou a interação com pesquisadores do LAPEN. Inicialmente, apresentou dificuldade para rememorar situações cotidianas que faziam parte da rotina, esquecimento de atividades executadas, interrompendo o fluxo de conversas com a frase “Eu não me lembro!”, proclamada como um ponto final para seu estado. Diversas vezes, utilizou-se da referência a uma sensação de peso na cabeça para tentar caracterizar a dificuldade de retomar lembranças.

⁶ As cópias dos relatórios médicos aos quais este estudo faz referência encontram-se arquivados no Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística (LAPEN/UESB) e são transcritos de forma a preservar a identidade dos sujeitos investigados.

3.4.2 *Vicente Marques*

Vicente, 46 anos, casado, pai de duas filhas, funcionário público, nível superior completo. É reconhecido pela família como responsável, honesto e dedicado ao trabalho. Aprecia a arte de cozinhar e tocar instrumentos de forma reservada.

A esposa relata que, no dia 19 de agosto de 2018, Vicente, que era proprietário de um restaurante e participava, no período, de uma premiação anual para selecionar pratos de destaque para a gastronomia da cidade, sentiu fortes dores de cabeça e estava muito agitado. Resolveram retornar para casa; a esposa percebeu que ele estava confuso e resolveu ligar para uma farmácia para pedir medicamentos. Foi orientada a levá-lo a um serviço de pronto atendimento, onde foi submetido a um exame de tomografia.

Segundo o relatório do médico neurologista, Vicente apresentou “Hemorragia Subaracnóidea por ruptura de aneurisma de artéria comunicante”. Foi submetido “a tratamento endovascular com embolização do aneurisma, apresentando oclusão pós-procedimento da artéria cerebral anterior esquerda, causando isquemia cerebral e sintomas de hemiparesia direita, disfasia e déficit cognitivo, de inteligência, de raciocínio e de memória”.

Foi diagnosticado, também por relatório médico, com “lesão corticossubcortical acometendo o aspecto lateral esquerdo do joelho do corpo caloso, bem como giro frontobasais e aspecto anterior dos giros frontal superior e do cíngulo esquerdos”, área que Luria (1974) relaciona a distúrbios da atividade mnemônica complexa, com prejuízo na capacidade de criar motivos estáveis de recordação e de manter esforço para recordação voluntária, o que interfere na capacidade de transferir traços e, assim, influencia na recordação e reprodução de materiais.

Relata-se, ainda, por meio do relatório de angioressonância magnética, uma “área de alteração de sinal corticossubcortical na alta convexidade acometendo a confluência entre os giros frontal superior esquerdo e giro pré central”. Ao deparar com a lesão frontal, relaciona-se que Vicente apresenta narrativa fluida e ao mesmo tempo tem dificuldade de se localizar no tempo e no espaço, com comprometimento na capacidade de executar e planejar, demonstrando dificuldade na memória de organização de futuro.

Relatos familiares detalham que Vicente ficou internado por 17 dias e, após a alta hospitalar, assemelhava-se a um boneco, sem reações nem emoções. Era outra pessoa. Com o passar dos dias, apresentou melhora, mas ainda demonstrava confusão mental, não se recordava de situações ocorridas poucos minutos antes. Para descrever esse período, a esposa apresentou um vídeo em que ele tenta localizar o telefone para ligar para ela, que estava ao seu lado.

Em 2019, foi encaminhado ao LAPEN, e, nos primeiros acompanhamentos, foi perceptível a dificuldade de manter-se nas conversas, necessitando recorrer constantemente ao apoio do interlocutor para saber se já havia dito ou não o que desejava dizer, repetindo falas, não conseguia rememorar atividades desenvolvidas recentemente ou em sua rotina, apresentava confusões temporais e dificuldade de se localizar espacialmente. A princípio, precisava do acompanhamento da babá da sua filha para chegar à Universidade.

3.4.3 Familiares e outros sujeitos

Esta pesquisa, como já afirmado, analisa relações entre a linguagem e processos de alterações de memória em sujeitos acometidos com eventos neurológicos e utiliza-se também da interação com familiares e outros sujeitos que não tiveram acometimentos neurológicos. Essas experiências exploram vivências obtidas por meio dos familiares de maior proximidade dos sujeitos com alterações de memória, a fim de fornecer subsídios para investigar o perfil, validar informações e permear os direcionamentos de ações constitutivas para rotinas diárias, já que participam, quando possível, das práticas dialógicas.

Outro aspecto conduzido para a investigação foi olhar para os dados de 20 sujeitos que não apresentaram nenhum evento de comprometimento neurológico que afetasse as atividades da memória, selecionados por meio de divulgação de convite aleatório por meio de redes sociais, com vistas a tecer a configuração do que se destoa nos casos de alteração de memória. Como já dito, consideram-se sujeitos da mesma faixa etária e grau de escolaridade a fim de estabelecer consonâncias e dissonâncias com os aspectos da linguagem e da memória.

3.4.4 Demais interlocutores

Nas situações enunciativo-discursivas, os interlocutores norteiam as interações que são constituídas por meio do conhecimento mútuo, indispensável para os processos de significação nas práticas discursivas. Nesse seguimento, participam os investigadores, que têm a formação acadêmica vinculada aos estudos linguísticos e com trajetória de estudos e práticas de acompanhamento neurolinguístico, identificados nos quadros de transcrição por uma sigla de 3 letras, dentre as quais a primeira é a letra “i” (Investigador) em maiúsculo e as duas seguintes, a primeira letra do nome e do sobrenome em minúsculo; em algumas situações, participam também os familiares.

O que é constituído nas relações com os interlocutores estabelece bases para o que pode ser compartilhado na interação verbal, colocando em funcionamento os recursos linguísticos que estão disponíveis, para, depois, em um momento de deslocamento e análise de dados, contemplar e sistematizar o que os dados podem revelar.

3.5 A materialidade da pesquisa

A materialidade da pesquisa é representada por um *corpus* constituído a partir das transcrições de 90 sessões de situações enunciativo-discursivas de acompanhamento longitudinal dos sujeitos com alterações de memória, com duração média de três horas, totalizando aproximadamente 270 horas de gravações.

Ao se considerar os dados que dão visibilidade a fatos de linguagem, ou seja, a dados que não são simplesmente evidências ou exemplos (COUDRY, 1996); mas àqueles que apresentam variabilidade e singularidade, os dados-achados, representando dados naturalísticos. Além disso, exploraram-se dados advindos de trocas de mensagens por meio do aplicativo de *WhatsApp*, imagens fotográficas de registros de encontros presenciais e virtuais, análise da narrativa e observações de familiares, como também a análise de formulários dos sujeitos sem alterações de memória a respeito de si mesmos.

As situações enunciativo-discursivas, que constituem o principal aspecto investigado em dados, envolvem as questões de alterações de memória e englobam práticas dialógicas presentes nas narrativas com pesquisadores, familiares, participantes do ECOA e focalizam a trajetória dos sujeitos com comprometimento de memória em 90 sessões de acompanhamento, através de situações dialógicas diversificadas e de narrativas espontâneas transcritas manualmente (sem a utilização de programas ou aplicativos de transcrição), visto que o investigador participou do processo de interlocução, para, depois, como já dito, em um momento de deslocamento e análise de dados, contemplar e sistematizar o que os dados revelaram, através da análise das minúcias resultantes das interações.

A relevância da ocorrência do dado foi registrada a cada sessão em um banco de dados para nortear o direcionamento de transcrições e análises. Os dados transcritos em quadros seguem, com algumas adaptações, o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, (COUDRY; FREIRE, 2010). Na transcrição, constam o turno de fala, a descrição do locutor, a transcrição da fala e informações sobre o enunciado verbal e não verbal. Dada a necessidade de explorar as

pausas com duração maior que três segundos nas situações enunciativo-discursivas, utilizou-se da (/) para sinalizar a sua ocorrência.

No capítulo que sucede, analisam-se dados-achados obtidos, refletindo através de um olhar que conjuga diferentes perspectivas para observação, construção e reconstrução de aspectos linguísticos construídos na interação, em atividades reais e significativas.

4 DADOS E DISCUSSÕES

Se cada palavra evoca um campo semântico, está unida a uma rede de associações que aparece involuntariamente, é fácil verificar que a recordação de palavras ou a denominação de objetos de nenhuma forma é a simples atualização de uma palavra. Tanto a recordação de uma palavra como a denominação de um objeto são um processo de escolha da palavra necessária dentre todo um complexo de enlaces emergentes e ambos os atos são, por sua estrutura psíquica, muito mais complexos do que se costumava acreditar. (LURIA, 1986, p. 88)

No universo que contempla a linguagem, Jakobson (1969) aponta que o estudo adequado de qualquer ruptura deve compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que parou de funcionar. Nesse sentido, considera-se que cada caso traz especificidades que devem ser consideradas, dado que o universo que constitui essa linguagem não se limita a categorias.

Para trilhar caminhos e relações entre linguagem e memória, neste capítulo, apresentam-se os encontros entre os sujeitos, os investigadores, demais envolvidos e suas constituições por meio da linguagem. Inicialmente, são descritas as maneiras de atuar com os sujeitos com alterações de memória no acompanhamento longitudinal, para explorar, na sequência, os expedientes utilizados nas situações enunciativo-discursivas. É relevante enfatizar, conforme Coudry (1988), que “tais práticas não podem ser estendidas, sem mais, para quaisquer sujeitos: em cada caso, o investigador tem que apurar sua sensibilidade para adequar sua interferência à situação diferenciada” (COUDRY, 1988, p. 75), de acordo com os princípios da Neurolinguística enunciativo-discursiva.

4.1 A avaliação e o acompanhamento dos sujeitos com alteração de memória

As práticas dialógicas contemplam as interações com os sujeitos deste estudo, em situações espontâneas, em que se torna possível a fruição da linguagem e o encontro com os aspectos que representam lacunas ou faltas relativas ao funcionamento da memória.

Nesse processo, destaca-se que a atitude do pesquisador também entra em análise; este deve “variar a cada momento suas estratégias não somente porque cada sujeito é um sujeito, mas ainda porque ele mesmo deve aprender, no processo, numa permanente crítica de seus procedimentos, como interagir com esse sujeito idêntico somente a si mesmo” (COUDRY,

1988, p. 77) e, assim, desencadear a espontaneidade de interações em todos os aspectos, refletindo sobre os aspectos da linguagem que se alteram, constituem ou se reconstituem no universo que envolve situações de natureza patológica.

De acordo com Bakhtin (1997), cabe considerar o *excedente de visão* que faz parte desse processo em que se desloca até o outro, mas depois retorna ao seu lugar de origem. Assim, considera-se o

entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro tal qual ele vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 1997, p. 23).

Cabe também ressaltar fatores importantes para os investigadores conhecerem como o “peso do silêncio, das hesitações, das manifestações de desagrado, para decidir-se entre deixar o sujeito estar com sua dificuldade e elaborá-la epilinguisticamente” (COUDRY, 1988, p. 79), ou seja, explorar a atividade em que o sujeito opera sobre a linguagem, para elaborar contextos e estratégias a fim de que a interação seja possível.

Nesse processo, sublinha-se, ainda, a importância do desenvolvimento do conhecimento mútuo, com senso de atenção e sensibilidade para intervir, fornecer “*prompting* de apoio ao prosseguimento da fala, ou refazer a questão ou modificá-la para restabelecer o equilíbrio das condições dialógicas” (COUDRY, 1988, p. 79).

A análise de práticas discursivas possibilita a intervenção simultânea no processo linguístico, já que vislumbra a real atuação dos participantes. Para explorar esse universo, apresentam-se, a seguir, os dados e discussões resultantes de tais práticas com os sujeitos Jeferson e Vicente, organizados em seções distintas, com o intuito de ressaltar a singularidade de cada sujeito, fator preponderante para a análise das questões de linguagem; logo após, evidenciam-se os dados advindos de interações em grupo, as reverberações provenientes do contexto pandêmico e, por último, os dados de sujeitos sem comprometimento de memória.

4.2 Dados de Jeferson

O acompanhamento longitudinal permeado pelo olhar discursivo-neurolinguístico prioriza a averiguação das práticas dialógicas. Neste sentido, recorreu-se aos registros das sessões coletivas e individuais, buscando extrair dados dos diálogos, situações que

sublinhassem a relação entre memória e linguagem. Nesta seção, toma-se como referência dados com a participação do sujeito Jeferson, que constituem uma possibilidade para analisar as relações entre linguagem e casos de alteração de memória.

Na situação transcrita a seguir no **Quadro 1**, Jeferson conversa com os investigadores Ins e Iic sobre lembranças da época em que ele estudava na universidade, e, nesse contexto, evidenciam-se relações estabelecidas entre palavras que, segundo Luria (1986), constituem um sistema multidimensional de enlaces, assim, por trás de cada palavra, está uma rede de enlaces sonoros, situacionais e conceituais, que se modificam conforme o que é desempenhado por cada sujeito.

Situação enunciativo-discursiva: 27/06/2019

Quadro 1 – Professor Ivanor

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Jeferson	E o Professor Ivanor?	Lembrou do Professor ao resgatar que cursou Física na universidade	
2	Ins	Ivanor! Ele dá aulas aqui no curso de Física.		
3	Jeferson	Ele foi meu professor.		
4	Ins	Ele estudou um período na Rússia.		
5	Jeferson	Sim, sei. Lembro disso. Meu professor.		
6	Ins	Sim. Isso é certeza!		
7	Iic	Você lembra mais de alguma coisa?		
8	Jeferson	Eu acho que eu vou lembrar de mais alguém. Professor Ivanor./	Pausa.	
9	Iic	Parece com o nome de quem? / Oh! Iva / Ivanor	Pausa.	
10	Ins	Pode associar a Iva. Ivanor e Iva.		
11	Iic	Quem é Iva?	Pausa.	
12	Jeferson	Eu tô tentando lembrar do nome de alguém / Ah, Sim! Sim! Sim! Sim! Sim! Iva!		Olha para Iic.
13	Iic	Iva sou eu!		
14	Jeferson	Eu sei que está um pouco difícil. / Tá vendo? Falou agora. Tem pouco tempo. Alguns minutos na verdade. Iva, Iva.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nos dados da situação enunciativo-discursiva acima transcrita, observa-se que o sujeito relata que se recorda de fatos anteriores, mas tem dificuldades para lembrar fatos recentes, como o nome de um dos interlocutores, dito previamente. Nesse momento singular, é apresentada a Jeferson uma relação de semelhança entre nomes que aparecem no diálogo, explorando o fato de que o nome Iva está contido no nome Ivanor (turnos 9, 10), com o intuito de instanciá-lo, pois a contextualização faz com que surjam enlaces.

A sequência, o **Quadro 2**, intitulado “O nome”, dá continuidade a esse processo em outra situação discursiva, quinze dias depois da primeira. Ao conversar com Jeferson, Iic questiona a recordação do seu nome e as associações são retomadas.

Situação enunciativo-discursiva: 11/07/2019

Quadro 2 – O nome

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Você lembra do meu nome?		
2	Jeferson	Lembro!		
3	Iic	Por que que você lembra do meu nome?		
4	Jeferson	Eu vou falar o porquê.	Com alegria	
5	Jeferson	Nós fizemos uma ligação com o nome seu, com o seu nome e/.		Apontando em direção ao outro prédio.
6	Iic	O que é que você apontando no outro prédio?		
7	Jeferson	Professor Doutor Ivanor! Isso mesmo?		
8	Iic	Isso mesmo!		
9	Iic	Então, o nome é?	Pausa.	
10	Jeferson	Iva!		
11	Iic	Você não vai se esquecer. É, você viu o efeito que tem estabelecer uma relação?		
12	Jeferson	Vi sim. Importantíssimo!	Pausa.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O dado é revelador de marcas de alterações de memória que reverberam na interação com o sujeito Jeferson; torna perceptível a dificuldade de evocar fatos, reconhecer pessoas,

resgatar rotinas, mas novos caminhos são trilhados por meio da linguagem em funcionamento. O nome, que não era rememorado em situações isoladas, visíveis no **Quadro 1**, ganha novas associações e é resgatado no **Quadro 2** (turnos de 1 a 10), na interação pela linguagem, estabelecendo novos enlaces.

Na emergência do dado transcrito no **Quadro 3**, a seguir, obtido quase um ano após a situação do **Quadro 2**, estão as marcas das reverberações que o acompanhamento neurolinguístico, permeado pelo exercício discursivo da linguagem, possibilita ao longo das trocas, dos encontros com o outro e das associações propostas. Na situação enunciativo-discursiva descrita no **Quadro 3**, Jeferson e Iic conversam sobre uma mensagem enviada pelo aplicativo *WhatsApp*.

Situação enunciativo-discursiva: 04/06/2020

Quadro 3 – Meu professor

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Você viu a mensagem que eu mandei?		
2	Jeferson	Eu não estou lembrando qual foi.		
3	Iic	Hoje? Você lembra?		
4	Jeferson	Não.		
5	Iic	Por que você começou a ler esse livro hoje?		
6	Jeferson	Porque eu me lembro que você havia pedido para eu ler o capítulo dois.		
7	Iic	Você se lembrou por quê? De que forma eu mandei essa mensagem?		
8	Jeferson	Pelo <i>WhatsApp</i> .		
9	Iic	Conte aí como foi. Você recebeu a mensagem dizendo o quê?		
10	Jeferson	Não lembro.		
11	Iic	Você me perguntou por <i>WhatsApp</i> por uma pessoa que faz tempo que você não vê. Quem é essa pessoa? Você disse “Tem notícias de”/		
12	Jeferson	Dra Nirvana!		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
13	Iic	Não.		
14	Jeferson	Nós nos encontramos semana passada.		
15	Iic	Você me perguntou de uma pessoa. / Não é a Professora Nirvana.	Pausa.	
16	Ins	Tem uma pessoa que eu não tenho visto, que tem respondido que vai participar. Será que é a mesma pessoa?		
17	Jeferson	Não sei.		
18	Iic	Quem é a outra pessoa que participa aqui com a gente?		
19	Jeferson	Ah, sim! Vicente!		
20	Iic	Foi sobre ele que você perguntou?		
21	Jeferson	Não.		
22	Iic	Vou te dar uma dica, não foi sobre Vicente, mas foi sobre uma pessoa que é lá da UESB. Você perguntou sobre quem hoje de manhã?		
23	Jeferson	Não estou lembrando.		
24	Iic	Não? Meu nome lembra o nome de alguém?		
25	Jeferson	Ah!		Risos e choro.
26	Iic	O que é? Meu nome te faz lembrar de quem?		
27	Jeferson	Dr. Ivanor!		
28	Iic	Por que você lembrou dele hoje? Ficou emocionado?		Jeferson ficou emocionado e chorou por conta da recordação.
29	Jeferson	Meu professor.		
30	Iic	A emoção veio por conta da lembrança?		
31	Jeferson	Foi!		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O **Quadro 3** apresenta as configurações da interação com o sujeito e vai além das lacunas que são apresentadas no discurso para ir constituindo significações. Nos turnos iniciais, Iic tenta resgatar a conversa que tiveram momentos antes, por meio do aplicativo, e sobre uma pessoa pela qual Jeferson perguntou. No decorrer da fala, Jeferson é incisivo ao dizer que não se recorda (como pode ser observado nos turnos 2, 4, 10 e 23).

A interação vai trazendo diferentes associações, que ganham força quando Jeferson vai identificando os aspectos que faziam parte da conversa e exclui aspectos que não estavam presentes (como pode ser observado nos turnos 20 e 21). Iic intervém nos processos de rememorações para Jeferson, até chegar ao turno 24, quando diz “Meu nome te faz lembrar de quem?”, trazendo uma referência substancial para o resgate da referência, que é conhecimento mútuo para esses sujeitos (como pode ser observado nos **Quadros 1 e 2**, nas associações entre os nomes Iva e Ivanor).

A experiência comove Jeferson e sinaliza o valor que o recordar representa para o sujeito, revelando a maneira singular como cada um ouve, sente e experiencia as dinâmicas com a linguagem. Essa trajetória aponta “traços de um novo caminho”, como já citado na referência de Caneppele (2010) inspirada nos estudos freudianos, ratificando que “não há o que se recordar, mas modos de construir o recordar” (CANEPPELE, 2010, p. 131).

Os **Quadros 1, 2 e 3** compõem fios de uma trama que tecem processos de construção ou reconstrução de memórias, adquirindo forma na interação com o outro, nas práticas dialógicas em que o signo é a ponte para os enlaces, trazendo lembranças. Os movimentos do processo discursivo ativo, real, oportunizam o funcionamento, e a linguagem revela-se como atividade constitutiva (FRANCHI, 1977), bem como suas possibilidades mesmo quando se apresentam faltas.

Nesse sentido, endossa-se o papel da interlocução e da significação no acompanhamento neurolinguístico, o que pode ser verificado no **Quadro 4**, intitulado “Aniversário”, em que se tenta retomar as lembranças de uma comemoração ocorrida no encontro anterior.

Situação enunciativo-discursiva: 09/10/2019

Quadro 4 – Aniversário

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Você se lembra de alguma coisa que aconteceu na semana passada? Relacionada à Professora Nirvana?		
2	Jeferson	Ela ia viajar?		
3	Iic	Não.		
4	Jeferson	Não?		
5	Iic	Não. Foi um dia especial.		
6	Jeferson	Espere aí. Aniversário?		
7	Iic	Hum! O que que teve? Você lembra que nós fizemos alguma coisa diferente?		
8	Jeferson	Não.		
9	Iic	Não? Ela estava aqui no dia do aniversário.		
10	Jeferson	Teve um bolo? É porque não que eu me lembrei 100% que teve um bolo. Eu enxerguei na mente aqui um bolo de chocolate, coberto de chocolate. Só!		
11	Iic	Hum! Se eu perguntar se você comeu esse bolo?		
12	Jeferson	Não lembro. Mas eu devo ter comido.		
13	Iic	Quando eu falei do aniversário, você teve a imagem do bolo? Foi assim que aconteceu? Foi?		
14	Jeferson	Exatamente. Só que eu me lembro também agora que eu perguntei “Ela viajou?”. Mas é isso, é aniversário dela.		
15	Iic	Ela estava aqui, nós trouxemos um bolo. Aí eu fiquei com Jonas lá fora. Lembra? Lembra disso? Jonas me ajudou a abrir o bolo que não estava abrindo. Aí eu trouxe. Recontando assim, você vai fazendo a reconstrução ou vai criando a imagem na sua cabeça?	Jonas é irmão de Jeferson.	
16	Jeferson	Pelo menos em uma coisa é muito boa, fico leve.		
17	Iic	Mas consegue ter a sensação de que isso aconteceu?		
18	Jeferson	100%? Não. Não lembro. Se me perguntasse alguma coisa do ano passado, eu lembraria 100%. Agora eu não lembro nem 50%.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A situação enunciativo-discursiva transcrita no **Quadro 4** é relevante para vivenciar a interlocução e suas interferências na prática dialógica com sujeitos com alterações de memória. Embora a tentativa de resgate do que foi vivido na semana anterior não resulte em uma rememoração imediata do que ocorreu de fato, entra em fluxo a construção de novos caminhos, que podem ser compostos de resíduos e indícios anteriores e que constituem um processo de significação.

A constituição de sentido vai sendo traçada, e, nos turnos 6, 7, 8, 9 e 10, as trocas com o interlocutor esboçam contornos das lembranças, até que Jeferson diz: “Teve um bolo? É porque não que eu me lembrei 100% que teve um bolo”. A evocação da experiência almejada na situação enunciativo-discursiva vem acompanhada pela autoavaliação de Jeferson, de que nem tudo foi resgatado.

Na sequência, Jeferson apresenta o desencadeamento das rememorações e anuncia: “Eu enxerguei na mente aqui um bolo de chocolate, coberto de chocolate. Só!”, materializando linguisticamente o que pôde ser resgatado.

O fato que Jeferson diz ter “enxergado na mente”, realmente, aconteceu: havia um “bolo de chocolate e coberto de chocolate”. Isso nos lembra do que afirma Luria, acerca das recordações que não se manifestam de forma estanque, mas que reforçam o seu caráter complexo e ativo (LURIA, 1974), revelando um caminho de possibilidades e (re)construções, reafirmando a constituição do processo de lembrança (LURIA, 1974). A seguir, tem-se o registro fotográfico do dia a que o dado faz referência.

Figura 1 – O bolo



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Nessas interações, o enunciado é a materialização singular da articulação entre a memória e a linguagem em que os aspectos linguísticos revelam detalhes que aproximam do vivido por meio da narrativa reveladora dos sujeitos.

Na transcrição do **Quadro 5**, a seguir, observa-se a modificação da negação de lembranças sobre o envio de uma mensagem no decorrer da prática dialógica.

Situação enunciativo-discursiva: 08/08/2019

Quadro 5 – WhatsApp

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Antes de falar da agenda, quero dizer que nos falamos essa semana mais de uma vez.		
2	Jeferson	Desculpe, eu não me lembro.		
3	Iic	Não tem problema. Será que falei por telefone? Lembra de alguma chamada que você atendeu? Ou foi por outro meio?		
4	Jeferson	Eu acho que foi por telefone.		
5	Iic	Não, não foi. Hoje a gente pode se falar por outro meio. Na segunda-feira, como combinado, eu conversei com você.		
6	Jeferson	Como? Meu Deus!		
7	Iic	Escrevendo!		
8	Jeferson	Ah! Já sei. Então, na loucura de meu irmão lá de notebook. Ele me chamou então e a gente conversou um pouquinho.		
9	Iic	Você se lembra disso?		
10	Jeferson	Um pouquinho, eu lembro.		
11	Iic	Na segunda-feira, como combinado, eu mandei uma mensagem para o seu <i>WhatsApp</i> . Vamos retornar esse dia no <i>WhatsApp</i> .		
12	Jeferson	Na segunda?		
13	Iic	Sim. Na segunda-feira no <i>WhatsApp</i> . Não sei se conhece esse moço aqui. Da bicicleta?		
14	Jeferson	Esse rapaz era problema, viu?		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
15	Iic	Era? Não é mais não?	Risos	
16	Jeferson	Eu acho que não.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O que é perceptível no **Quadro 5** é a dinâmica da situação enunciativa, que se inicia com a negação do sujeito sobre a recordação de uma mensagem que lhe foi enviada, como transcrita no turno 2. Ao entrar na interação com seu interlocutor, o episódio é rememorado com apoio nos enunciados, instaurando uma nova perspectiva, conforme observa-se no turno 10, “Um pouquinho, eu lembro”.

As situações enunciativo-discursivas foram permeadas de atividades que impulsionaram os diálogos e estabeleceram laços de compromisso entre os interlocutores, compondo o acompanhamento longitudinal, como foi o caso das leituras de contos, crônicas, fábulas e livros compartilhados e lidos conjuntamente. O **Quadro 6**, apresentado a seguir, demonstra os efeitos dessas atividades.

Situação enunciativo-discursiva: 25/09/2019

Quadro 6 – Pedacinhos

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Jeferson	Na verdade, eu estou falando isso aqui porque você falou algo que a gente vai pegando os pedacinhos e lembrando. Na verdade, na verdade, eu não me lembrei de nada, mas você falando e tal, eu estou fazendo. Entendeu?	Comentário após momento de reescrita do conto “O caso de Miguel” ⁷ lido na semana anterior.	
2	Iic	Mas quando eu falo, é só a minha fala te satisfaz ou alguma coisa em você é acionada?	Pausa.	
3	Ins	Quando eu falei para você “Miguel”, alguma coisa em você foi tocada?		

⁷ Disponível no anexo A.

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
5	Jeferson	Eu acho que o fato dele ser pintor.		
6	Iic	Hum. Vem em você algo dizendo que essa informação não é nova? / Porque quando eu fui falando de Miguel, você foi lembrando da morena, da loira.	Pausa.	
7	Jeferson	Sim. Isso soa como algo anterior.		
8	Iic	É válido? Qual a sensação que você tem?		
9	Jeferson	A sensação que eu tenho é que tem um texto lá em casa que eu já li o texto. Entendeu? Eu me lembro que fiquei, eu diria indignado, com alguma coisa. Como é que pode fazer isso? Não sei.		
10	Iic	Então. Você me falou que é como um quebra-cabeça que, quando você fala comigo, vai juntando as partes.		
11	Jeferson	Exatamente. É verdade!	Com entusiasmo.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O **Quadro 6** retrata as vivências de Jeferson no decorrer do processo, que, novamente, inicia-se com a fala “eu não me lembrei de nada, mas você falando e tal”; isso sugere que o que foi dito está relacionado às vivências compartilhadas, aos pressupostos, ao conhecimento mútuo. No decorrer da interação, a situação ganha outra configuração na sua própria enunciação quando consegue retomar, no turno 5, particularidades do texto que remetem a um dos personagens lidos no conto, que consta nos anexos.

Ao ser questionado, no turno 8, sobre a sensação que tem ao resgatar fatos anteriores, Jeferson detalha, no turno 9, aspectos que estabelecem conexões com as memórias realizadas, preenchendo lacunas, combinando vivências que conduzem ao caminho almejado, compondo um “quebra-cabeças” que seu interlocutor resgata como comparação feita por Jeferson, confirmada por ele com entusiasmo ao proferir “Exatamente. É verdade!”.

As sensações advindas dessas vivências manifestam por meio das palavras e gestos, revelando significações, como pode ser percebido no **Quadro 7**.

Situação enunciativo-discursiva: 28/05/2020

Quadro 7 – Sensação

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Qual a sensação que você tem quando vamos retomando a leitura?		
2	Jeferson	Eu sinto um negócio passando aqui.		Passa a mão na testa.
3	Iic	E esse negócio faz o quê?		
4	Jeferson	Faz isso, oh?		Movimenta a mão de um lado para o outro.
5	Iic	Mostra, revela?		
6	Jeferson	Eu sinto como se alguém tivesse passando a mão aqui. Passe a mão na sua testa. É como se alguém tivesse pegado. É como se alguém tivesse pegando na minha testa.		
7	Ins	É físico também?		
8	Jeferson			Balança a cabeça afirmativamente.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao ser questionado sobre o que sente ao conseguir resgatar a leitura que realizou em um momento anterior, Jeferson explora a amplitude que a rememoração pode atingir, revelando a sensação física, além da referência psíquica, que a prática dialógica pode revelar.

Observa-se aqui que a apreensão das sensações por Jeferson ocorre mediante uma série de ações mediadas pela linguagem e materializadas na linguagem verbal. Assim, a sensação de que “algo” aconteceu e de que esse “algo” está em sua mente, em meio a uma operação imaginária, o que pode ser verificado em: a) “Teve um bolo? É porque não que eu me lembrei 100% que teve um bolo. Eu enxerguei na mente aqui um bolo de chocolate, coberto de chocolate. Só!” (**Quadro 4**, no turno 10); b) “A sensação que eu tenho é que tem um texto lá em casa que eu já li o texto” (**Quadro 6**, no turno 9) e c) “Eu sinto como se alguém tivesse passando a mão aqui. Passe a mão na sua testa. É como se alguém tivesse pegado. É como se alguém tivesse pegando na minha testa” (**Quadro 7**, no turno 6).

Esse universo de sensações perpassa uma linha tênue que registra os efeitos da alteração de memória e os caminhos que podem ser (re)constituídos por meio do exercício como sujeito da linguagem.

Na situação transcrita a seguir, Jeferson e Iic tentam resgatar o encontro anterior, em que tiveram muitas conversas sobre as cidades da Caatinga e fotos apresentadas pelo sujeito.

Situação enunciativo-discursiva: 04/07/2019

Quadro 8 – Caculé

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Você lembra de onde eu sou?	Pausa.	
2	Jeferson	Vou lembrar. Vou pensar aqui e vou lembrar. Peraí.	Pausa.	
3	Jeferson	Uma cidade bem conhecida pela festa que tem lá.	Pausa.	
4	Jeferson	I alguma coisa, não?! Não! É que eu imaginei, pensei que era uma cidade I alguma coisa.	Pausa.	
5	Iic	Ah! É uma cidade que tem a ver com a Caatinga.		
6	Jeferson	Foi. Tem a ver com a Caatinga, mas eu não estou me lembrando exatamente.		
7	Iic	Nem com a bicicleta, o Ciclo Caatinga? Você lembra que a gente falou disso? Lembra?	Pausa.	
8	Jeferson	Embora eu me lembre que a gente conversou./	Pausa.	
9	Iic	Você não se lembra o nome da cidade.		
10	Jeferson	Não me lembro, mas conversamos sobre ciclismo, sobre UESB, sobre meu professor. Não é?		
11	Iic	Que mais a gente viu naquele dia?		
12	Jeferson	Quem a gente viu? Ou o quê?		
13	Iic	Não. O quê. Que material a gente viu? Que vocês trouxeram?		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
14	Jeferson	Ai, meu Deus!		
15	Iic	Tinha Artur! Não! Gustavo!		
16	Jeferson	Gustavo. Pequeninho.		
17	Iic	Pequeninho! Era mesmo! Era o quê? Você trouxe o quê?		
18	Jeferson	Fotos. Acho que fotos.		
19	Iic	Isso mesmo! Se eu te der uma pista da minha cidade, será que você lembra? Ca?		
20	Jeferson	Caetité?!		
21	Iic	Quase! Pertinho.		Risos
22	Jeferson	Meu Deus!		
23	Iic	Vamos lá! É / Caraguataí, Caetité, Caculé! Qual é a minha?		
24	Jeferson	Caculé!	Com alegria.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O evento neurológico é revelador das dificuldades em evocar fatos, reconhecer pessoas, resgatar rotinas, mas, por outro ângulo, mantém a fluidez da linguagem em funcionamento. No entanto, as memórias que pareciam inacessíveis, como os detalhes das fotos e o nome da cidade de Iic (Turnos: 10,14), vão sendo resgatadas e construídas na interação, ganhando novas formas, por meio de novas associações, adentrando o universo do que é possível e estabelecendo novas conexões e um novo padrão de normalidade (Turnos: 5, 16, 20, 24).

As condições de interação no **Quadro 8** não surgem do nada; são constituídas a partir da relação que a cidade em que Iic morava tinha com eventos de ciclismo, que era um grande interesse de Jeferson. Ao buscar as relações possíveis com o nome da cidade, o interlocutor de Jeferson explora diferenças entre os termos linguísticos pelas relações associativas que vinculavam a cidade aos eventos de ciclismo e à caatinga (Turnos 3 a 7).

Além disso, Jeferson vai buscando elementos que possibilitem alcançar a referência desejada, como ocorre no turno 4, quando diz “I alguma coisa, não?! Não! É que eu imaginei, pensei que era uma cidade I alguma coisa”, tentando selecionar uma palavra com a inicial “i”,

em uma escolha equivocada. Quando se chega ao turno 19, o *prompting* “Ca” apresentado pela investigadora o aproxima da palavra-alvo, e ele resgata o nome de uma cidade vizinha à desejada, que se iniciava também com a sílaba “Ca”, “Caetité”, recorrendo a um encadeamento possível na relação sintagmática com sentido e linearidade. No turno 23, ao vislumbrar o nome de várias cidades iniciadas pela sílaba “Ca”, não se tem dúvida em selecionar o nome correto.

Com base nos delineamentos aqui feitos, observa-se que os estudos da linguagem podem contribuir para as análises relativas às alterações de memória após eventos neurológicos, pois interatuam ativamente com a memória, possibilitando processos de (re)constituição recíprocos.

Nesse processo, destaca-se a importância de acompanhamentos neurolinguísticos discursivos para oportunizar o espaço da interação da linguagem, por meio de práticas cotidianas, em que o movimento da linguagem e o da memória possam ser instanciados naturalmente. O **Quadro 9**, a seguir, ilustra a reciprocidade desse processo.

Situação enunciativo-discursiva: 16/07/2019

Quadro 9 – A data

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Que dia é hoje?		
2	Jeferson	Meu Deus!	Em tom de desânimo.	
3	Iic	Você está no mesmo dia em que costuma vir?		
4	Jeferson	Ah, tá! Hoje é terça-feira, provavelmente, próximo das 14:30, eu acho.		
5	Iic	Como você sabe?		
6	Jeferson	Porque você me disse anteriormente que seria nesse horário e nesse dia.		
7	Iic	Por que a gente costuma se reunir que dia?		
8	Jeferson	Às quintas.		
9	Iic	Você viu que interessante a relação que você foi buscar? Mesmo que não se lembrasse do dia de hoje, você foi buscar uma referência que foi o dia que marcamos para você retornar aqui.		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
10	Jeferson	Sim, sim.		
11	Iic	Sua memória pode falhar? Pode. Mas é interessante buscar referências para conseguir articular, organizar as ideias.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao tentar rememorar a data, Jeferson sente-se impactado pelo fato de não saber de que dia se tratava, e, na interação, quase que automaticamente, esse bloqueio é modificado pela intervenção do seu interlocutor, que oferece uma possibilidade de associação com o dia do acompanhamento, e muitas retomadas tornam-se possíveis.

Diversos caminhos são trilhados na interação, repletos de situações adversas e impactantes. O **Quadro 10**, intitulado “Presente”, foi obtido alguns dias após o falecimento da mãe de Jeferson, com quem ele vivia junto a dois irmãos e que era um grande apoio para ele; mesmo idosa, não media esforços para cuidar de sua rotina e necessidades. Na situação enunciativo-discursiva, as interlocutoras conversam sobre os dias de luto.

Situação enunciativo-discursiva: 25/09/2019

Quadro 10 – Presente

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	E você, Jeferson, como está? Como é que viveu isso tudo? Como foram esses dias para você?		
2	Jeferson	Dentro de casa, conversando com quem chega. Ando muito.		
3	Iic	Se você fosse contar tudo o que viveu nesses dias, contaria como?		
4	Jeferson	Eu não lembro quando, não me lembro. O que eu posso dizer para vocês é que minha mãe é tudo para mim ainda. Entendeu? É tudo para mim. E ela está ouvindo eu falar isso.		
5	Iic	Você se lembra de quando ela estava no hospital? Chegou a ir até lá?		

(continuação)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
6	Jeferson	Não me lembro e também não me lembro se eu fui até lá. Eu não me lembro.		
7	Iic	Você se lembra do dia em que ela saiu de casa?		
8	Jeferson	Não. Não lembro de nada com relação ao que aconteceu, a tudo relacionado a nós, a nossa família, que acarretou na morte da minha mãe, eu não me lembro de nada. Não lembro. Talvez eu possa ficar lúcido depois que essas coisas chegarem aqui na mente. Entendeu?		
9	Iic	Quando você acorda, de manhã, tem se lembrado do fato? Ou precisa que alguém te fale sobre?		
10	Jeferson	Não lembro não.		
11	Iic	Hoje de manhã quando você acordou, tomou café, já sabia que sua mãe não estava mais aqui?		
12	Jeferson	Sabia. Aham.		
13	Iic	Lembra o dia que te encontrei no velório? Você me disse que não se lembrava que sua mãe havia morrido, acordou de manhã e não se lembrou.		
14	Jeferson	Que eu encontrei com você e falei? Não lembro não.		
15	Iic	Estive lá na igreja, sentei um pouco com você. / Eu e a Professora Nirvana trouxemos uma coisa para você.		
16	Jeferson	Eu vou abrir.		Crise de tosse.
17	Iic	Pode abrir! Pode tossir também.		
18	Jeferson	Posso puxar aqui?		
19	Iic	Sim.		
20	Jeferson	Quando tudo terminar, eu vou trazer um presente para vocês!		
21	Ins	A gente gosta de presente, mas /		
22	Iic	Você já é um presente.		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
23	Jeferson	Ô, só um minuto. Alô? Alô? Alô? Ô, minha mãe faleceu. Oi? Você me desculpe, minha mãe faleceu. Olhe, você liga para mim em uma outra hora porque agora estou em atendimento aqui. Certo? Tá bom. Ô, desculpa, viu?/ Querendo falar com minha mãe. Eu vou ligar depois.		O telefone de Jeferson toca, e ele pede para atender. Alguém desejava falar com sua mãe.
24	Iic	Não, sem problemas. Nós te demos isso aqui. Lembra?		
25	Jeferson	Ah, sim.		
26	Iic	Você falou que, quando estiver saindo daqui /		
27	Jeferson	Saindo daqui? Ah, sim! Lembrei! Eu pensei no momento. Entendeu? Porque eu já comprei o que preciso. Lembra da escultura? Vou fazer um presente para vocês.		
28	Iic	Que legal!!		
29	Jeferson	Vou fazer bem bonito! Vocês que vão me dizer se está bonito ou não.		
30	Iic	Com certeza, vai estar.		
31	Ins	Gostei! Gostei mais ainda de você ter se lembrado que conversou com a gente antes da ligação. Isso é um presente!		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O **Quadro 10** reitera as particularidades que envolvem o comprometimento de memória e a sua materialização na prática dialógica com as diversas verbalizações “Não me lembro”, que, consideradas isoladamente, seriam um ponto final para a interlocução, mas, no exercício da linguagem, em um direcionamento discursivo e permeado por associações, tornam-se um terreno fértil para intervenções que vão ganhando sentido no decorrer do dado.

No contexto, tornam-se perceptíveis as possibilidades de (re)construções até chegar ao momento em que desencadeiam novas trajetórias e retomadas, como evidenciado no momento em que ele atende a ligação e resgata com autonomia a experiência da morte da mãe, interagindo com o interlocutor do telefonema (turno 23). Esse desencadeamento vai impulsionando enlaces e relações que vão se consolidando, até chegar ao final do dado, no turno 27, com a retomada

do que estava conversando antes de ser interrompido pela ligação telefônica, ou seja, há uma reorganização.

Ao considerar um sujeito que, em função de um dano orgânico, como o caso de Jeferson, apresenta novos processos para se chegar à lembrança, direciona-se à perspectiva da Neurolinguística Discursiva para analisar a questão de memória, como um exercício coletivo, social, intersubjetivo, que busca superar déficits ou perdas.

Nesse processo, considera-se relevante aspectos como o conhecimento mútuo que foi fortalecendo o resgate de experiências anteriores, como ilustra o **Quadro 11** que mostra a retomada do livro que foi tema de um encontro anterior.

Situação enunciativo-discursiva: 02/10/2019

Quadro 11 – O livro

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	E na última reunião? Você se lembra de alguma coisa que tenha recebido aqui?		
2	Jeferson	Eu estou me lembrando assim, que eu estava no meu quarto, olhei para o lado e tinha alguma coisa assim.		
3	Ins	Daqui?		
4	Iic	E era o quê?		
5	Jeferson	Alguma coisa para ler.		
6	Iic	E era o quê?		
7	Jeferson	Sim./ Peraí. / Meu Deus do céu! / Estou me lembrando que eu li num instantinho.		
8	Iic	Foi? E achou o quê?		
9	Jeferson	Mas eu não me lembro de nada.		
10	Iic	Não?		
11	Jeferson	Não.		
12	Iic	Era uma leitura rápida? Era um folheto?		

(continuação)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
13	Jeferson	Desse tamanho aqui assim. Oh! / Mais ou menos e assim mais ou menos. É pequeno. Não é brasileira. Não sei a nacionalidade.		Faz gesto com as mãos para mostrar o tamanho do livro.
14	Iic	Lembra o título?		
15	Ins	Tem como olhar aí?	Solicita a Iic uma busca na internet.	
16	Jeferson	A cor da capa é amarela.		
17	Ins	Iic perguntou “É um folheto?”		
18	Iic	Um folheto da rua?		
19	Jeferson	Não, é um livro.		
20	Iic	Tinha um animal na capa?		Uma pessoa entra na sala.
21	Jeferson	Tinha um animal sim, mas agora estou na dúvida se era um bovino ou uma ave.		
22	Iic	Ah! Um animal bravo. Não era nem um bovino e nem uma ave.		
23	Ins	Bravo? Era réptil ou felino?		
24	Iic	Felino!		
25	Jeferson	Um leão!		
26	Iic	Leão ou leoa? Nunca sei.		
27	Jeferson	Leoa.		
28	Iic	Leão tem juba.		
29	Jeferson	Oh! Meu Deus! Lembrei que quando eu estava lendo, quando eu olhei para a capa, eu falei assim: “Ela está muito folgada” com a mão assim.		Posicionando a mão próximo ao queixo, animado.
30	Iic	Ah! Você se lembrou!		
31	Jeferson	Me lembrei sim.		
32	Iic	Você viu como você foi puxando? Primeiro, você foi no seu quarto e disse que tem alguma coisa ao lado da sua cama; depois, fala que a autora não é brasileira, é um autor, na verdade, Bradley Trevor Greive, autor de “Um dia daqueles”.		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
33	Ins	O que eu tenho é “Um dia daqueles”, eu ganhei quando meu pai faleceu. E você? Ganhou quando?		
34	Jeferson	Na última vez que eu estive aqui, vocês me deram.		
35	Iic	E por conta de que evento? O que aconteceu nos últimos dias?		
36	Jeferson	Meu Deus! O que aconteceu? O que aconteceu? /		
37	Iic	Com a sua família nos últimos tempos.		
38	Jeferson	Bom, o que eu estou lembrando é da minha mãe que se foi.		
39	Iic	Isso.		
40	Jeferson	Exatamente. Para me ajudar nesse momento.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A situação enunciativo-discursiva retratada no **Quadro 11** esclarece diferentes nuances que recobrem o espaço das trocas discursivas, as quais alimentam processos de associação e significação, desencadeando conexões que se ampliam no encontro com a fala do outro.

No diálogo, os parceiros da comunicação (re)constituem caminhos, o que permite a Jeferson posicionar com firmeza nas suas lembranças, contemplando os efeitos das práticas dialógicas para as evocações almejadas, como é perceptível nos turnos 13, 16, 19, 21 e 25.

No turno 29, Jeferson atinge o ápice de suas memórias na situação enunciativo-discursiva, ao reconfigurar aspectos da leitura com vividez, mesmo que, na continuidade do diálogo, outras lacunas surjam, como, de fato, ocorre no turno 36, quando não consegue lembrar o motivo de ter ganhado o presente. Novamente, o outro interfere e aciona recursos que possibilitam ativar o conforto de um desfecho no turno 40, com o recorte conclusivo “Exatamente. Para me ajudar nesse momento”.

A dinâmica do encontro faz surgir possibilidades linguísticas que estabelecem pontes para a memória por meio das relações sintagmáticas/metonímicas que compõem desencadeamentos sobre o animal que estava na capa do livro (a partir do turno 20) e relações associativas que estabelecem conexões entre os conceitos para chegar ao que se deseja (Turnos de 23 a 28) nas práticas dialógicas.

Aqui não se configuram essas *pontes* – os enlaces – como processos estanques presos unicamente a fatos congelados, mas como um processo ativo e dinâmico. O **Quadro 12**, apresentado na sequência, reforça essa dinamicidade, ao contemplar mais um momento em que Jeferson inicia sua fala dizendo que não se lembra de nada ao tentar retomar sua rotina.

Situação enunciativo-discursiva: 22/01/2020

Quadro 12 – Parada Cardíaca

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Teve alguma coisa diferente na sua rotina nesses dias?		
2	Jeferson	Não tem como eu falar porque é como se estivesse vazio. Não lembro de nada, nada, nada.		
3	Iic	Como você chegou até aqui? Vieram de Uber?		
4	Jeferson	Não. Viemos com o carro do meu irmão.		
5	Iic	Como é que não lembra de nada?		
6	Jeferson	Ah, sim. Eu quero dizer de antes.		
7	Iic	Falamos da agenda. Quando chegou naquele dia 28 de dezembro, que você resgatou aquele fato, foi o aniversário de?		
8	Jeferson	De Sr. Sued, que é pai de Márcio.		
9	Iic	Você se lembrou de alguma coisa, lembrou de Márcio. Você se lembrou, pode não vir a memória inteira. Então, a memória não está vazia. Tem muita coisa para buscar.		
10	Jeferson	É verdade.		
11	Iic	Quando está aqui, você está consciente do que está vivendo aqui?		
12	Jeferson	Sim.		
13	Iic	Quando entrou pela porta, sabia sinceramente quem eu era?		
14	Jeferson	Sim, Iva!		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
15	Iic	Essas marcas aqui foram depois do que aconteceu com você no ano passado. O ano passado não! Em 2018! O que aconteceu com você?		Aponta para as cicatrizes no ombro esquerdo de Jeferson.
16	Jeferson	2018?		
17	Iic	Em dezembro de 2018.		
18	Jeferson	Eu me acidentei em 2018?		
19	Iic	Foi.		
20	Jeferson	Meu Deus do Céu!		
21	Iic	E foi um acidente?		
22	Jeferson	Foi, de certa forma, porque foi quando eu senti. Acho que eu tive um acidente. / O coração. / Fala como? Um acidente. /	Pausas.	
23	Iic	No coração? O que aconteceu no coração?		
24	Jeferson	Não sei.		
25	Iic	Não consegue definir a palavra para usar?		
26	Jeferson	Sim.		
27	Iic	O que acha que aconteceu com o seu coração?		
28	Jeferson	Parou!		
29	Iic	Ah! Então teve o quê? Uma pa. /		
30	Jeferson	Parada Cardíaca.		
31	Iic	É isso que você queria dizer.		
32	Jeferson	Sim. É verdade.		
33	Iic	Não veio a palavra, e você foi para outra relação. Não veio “parada cardíaca”, mas você conseguiu definir “meu coração parou”. Quando faltar uma palavra, tente explicar.		
34	Jeferson	Exato.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A negação inicial de Jeferson, novamente, instancia a lacuna que a alteração de memória gerou. No turno 2, ao dizer que “Não tem como eu falar porque é como se estivesse vazio. Não lembro de nada, nada, nada”, abre uma lacuna que poderia finalizar a situação enunciativo-discursiva, mas, na intervenção do interlocutor, foi possível o direcionamento de outros caminhos, que vão retomando a maneira como ele chegou ao acompanhamento, as anotações na agenda.

Ao percorrer novos caminhos no início do diálogo, o impacto da negação de Jeferson não é desconsiderado. Iic vai retomando a situação e questiona sobre a consciência do que tem vivido, até que se chega à data de ocorrência do evento que desencadeou os problemas de saúde (Turnos de 9 a 18). Nesse percurso, Jeferson sente dificuldade de nomear o que ocorreu no período e o define como um acidente. No diálogo, ao ser questionado se foi um acidente, Jeferson estranha sua própria fala e diz no turno 22 “Foi, de certa forma, porque foi quando eu senti. Acho que eu tive um acidente. / O coração. / Fala como? Um acidente. /”, em uma tentativa de encontrar o termo apropriado.

A falta de elementos para nomear desagradava Jeferson, e o interlocutor, ao perceber que se tratava de uma dificuldade de evocar, instiga outras associações, que o direcionam à aproximação do termo desejado, até que, no turno 29, materializa um *prompting* que repercute no resgate imediato da vivência por Jeferson.

Nesse sentido, urge a necessidade de observar e intervir de acordo com as singularidades dos aspectos que reverberam nas práticas dialógicas. Com esse propósito, analisam-se, na seção seguinte, as relações observadas entre os jogos de *videogame*, as associações de linguagem e as alterações de memória, a partir do acompanhamento de Jeferson.

4.2.1 Videogame, linguagem e alterações de memória: encontros e revelações⁸

Esta seção é desenvolvida a partir da emergência da temática e da prática com jogos de *videogame* no acompanhamento longitudinal, ao considerar o espaço de possibilidades desses jogos, que extrapolam as questões de entretenimento e sublinham perspectivas de práticas constitutivas condutoras de interações e ações verbais para o jogador.

O interesse de Jeferson pelo jogo de *videogame Free Fire* é um meio para analisar o leque de possibilidades que advém da interação em um espaço virtual que pode ser habitado de

⁸ As ideias discutidas na seção foram publicadas na Revista *Prolíngua* no artigo intitulado “Videogame, associações de língua(gem) e desordens de memória: encontros e revelações” (COTA; SAMPAIO, 2021).

diversas formas por seus jogadores, esclarecendo modos de operar que contemplam aspectos interativos, linguísticos, cognitivos e simulando situações reais.

O *Free Fire* é um jogo de tiro e sobrevivência disponível no celular, produzido pela empresa Garena Internacional; tem duração média de dez minutos e direciona o jogador para uma ilha remota onde se enfrentam 50 outros jogadores, todos buscando sobrevivência, por meio da escolha livre do ponto de partida com o paraquedas, tentando permanecer na zona de segurança pelo maior tempo possível.

Ao considerar esse contexto de envolvimento de Jeferson, apresenta-se e discute-se um recorte de 52 situações enunciativo-discursivas advindas do acompanhamento longitudinal, com o objetivo de analisar os efeitos que os jogos de *videogame* podem proporcionar na interação linguística com sujeitos com alterações de memória, para explorar, dentre os intuitos mais específicos, práticas que desencadeiam estímulos para o processo de rememoração e discutir implicações de usos de tais jogos como recurso favorável à constituição do processo de enunciação, significação, ação verbal.

Estudos sobre efeitos do uso de jogos de *videogame* têm se expandido em diversas áreas, com impactos na saúde, educação, ciências sociais, rompendo paradigmas ligados apenas ao campo da tecnologia ou do entretenimento. Rivero, Querino, Starling-Alves (2012, p. 38), por exemplo, apontam resultados que sugerem melhora significativa da atenção, das habilidades visuais e espaciais em jogadores de *videogame*.

Em ambientes interativos, por meio de um mundo experiencial, *designers* do jogo criam mundos de imersão com regras embutidas e relações entre objetos que permitem experiências dinâmicas (BAUM; MARASCHIN, 2017), em que o jogo não é uma reprodução exata da realidade, mas utiliza elementos estéticos para que o jogador consiga identificar o desafio/problema e, a partir disso, possa elaborar estratégias de solução que afetam e exigem o exercício de ações simultâneas, de estratégias, que envolvem aquele que interage como também vai construindo seu arsenal de experiências.

Nesse sentido, o recorte de dados advindos do acompanhamento longitudinal de Jeferson sublinha a emergência desses efeitos de uso do *videogame* e explora a sua materialização na organização da narrativa, por meio de constituição de associações de linguagem em que o sujeito sublinha modos de reconstrução em processos marcados por alterações de memória advindas do evento neurológico.

Segundo Gee (2009), apoiado pelas pesquisas em Ciências Cognitivas, podem-se enumerar diversos aspectos que os bons *videogames* incorporam à aprendizagem, quais sejam: (a) a identidade, no sentido de comprometimento com o mundo virtual; (b) a interação em que

o jogo é acionado a partir da ação do jogador; (c) a produção que ocorre pelos diferentes desencadeamentos gerados por ações e escolhas daquele que joga; (d) os riscos que desafiam e encorajam a explorar coisas novas; (e) a customização como possibilidade de gerenciar estilo para jogar; (f) a agência como oportunidade de ação e controle por parte do jogador; (g) a boa ordenação dos problemas, fomentando hipóteses para novas estratégias; (h) o desafio e a consolidação em que um conjunto de problemas estimula a busca de estratégias; (i) aspectos “na hora certa” e “a pedido” que registram que o contexto verbal aparece no tempo apropriado; (j) sentidos contextualizados que relacionam ações, imagens e diálogos; (k) frustração prazerosa que desafia e motiva; (l) pensamento sistemático que conduz à análise das relações; (m) exploração, pensamento lateral, revisão dos objetivos que estimulam o cuidado com mínimos detalhes; (n) ferramentas inteligentes e conhecimento distribuído que requerem encaminhamento do conhecimento que vai adquirindo; (o) equipes transfuncionais que requerem domínio da função que se joga e (p) performance anterior à competência que o jogador desempenha antes de se tornar competente.

Tais aspectos destacam a multiplicidade de possibilidades e repercussões que a interação com o *videogame* pode desencadear. Destaca-se que Jeferson, ao falar sobre o jogo nas interações, suscitou a necessidade de um olhar mais cuidadoso por parte dos pesquisadores/interlocutores para esse interesse.

A interação com Jeferson evidencia sua principal queixa relacionada à dificuldade de lembrar advinda do evento neurológico que o acometeu e interfere nos processos dialógicos simples, em interações cotidianas, impossibilitando-o de resgatar atividades realizadas na rotina, reconstruir fatos recentes, o que se materializa constantemente em sua fala ao repetir continuamente: “Eu não me lembro”. Os jogos de *videogame* apresentaram uma gama de estímulos que trouxe retomadas nas narrativas dos fatos vivenciados no jogo com precisão, rapidez, o que motivou a sua análise.

Na **Tabela 1**, a seguir, apresenta-se a frequência de inferências realizadas por Jeferson sobre o jogo de *videogame Free Fire* em 52 situações enunciativo-discursivas. Durante o acompanhamento longitudinal, a emergência da temática e dos efeitos do jogo de *videogame Free Fire* consolida um espaço de análise. O recorte destaca os dados que retratam o período de início de ocorrência destes e aponta momentos de incidência em 52 situações enunciativo-discursivas.

Tabela 1 – Frequência

Incidência de abordagens sobre o Jogo *Free Fire* realizada por Jeferson em 52 situações enunciativo-discursivas.

Total de turnos do Sujeito Jeferson em 52 situações enunciativo-discursivas	Número de abordagens sobre o videogame <i>Free Fire</i> nos turnos do sujeito Jeferson	
	Quantidade	%
195	80	41

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em 52 situações enunciativo-discursivas, apresentam-se 195 turnos realizados por Jeferson. Desse número, destacam-se 80 turnos com abordagem sobre o jogo de *videogame Free Fire*. Ao considerar um sujeito com alteração de memória, a singularidade desses dados vem à tona, pois Jeferson não consegue resgatar dados de sua rotina com facilidade, apresenta dificuldades de retomar fatos recentes e tem um novo paradigma apresentado ao interagir com o jogo de *videogame*.

Para exemplificar o quadro de alteração de memória e as relações com o *videogame* na trajetória de Jeferson, apresenta-se, abaixo, o **Quadro 13**, intitulado “Não me lembro de nada”, uma situação enunciativo-discursiva que, ao mesmo tempo, sublinha os lapsos de memória vivenciados pelo sujeito após o evento neurológico e traz o surgimento da temática relacionada ao *videogame* na interlocução.

Situação enunciativo-discursiva: 12/09/2020

Quadro 13 – Não me lembro de nada: Não me lembro de nada

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	Ins	Bom dia! Como foi a sessão ontem?		
2	Jeferson	Foi ótima, Nirvana!		
3	Ins	Conversaram sobre o quê?		
4	Jeferson	Eu só estou triste porque não me lembro de nada.		
5	Ins	Falaram sobre algumas perguntas que Iva enviou por e-mail para você?		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
6	Jeferson	Me desculpa, Nirvana. Eu vou dar uma olhada no e-mail.		
7	Ins	Olha e veja as perguntas, você respondeu e enviou para ela. Será que conversaram sobre essas perguntas? Sobre o que você e Iva conversaram, qual das opções?		
8	Jeferson	Eu procurei o nome Amilcabarca e apareceu que ele está num jogo. Mais tarde eu procuro novamente.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O **Quadro 13** ilustra parte dos acometimentos vivenciados por Jeferson, como a dificuldade de resgatar situações vividas recentemente e a insatisfação diante do não recordar, que pode ser verificada no turno 4. Nesse processo, a interação com o outro possibilita traçar caminhos alternativos de retomada que direcionam a ações, como a busca de registros no e-mail; aqui, sublinha-se o papel da interlocução em processos de alterações de memória após eventos neurológicos.

Outro aspecto que reverbera no **Quadro 13** é o impacto dos jogos para Jeferson. No turno 8, é perceptível a mudança de tópico para o universo de interesse e lembranças que o jogo possibilita ao sujeito, quando menciona que estava buscando o codinome de seu interlocutor no *Free Fire* para interagir, retomando um aspecto peculiar do *videogame* com facilidade. Nos momentos de instabilidade e fragilidade de memória, Jeferson recorre a aspectos que se apresentam com segurança na memória.

As vivências com o *videogame* trazem efeitos que refletem nas situações enunciativo-discursivas, fortalecendo narrativas e gerando autonomia discursiva. A **Tabela 2**, a seguir, ilustra esse processo retratando narrativas que se fortalecem neste por meio do registro da quantidade de desencadeamentos de narrativas sobre o jogo *Free Fire* nas manifestações de Jeferson.

Tabela 2 – NarrativaNarrativas sobre o jogo *Free Fire*

Número de abordagens sobre o videogame <i>Free Fire</i> nos turnos do sujeito Jeferson	Turnos do sujeito Jeferson que contemplam construção de narrativas sobre o jogo <i>Free Fire</i>	
	Quantidade	%
80	25	32

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Dos 80 turnos direcionados ao jogo de *videogame*, apresentam-se 25 turnos de narrativas sobre detalhes de partidas, vivências e estratégias, composição da identidade do avatar, que evidenciam a amplitude de reverberações que a interação com o jogo de *videogame* pode alcançar.

Para exemplificar o impacto do jogo na narrativa de Jeferson, observa-se o **Quadro 14**, com o título “Não estou melhor porque não estou conseguindo jogar”, que compõe uma das exposições sobre a interação com o *videogame*, trazendo a retomada da experiência com o jogo *Free Fire* e seu detalhamento através da narrativa.

Situação enunciativo-discursiva: 12/08/2020**Quadro 14 – Não estou melhor porque não estou conseguindo jogar**

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	Ins	Como você está?		
2	Jeferson	Eu estou bem, graças a Deus. Não estou melhor porque não estou conseguindo jogar o <i>game Free Fire</i> .		
3	Ins	Por que não está conseguindo jogar? Como é esse jogo?		
4	Jeferson	50 jogadores estão dentro de um avião e saltam em uma ilha ou caem no mar. Depois, a estratégia tem de ser preparada de acordo com o que vamos encontrando. Suprimentos médicos, armas e por aí vai.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao observar o dado que emerge no **Quadro 14**, surge a necessidade de voltar o olhar para o lugar de análise composto por um sujeito com alteração de memória, o qual, rotineiramente, não consegue retomar fatos corriqueiros e tem resgatado autonomia linguística e habilidade ao traçar o perfil do jogo. Ao descrever os pormenores do jogo e retomar suas funcionalidades, retoma-se também a condição de rememorar as vivências e os impactos singulares da retomada.

Outro aspecto que se destaca é o envolvimento emocional com o jogo de *videogame*, que também traz estímulos para interações linguísticas, como retrata o **Quadro 15**; este evidencia o envolvimento de Jeferson com o jogo *Free Fire*, traduzindo, por meio de palavras, a avaliação do próprio sujeito sobre o processo em que está imerso.

Situação enunciativo-discursiva: 12/08/2020

Quadro 15 – Foi muito bom!

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	Jeferson	Consegui entrar no <i>Free Fire</i> ! / Terminou a minha emoção no <i>Free Fire</i> . Foi muito bom! Detonaram meu personagem com uma submetralhadora – Thompson. Aff!	Pausa.	
2	Ins	Sério? Como era o seu personagem?		
3	Jeferson	Vou tentar explicar. Alto, cabelos longos partidos ao meio e aparência de uns 40 anos de idade. Da minha cor, moreno.		
4	Ins	Por que você selecionou esse personagem?		
5	Jeferson	Eu creio que não selecionei. Apareceu na mudança de personagem, vem aleatoriamente. Eu vou me sentir feliz quando a senhora e Iva jogarem comigo.		
6	Ins	Interessante, a escolha é aleatória, e as características do personagem são parecidas com a sua descrição física. Tentei baixar o jogo no celular, mas não há memória suficiente ainda.		
7	Jeferson	No princípio, eu protejo vocês, mas depois será diferente.		
8	Ins	Qual é o objetivo do jogo?		
9	Jeferson	Ser o último sobrevivente.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Cada momento de interação com o jogo *Free Fire* vai revelando diferentes nuances e possibilidades de interlocução geradas no ambiente de *videogame*. Essas nuances revelam ganho de autonomia nos processos de rememoração e envolvem uma motivação que é perceptível em diversos momentos, como o turno 1, em que a emoção vem à tona nas palavras, desencadeando a retomada de minúcias que, em outros momentos de interlocução, precisam ser recuperadas com muito esforço.

Dessa maneira, entra em jogo a exposição dos processos de significação constituídos, e a linguagem sinaliza esse processo. Nessa relação que se materializa nas situações enunciativo-discursivas, existe um encontro entre aspectos exteriores e interiores em uma engrenagem que produz o diálogo e também retomadas consigo mesmo em solilóquio.

O *videogame* pode se apresentar como uma estratégia para atender as demandas dos sujeitos que tiveram acometimento de memória após eventos neurológicos e que se interessam pelo jogo, pois demonstra contribuir para a aquisição e o aprimoramento de habilidades cognitivas, levando à incorporação de recursos que estimulam a motivação e a participação nas atividades enunciativo-discursivas.

Desse modo, a prática com *videogame* instiga a criação de uma conduta inventiva, em um espaço que não pressupõe domínios preexistentes, ou padrões de habilidades, produzindo um leque de possibilidades singulares para qualquer sujeito, sem priorizar suas faltas. Enquanto o jogador aprende e executa novos movimentos, também constrói uma narrativa imagética pelas decisões que toma em uma prática concreta que emerge da interação entre jogo e jogador.

A ação com o *videogame* é produtora e possui meios para experimentar um circuito de reciprocidade que produz sentido, proporcionando interação linguística com sujeitos com alterações de memória, formalizando práticas que desencadeiam estímulos para o processo de rememoração e consolidando um recurso favorável à constituição de processo de enunciação, significação e ação verbal.

Nessa perspectiva, ressalta-se a importância da realização de estudos sobre os jogos de *videogame* com enfoque em habilidades cognitivas e linguísticas, visto que permitem possibilidades e experiências para o sujeito por meio de habilidades que se encontram interligadas a práticas que revelam experiências singulares. Na dinamicidade, o jogador lida com diversas questões no jogo, expandindo constantemente o domínio interativo e os problemas possíveis para o mundo real.

Cabe salientar que a discussão aqui fomentada parte de um interesse particular de Jeferson; nem todos os sujeitos aproximam-se desse recurso. O que é relevante, nesse contexto, é considerar a manifestação das singularidades de cada sujeito para que se fomente a busca por

elementos que despertem práticas dialógicas e oportunidades para atuar como sujeito da linguagem. Na seção seguinte, direciona-se a observação e a reflexão sobre a particularidade dos dados de Vicente.

4.3 Dados de Vicente

Em um primeiro olhar, é perceptível que os lapsos, as lacunas que são evidenciadas não se distinguem das que são apresentadas por sujeitos que não têm diagnóstico de alteração de memória, em circunstâncias de interlocução; o diferencial está na frequência com que acontecem, pois, para o sujeito com alteração de memória advinda de um comprometimento neurológico, há uma necessidade ainda maior diante da sua condição.

O olhar objetivo do dado pode revelar construções linguísticas regulares, mas, adentrando nas especificidades do acompanhamento, é possível explorar as rupturas que as questões de linguagem/memória causam ao discurso. Apresenta-se, a seguir, a situação enunciativo-discursiva do dia 18 de setembro de 2019, intitulada “Lucidez”, transcrita no **Quadro 16**.

Situação enunciativo-discursiva: 18/09/2019

Quadro 16 – Lucidez

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Vicente	Eu já me perdi do que eu estava falando.		
2	Iic	Você estava falando de um livro.		
3	Vicente	De Jill Bolt, não é? Que ela teve um problema. Mas não estou lembrando onde eu ia chegar.		
4	Iic	Que ela esqueceu de fazer soma.		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
5	Vicente	Esqueceu de ler? Acho que não. Mas eu esqueci onde eu ia chegar com essa conversa toda. Eu me perdi! Em determinado momento eu fiz essa reflexão. Essa memória que eu perdi, menos mal, porque eu não deixei de ser quem eu sou. Eu não deixei de lembrar da minha infância, das coisas do passado. Deixei de lembrar do ontem, das coisas que eu fiz aqui na UESB, mas eu não deixei de lembrar quem eu sou. Não deixei de lembrar do meu pai e da minha mãe. Então, de certa forma, a minha identidade ficou preservada, e outro detalhe também, o raciocínio. Eu não perdi a capacidade de raciocinar. Eu perdi a memória, mas eu pensava, eu raciocinava. Sabia o que estava bem e o que não estava. Às vezes, eu não conseguia expressar isso muito bem, mas, aqui dentro, eu sabia o que estava acontecendo. Então, menos mal sendo assim, não é? Não sei / Eu acho, né?		
6	Iic	E como você avalia o momento inicial do que você coloca como perda de memória? O momento inicial lá em agosto e o seu estado hoje?		
7	Vicente	Completamente diferente.		
8	Iic	Quais foram as mudanças, você consegue fazer uma escala?		
9	Vicente	A primeira mudança foi de lucidez, porque, naquela época, eu não tinha lucidez e nem sequer consciência. Aí foi gradativamente aumentando a minha lucidez. Aí eu tive consciência e, a partir daí, fui melhorando a questão da confusão mental. Eu, às vezes, não sabia nem onde eu tava. Não lembrava das pessoas que iam me visitar, meia hora depois, eu não sabia mais. Era uma memória completamente devastada, completamente confusa. Ainda não tou, não me considero 100% não, a minha memória falha, às vezes. Mas como tava, só eu estar aqui dirigindo. / Já estou bem melhor. Já estou conseguindo.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A situação enunciativo-discursiva transcrita no **Quadro 16** é representativa das questões de memória que este estudo faz, ao observar que, nos turnos 1 e 5 do registro obtido, é possível ter acesso à configuração da falta, do que interrompe o curso das ideias, e, na

sequência, o contato com o interlocutor vai possibilitando caminhos, e, mesmo que não se alcance o curso original do que se almejou dizer no momento, retomadas importantes foram feitas, e a enunciação segue seu curso.

A partir do turno 5, tem-se a avaliação do próprio sujeito sobre o que é vivenciado, em uma retratação singular das particularidades de suas perdas, buscando ressaltar aquilo que foi preservado e, principalmente, sublinhar ou até justificar o seu estado de lucidez.

Vicente busca constantemente demarcar o lugar de sua identidade ao ressaltar diversas vezes que continua sendo quem ele é, como foi apresentado no turno 5, quando diz: “Essa memória que eu perdi, menos mal, porque eu não deixei de ser quem eu sou”; ressaltando a necessidade de afirmar o poder de discernimento que ainda vigora, o seu lugar como sujeito.

No **Quadro 17**, a seguir, tem-se outro exemplo do corte apresentado pela questão de memória, que, como já foi dito, tem as mesmas características dos lapsos que, constantemente, a maioria das pessoas já vivenciaram no momento em que relatam fatos. Novamente, reitera-se que o nível constante de incidência desses eventos é que caracteriza uma necessidade de intervenção do interlocutor, para que, por meio da interação, o discurso seja retomado, já que a narrativa é interrompida para registrar o esquecimento.

Situação enunciativo-discursiva: 19/11/2019

Quadro 17 – Esqueci

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Vicente	Eu ia para o quartinho e ficava tocando violão por horas. / Por que eu estou falando isso? / Esqueci!	Pausa com duração maior que 3 segundos.	
2	Iic	Seu perfil dentro de sua casa. Você trouxe o exemplo para endossar que, mesmo 14 anos atrás, essa forma reservada já era assim. Isso acontece normalmente com todas as pessoas.		
3	Vicente	Acontece?		
4	Iic	Sim. Você foi tão fundo na questão do quartinho que desviou a atenção do que estava falando.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A pausa registrada no turno 1 traz o momento da manifestação do que está faltando para ser transmitido no terreno das palavras. Ao utilizar-se da linguagem, por meio do silêncio, que

manifesta a falta de algo, e, depois, por meio das palavras para verbalizar “Por que eu estou falando isso?”, o sujeito vai trazendo à tona as lacunas de memória, e o interlocutor constitui um arcabouço do que estava em discurso, reavivando a interação em um processo que constitui, organiza ou reconstitui e reorganiza a experiência, em um processo de referenciação metadiscursiva (MORATO, 2012) que vai se constituindo enunciativamente.

Outra questão marcante evidenciada no acompanhamento do sujeito Vicente é a relação com a localização espacial e como esse fator foi contemplado no contexto discursivo. Esse aspecto pode ser visto no **Quadro 18**, intitulado “Posto da Polícia”.

A situação enunciativo-discursiva aconteceu no momento em que o sujeito Vicente e as investigadoras retornavam das sessões de Musicoterapia, pois durante o período de acompanhamento longitudinal presencial, Vicente manifestou grande interesse por música, e, graças à parceria com a Professora Maria de Fátima de Almeida Baia, no Laboratório de Aquisição da Linguagem e Aspectos Linguísticos (LALALIN), foi possível a interação com um ambiente musical e terapêutico que contribuiu para o estímulo da participação do sujeito nos encontros semanais. As sessões de Musicoterapia envolveram investigadores da área de Psicologia, Linguística e outros sujeitos com acometimento de linguagem do ECOA.

Cabe mencionar a importâncias das sessões de musicoterapia que, segundo Correia (2010), têm permeado a buscas sobre como a música afeta o cérebro, o comportamento, os pensamentos, os sentimentos e o organismo humano, com a finalidade única de promover avaliações neuromusicológicas criteriosas, assim como desenvolver métodos e técnicas eficazes no processo terapêutico, que possam contribuir para a verdadeira restauração da saúde e o bem-estar do paciente.

Situação enunciativo-discursiva: 28/08/2019

Quadro 18 – Posto da polícia

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Vimos por?	Ao sair da sala de musicoterapia, o sujeito é instigado pela investigadora a falar sobre a localização do carro.	

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
2	Vicente	Eu sei que meu carro está perto do, perto da polícia./	Pausa.	
3	Ins	Da polícia?		
4	Vicente	É.		
5	Ins	Da polícia?		
6	Vicente	É. Polícia ou segurança, uma coisa assim. Aqui tem o posto da polícia, não tem?		
7	Ins	Não. Da polícia não.		
8	Iic	Não. Vou te dar uma questão. É um lugar em que você é ambientado.		
9	Vicente	De banco? Sim. É o posto do banco.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao contextualizar a situação retratada no **Quadro 18**, resgata-se que Vicente, nas sessões iniciais, precisava ser acompanhado pela babá de sua filha para conseguir chegar à Universidade, pois não conseguia retomar a localização espacial. No decorrer do acompanhamento, foram utilizadas diversas estratégias, como o registro do detalhamento do percurso e a certificação da localização por meio de mensagens, que propiciaram o conhecimento da localização no *campus* da universidade.

Na situação transcrita, Vicente, que já conseguia chegar ao LAPEN com a ajuda dos artifícios mencionados, é instigado a resgatar a localização do seu carro. O registro retrata que ele busca as referências nos processos de interação e responde que o carro está próximo ao “posto de polícia”. Apesar de a retomada ser equivocada, os interlocutores vão intervindo na situação, e, no turno 8, ao sugerirem que a localização tem relação com um ambiente familiar, ele faz uma associação e a resgata por meio da assertiva “É o posto do banco”.

O que é materializado em palavras é resultado de um encontro com o outro, com as associações de linguagem, em um caráter dinâmico. O ambiente de interação vai trazendo as (re)construções que são permeadas nas práticas discursivas. O **Quadro 19**, evidencia o fruto de uma sessão realizada quinze dias após a que foi apresentada no **Quadro 18**, evidencia os rastros dos laços de compromisso, as lacunas e as lembranças (re)constituídas.

Situação enunciativo-discursiva: 11/09/2019

Quadro 19 – Referência

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Vicente	Eu ia para o Shopping com Jamile dirigindo, a gente saltava, entrava, e, quando saía, eu não sabia mais onde tinha, estava o carro. Por isso, eu não queria dirigir também. Agora eu já sei. Eu fico preocupado, aí eu tomei como referência o posto ali da polícia, mas, quando eu sair ali, eu vou ter que dar uma olhada, se é para esquerda ou é para a direita. Não sei se eu estou sendo claro.	Jamile é a esposa de Vicente.	
2	Iic	Muito claro! E essa verbalização sua pode ser a estratégia que você vai utilizar para ter a ajuda que você precisa. É comunicando! Quando você fala assim: “Eu estou em dúvida sobre o posto. Esse posto é o que você falou?”		
3	Vicente	Da polícia.		
4	Iic	Conversamos sobre isso no último encontro. Não é polícia. É algo relacionado ao seu trabalho.		
5	Vicente	Ah! É um banco. Banco do Bradesco.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O **Quadro 19** delinea o processo ativo que move a interação e a intervenção sobre as questões de memória a partir da perspectiva do acompanhamento neurolinguístico. As práticas dialógicas movimentam o posicionamento do sujeito diante da sua própria enunciação, por meio de um processo que busca caminhos para chegar à retomada de lacunas e à reorganização de referências, permeadas pela linguagem.

A organização dessas referências, segundo Morato (2012), baseia-se nas relações, constrói importantes conquistas para o sujeito com alteração de memória. Com o passar do tempo, Vicente intensifica o uso de aplicativos de localização, bloco de notas, calendário, acessados de forma simples por meio do aparelho de celular.

Na linguagem, o que se torna perceptível é a organização de ideias, a linearidade que vai sendo construída por meio de constituições simples que podem ser incorporadas à rotina, como pode ser percebido no **Quadro 20**, transcrito a seguir.

Situação enunciativo-discursiva: 06/11/2019**Quadro 20 – Foi hoje ou foi ontem?**

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Vicente	Hoje eu fui com Allen, a minha filha mais velha, a gente foi em dois lugares; por último, eu fui no Santo Antônio. Aí eu estava pensando nisso hoje, mas eu estava confuso com relação ao dia que a gente foi. Isso assim, antes eu não lembrava de jeito nenhum, agora eu estou confuso só. Aí eu pego meu celular, tem o GPS, que fala onde a gente foi, e isso ajuda. Aí eu vi que foi hoje, mas eu estava com dificuldade de lembrar, lembrava de tudo, do cartão, comprando, pagando, mas não sabia dizer se foi hoje ou foi ontem.	Santo Antônio faz referência a uma rede de supermercados.	
2	Iic	E foi que dia mesmo?		
3	Vicente	Foi hoje. Então acontecem algumas coisas assim.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O turno 1 traz a narrativa de Vicente sobre uma situação vivenciada com sua filha e a dificuldade de resgatar o dia em que o fato ocorreu, mas que ganha uma nova perspectiva ao utilizar a funcionalidade de um GPS, que o auxilia na checagem e na organização de espaço de temporalidade, quando a rememoração é duvidosa. O uso das funcionalidades do aparelho celular, incluindo registro do bloco de notas, é relatado pelo sujeito como um hábito anterior ao acometimento neurológico, mas ampliou sua recursividade para atuar como estratégia a fim de preencher as lacunas que a alteração de memória trouxe.

Ao se deparar com as palavras na ponta da língua, que, segundo Oliveira (2015), refere-se “ao momento em que um sujeito procura uma palavra, acompanhado da sensação de que esta já vai surgir ou que já lhe escapou” (OLIVEIRA, 2015, p. 1), foi possível explorar as possibilidades por meio da associação e da utilização de recursos para referência, como ilustra o **Quadro 21** a seguir.

Situação enunciativo-discursiva: 23/10/2019

Quadro 21 – O artista

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Você lembra qual foi o artista que a gente trabalhou naquele dia?		
2	Vicente	Estou tentando lembrar aqui, aquela música. Sabe quando está na ponta da língua? Eu lembro que eu olhei no Google umas quatro vezes./	Pausa.	
3	Iic	Se eu te der um La? /		
4	Vicente	La Bamba! Agora o nome surgiu de repente. E o cantor? Parece que são dois nomes.	Evoca com alegria.	
5	Iic	Eu não lembro, mas parece que a professora falou de um episódio que teve com ele. O que aconteceu com ele?		
6	Vicente	Ah! Isso eu não me lembro não.		
7	Iic	Como é que é o nome dele?		
8	Vicente	Agora eu fiquei /.		
9	Iic	Peraí que a gente vai lembrar.		
10	Vicente	Agora eu já vi. Quer que eu fale?		Após realizar busca na Internet.
11	Iic	Sim!		
12	Vicente	Ritchie Valens.		
13	Iic	Ritchie Valens! Ela falou que ele morreu em um acidente.		
14	Vicente	Falou? Eu não lembro.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Cabe ressaltar que, no processo dialógico, as trocas e o conhecimento partilhado mobilizam as associações de linguagem que se fortalecem e sustentam conexões. No momento em que o interlocutor fornece um *prompting*, no turno 3, possibilita-se o resgate do nome almejado, e novos arranjos vão aparecendo para outros nomes desejados, o que sublinha a relevância de explorar as associações de linguagem em práticas dialógicas e de seu papel nos processos de recordação.

Em outra perspectiva, é possível observar que a repetição de enunciados e relatos é outro constante marcador de alteração de memória para Vicente. Nas situações enunciativo-discursivas, os interlocutores começaram a sinalizar as repetições que passaram a ser percebidas por Vicente. No **Quadro 22**, ele relata a instabilidade gerada no contexto e tem a preocupação de solicitar o turno de fala para garantir que o que deseja expressar será lembrado.

Situação enunciativo-discursiva: 12/08/2019

Quadro 22 – Antes que eu me esqueça

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Vicente	Ah! Só uma observação, antes que eu me esqueça. A falta da memória também me deixa inseguro.		
2	Ins	Por conta do que o outro diz? É isso?		
3	Vicente	Não, não é isso. É eu estar aqui agora com você e falar do cartão do dia dos pais e, há dois minutos, eu falar de novo do cartão do dia dos pais. Eu tenho essa insegurança de não ter clareza.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O dado transcrito no **Quadro 22** registra a necessidade de Vicente de posicionar-se com urgência na ânsia de não perder o que precisa ser dito, o que é marcado pelo “antes que eu me esqueça”, no turno 1, situação que é frequente em situações rotineiras, mas que, para ele, pelo nível de incidência, interfere na sua enunciação.

Outro aspecto foi a falta de clareza para discernir se o que acabou de ser dito já havia sido mencionado, como transcrito no turno 3; tal fato ressalta a instabilidade no processo de rememoração, mas, na interação com o outro, foi possível a certificação do que já havia sido dito.

Um fator relevante nos dados é a percepção de aspectos de associação advindos da interação para resgatar o que necessita, como esclarece o **Quadro 23** a seguir, o qual detalha a narrativa de Vicente sobre o processo da lembrança.

Situação enunciativo-discursiva: 28/11/2019

Quadro 23 – Conta-gotas

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Vicente	Engraçado porque minha lembrança está voltando, mas é uma lembrança assim / Não sei. Sabe como eu estou falando?		Faz um gesto de mistura com as mãos. Pausa maior que 3 segundos.
2	Iic	Sei sim. Você já definiu isso aqui: “Não é que eu não me lembre, é que, quando você fala” /.		
3	Vicente	Quando você fala, eu resgato. Eu não lembro da informação, mas, quando você fala, eu busco.		
4	Iic	Talvez, você nem estivesse lembrando de texto que trabalhamos aqui, mas quando eu falei do texto, é isso?		
5	Vicente	Talvez, se você me perguntar para falar espontaneamente, eu não ia lembrar do nome de Miguel.		
6	Iic	Entendi.		
7	Vicente	Vai surgindo aos poucos. Eu lembro que foi no táxi, aí encontrou uma pessoa no restaurante, levantou e foi falar com outra. Aí, o garçom achou isso estranho. Depois, ele entrou na casa da mãe, teve um problema com a mãe. Aí eu vou lembrando assim /, de conta-gotas.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O **Quadro 23** apresenta uma situação enunciativo-discursiva que retrata interações após o compartilhamento de leituras de textos que compuseram um conjunto de atividades exploradas pelos investigadores nos encontros do acompanhamento longitudinal e os efeitos dessas interações para a rememoração de vivências. As pausas que interpolam as manifestações de Vicente sinalizam o que falta e os (re)arranjos que se constituem nas interações. Vicente resgata esses efeitos ao dizer, no turno 3, que “Quando você fala, eu resgato. Eu não lembro da informação, mas, quando você fala, eu busco”, o que destaca a repercussão que a linguagem em funcionamento desencadeia para as associações e resgates não realizados automaticamente.

O novo padrão de normalidade é explorado pelo próprio sujeito Vicente, que vai constituindo sua autoanálise ao sinalizar o desencadeamento gradativo das recordações, até que se chega à comparação das evocações com o “conta-gotas”.

A possibilidade de troca de experiências e a interação favorecem aos sujeitos o encontro com suas lacunas e proporcionam caminhos para atuar nas suas necessidades. O **Quadro 24**, a seguir, apresenta a autoanálise de Vicente sobre a sua condição.

Situação enunciativo-discursiva: 02/07/2020

Quadro 24 – A memória não funciona de forma espontânea

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Vicente	Engraçado que eu /.	Pausa.	
2	Iic	Que você o quê, Vicente?		
3	Vicente	Espontaneamente, eu não conseguiria lembrar que o nome dela era Fatma, mas, depois que você fala, eu me lembro e lembro até que era com t mudo. F, A, T, M, A, não é isso?	Referindo-se a uma personagem do filme Milagre da cela 7.	
4	Iic	Isso mesmo!		Risos.
5	Vicente	É. / Estranho porque a memória não funciona de forma espontânea, ela precisa de uns passos. /		
6	Iic	De associações, não é?		
7	Vicente	Isso eu tenho percebido de forma bem intensa depois que eu tive esse problema, que, na verdade, está aqui, mas eu não consigo resgatar.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao interagir com o pesquisador sobre o que a alteração de memória apagou, como se observa no turno 3, “Espontaneamente eu não conseguiria lembrar que o nome dela era Fatma, mas, depois que você fala, eu me lembro e lembro até que era com t mudo. F, A, T, M, A, não é isso?”, a narrativa constituída por Vicente vai conhecendo e reconhecendo suas dificuldades, explorando as nuances metadiscursivas de suas referências mediante o retorno ao seu próprio enunciado (MORATO, 2012), e passa a atuar sobre elas, resgatando detalhes que se materializam em palavras, perpassando as letras, abrindo possibilidades para associações e novas construções, como pode ser verificado nos turnos 5 e 7.

Em um processo de autoanálise, Vicente argumenta sobre as questões de memória proferindo, no turno 5, que é “Estranho porque a memória não funciona de forma espontânea, ela precisa de uns passos” (resgate dos enlaces); ele reflete sobre o caráter dinâmico da memória, que é endossado pelas relações estabelecidas por meio de manifestações sob a forma

de palavras, ressaltando a atividade do sujeito em “um exercício constitutivo não do conteúdo de memória em si, mas sim dos caminhos da memória” (CANEPPELE, 2010, p. 131).

Para selar o caráter ímpar das situações enunciativo-discursivas com Vicente, o **Quadro 25** traz a sensibilidade de um sujeito que reflete sobre o que foi experienciado a partir do evento neurológico, como se observa a seguir.

Situação enunciativo-discursiva: 04/03/2020

Quadro 25 – Uma experiência angustiante e fantástica

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Vicente	Muitas coisas interessantes aconteceram que não dá para explicar. Aquilo que a gente passa e não dá para explicar por palavras. São experiências que a gente tem e que não tem como falar e fazer você vivenciar isso, mas é uma experiência. Primeiro, angustiante é a palavra principal, e fantástica também, porque a gente percebe que o cérebro que faz o dedinho do pé lá se movimentar. Eu andava mancando e perguntava: “Por que eu estou mancando se não tenho nada no pé?”, mas era aqui! A gente sabe que o cérebro controla tudo, mas quando tem essa falha que a gente cai na real, porque você sabe, mas não tem essa percepção. Você tenta levantar a perna e ela não levanta, não está machucada, você tem essa percepção que o problema é aqui. É fantástico e, ao mesmo tempo, amedrontador.		Aponta para a cabeça no final da fala.
2	Iic	Desafiador?		
3	Vicente	Desafiador porque a gente não sabe qual vai ser o desfecho disso.		
4	Iic	E, ao mesmo tempo, ele te instiga. Até onde eu posso ir? O que eu posso fazer? Até onde eu posso alcançar. Eu posso ir até a UESB, deixar o carro ali e lembrar onde estou e te faz certificar, ser cauteloso e cuidadoso para certificar. “Eu sei onde é, mas eu vou me certificar”. É muito forte isso.		
5	Vicente	O que eu poderia resumir é que, depois de uma experiência dessa, a pessoa, pelo menos no meu caso, ela não é mais a mesma pessoa, sabe? Porque as perspectivas foram modificadas.		
6	Iic	Eu entendo. É forte mesmo!		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Vicente explora no turno 1 do **Quadro 25** sua percepção sobre o funcionamento cerebral sob o prisma de quem teve a oportunidade de experimentar as nuances de seu funcionamento e o seu comprometimento, revelando o seu caráter “fantástico” e “amedrontador”.

Ao chegar ao Turno 4, Vicente, ainda se referindo ao cérebro, diz “E, ao mesmo tempo, ele te instiga”, sublinhando o seu papel de incitar, aguçar novas possibilidades a partir da reconstrução de associações ou da construção de novos caminhos. Nesse momento, é possível contemplar a percepção de ser uma nova pessoa a partir das perspectivas vivenciadas ao experimentar novas sensações que ainda se confrontam com a sua necessidade de preservar a sua identidade, como demarca no turno 5 do Dado 18, ao dizer “Essa memória que eu perdi, menos mal, porque eu não deixei de ser quem eu sou”.

Os desencadeamentos desse processo complexo e ativo que envolve as relações de linguagem e memória remetem à amplitude de desdobramentos que podem reverberar a partir do olhar qualitativo para esses casos. Nesse sentido, considera-se a possibilidade de conviver em situações que envolvam a linguagem nos seus contextos sociais, interacionais, intersubjetivos. Por isso, são ressaltados, a seguir, os dados advindos das interações em grupo.

4.4 Dados dos encontros em grupo

Além de acompanhamentos individuais (entre investigadores e cada sujeito separadamente), foram realizados encontros em grupo com sujeitos com alteração de memória, familiares e pesquisadores, sublinhando o trabalho em conjunto constituído, pois se fomentaram contextos e estratégias em que a interação fosse possível, prezando pelo processo dialógico. Nesta seção, o convite é para contemplar essas reflexões despertadas pelos dados.

O **Quadro 26**, a seguir, provém de um encontro em grupo com a participação de Vicente, Jeferson, seus familiares (aqui identificados como Jamile e Jonas) e investigadores. Na situação enunciativo-discursiva, o grupo troca experiências sobre o que é vivenciado sobre o comprometimento de memória.

Situação enunciativo-discursiva: 12/02/2020

Quadro 26 – Sonho e realidade

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Jamile	Ele confundia sonho com realidade.		
2	Vicente	Já aconteceu isso com você?		
3	Jeferson	[Indica que sim, balançando a cabeça de forma afirmativa].		Balança a cabeça de forma afirmativa.
4	Jamile	Quando começou a diferenciar?		
5	Jeferson	Bom, para eu falar, você percebe que é meio difícil para eu falar ainda.		
6	Jamile	Mas, em sua cabeça, como está? Você não consegue verbalizar, mas, na sua cabeça, está a resposta.		
7	Jeferson	Não sei se muito, mas um pouco eu sei que sim. Por exemplo, se você me perguntar o que eu fiz hoje, eu lembro, mas, de ontem, eu não lembro de nada.		
8	Jonas	Você se lembra na casa de quem nós fomos ontem? / Tenta se lembrar!	Jonas é irmão de Jeferson.	
9	Jeferson	Não.		
10	Jamile	Você dá pistas, não é? Eu falei com ele hoje, estávamos na psiquiatria: “Vicente, quem é o filme ganhador do Oscar?”, que foi no domingo. / O filme ganhador do Oscar?		Passa a mão pela barriga várias vezes, sinalizando que havia algo por dentro.
11	Vicente	É. / Parasitas!	Com alegria.	
12	Jamile	Ele sempre falava assim “Infiltrados”, parecido. Aí, eu peguei na barriga dele e dei uma dica verme, parasita.		
13	Iic	Criar referência!		
14	Jamile	Isso!! Eu não facilito a vida dele.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quando Jamile, esposa de Vicente, relata que ele confundia sonho com realidade, Vicente interage com Jeferson buscando sua experiência a esse respeito, e as trocas acontecem por meio da narrativa de Jeferson sobre a sua percepção do quadro atual (Turnos 5 e 7).

A situação enunciativo-discursiva provoca também uma troca de experiências com os familiares, pois, quando se chega ao turno 9, Jeferson, ao ser questionado por seu irmão Jonas, não consegue lembrar a casa em que estava no dia anterior. Sobre essas dificuldades, Jamile traz um relato do que vivenciou com Vicente quando ele não conseguia retomar o nome do filme ganhador do Oscar, permeado pelo resgate e retomada por Vicente, o que ilustra que a referência verbal e não-verbal (o toque na barriga e a dica, detalhados no turno 12) foram instanciadas para resgatar a experiência que foi obtida com sucesso; aqui, sublinha-se o valor da interação, do conhecimento mútuo e das vivências solidificadas pelas práticas discursivas.

O gesto de passar a mão pela barriga (tátil sinestésico) amplia o olhar para a complexa representação que é a palavra, reiterando o que diz Freud (1981), ao relacioná-la a um processo associativo com elementos visuais, acústicos e sinestésicos.

Nesse sentido, entram em jogo as relações advindas das referências, que, conforme Morato (2012), dão continuidade entre a função textual e a interacional do metadiscorso, envolvendo a linguagem, verbal e não verbal, e a experiência, a interação entre locutor e interlocutor, outros processos cognitivos, contexto situacional de produção da interação, contexto social mais amplo, saber linguístico e saber pragmático.

A interação em grupo é enriquecida com as particularidades de cada caso, mas também integra as semelhanças entre os processos de alteração de memória vivenciados por cada sujeito e o modo como esses aspectos refletem nas práticas discursivas com os outros interlocutores. A **Figura 2** traz o registro fotográfico de um desses momentos de interação.

Figura 2 – Encontros em grupo - Família



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Esse conhecimento mútuo alimenta a relação intersubjetiva entre os interlocutores, fortalecendo a cumplicidade e a contextualização das situações enunciativo-discursivas. A

seguir, o **Quadro 27** ilustra a ampliação da instância discursiva na interação, as associações feitas, os processos de referência e os resgates possíveis.

Situação enunciativo-discursiva:12/02/2020

Quadro 27 – Fevereiro

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Vicente	Só uma coisa, antes que eu esqueça, que data é hoje? Que mês nós estamos?	Dirigindo-se a Jeferson.	
2	Jeferson	O mês eu sei: fevereiro!		
3	Iic	O dia da semana? Que referência você criou? Você está onde?		
4	Jeferson	Estou na UESB.		
5	Iic	Qual é o dia do atendimento?		
6	Jeferson	Quarta-feira!		
7	Iic	O mês?		
8	Jeferson	Fevereiro.		
9	Iic	O dia?		
10	Jeferson	Não me lembro.		
11	Iic	Você pode recorrer a quê?		
12	Jeferson	Celular.		
13	Iic	E você não trouxe o celular.		
14	Vicente	12 de fevereiro! Eu olhei aqui.	Referindo-se à agenda.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O **Quadro 27** inicia-se com a solicitação de Vicente pelo turno de fala, transparecendo a instabilidade de sua relação com a memória, o que demarca a necessidade de retomar a referência temporal da data, buscando a colaboração do outro. Na sequência, Jeferson interage resgatando o mês, no turno 2, que representa o que consegue recuperar.

Logo após, Iic utiliza-se da referência do dia da semana, retomando o dia em que as sessões de acompanhamento são realizadas. A partir disso, imediatamente, Jeferson, no turno 6, resgata o dia da semana. No entanto, no turno 10, uma lacuna ainda fica evidente, o dia do

mês, momento em que Iic instiga-o a recorrer a uma referência. Jeferson menciona a possibilidade do uso do celular para obter essa informação, mas não estava em posse do seu aparelho. No momento seguinte, Vicente apresenta o dia desejado, recorrendo à agenda, outro recurso utilizado pelo grupo para criar referências temporais e espaciais.

Nesse movimento, contempla-se a riqueza do papel ativo das práticas dialógicas, que permitem a (re)constituição de caminhos, explorando o encontro com o outro e com o mundo.

Ao atuar como sujeito de linguagem, os sujeitos vão constituindo um enredo para os processos mnemônicos, evidenciando suas lacunas como também as (re)organizações que compõem o seu caráter ativo.

O **Quadro 28**, a seguir, ilustra as reverberações das sessões de acompanhamento individual nas dinâmicas em grupo, que revelam interesses e particularidades dos comprometimentos de memória.

Situação enunciativo-discursiva: 12/02/2020

Quadro 28 – Lá na UESB

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Fale aí, Vicente, da sua experiência com música aqui.		
2	Vicente	Ah! A musicoterapia? Pois é. / As lembranças que eu tenho são da fase que eu ainda estava bem confuso, tanto é que minhas lembranças são um pouco vagas.		
3	Jamile	Você chegou a cantar?		
4	Vicente	Eu cantei?		
5	Iic	Você tem alguma lembrança de ter cantado?		
6	Vicente	Acho que eu cantei.		
7	Iic	Cantou!		
8	Vicente	Embora não seja uma coisa que eu gosto de fazer. Eu gosto, mas eu tenho vergonha.		
9	Jamile	Você gosta de tocar algum instrumento? Cantar?		
10	Jeferson	Eu gosto, mas não consigo.		
11	Iic	Você tem outro desejo artístico. Você gosta de fazer o quê?		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
12	Jeferson	Escultura!		
13	Iic	E também pintura, não é?		
14	Jamile	E está fazendo?		
15	Jeferson	Não.		
16	Vicente	Eu estou fazendo parte de um grupo lá na UESB.		
17	Jamile	Aqui!		Risos
18	Vicente	Eu me confundo!!		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao ser indagado sobre a sua experiência com as sessões de musicoterapia que fizeram parte do acompanhamento longitudinal, Vicente revela, no turno 2, uma diferenciação entre o seu estado anterior e o atual; demarca que as lembranças na ocasião eram vagas e vai demonstrando incerteza sobre as experiências vivenciadas no período, conforme turnos 4 e 6.

As trocas se intensificam, Jeferson manifesta seus interesses, e, quando Vicente tenta relatar sobre as suas experiências com os encontros com o grupo de música, percebe-se um equívoco quanto à localização espacial, pois, ao se referir à UESB, que era o local onde estava no momento, utiliza-se do advérbio “lá”. O que é perceptível, nesse momento, é o papel do outro, que intervém e estabelece um caminho de (re)organização, que Vicente retoma, no turno 18, dizendo “Eu me confundo”.

As lacunas manifestam-se por meio de instabilidades que transparecem nas práticas discursivas. Nessa mesma engrenagem, impulsiona-se um lugar para observação, análise e intervenção, pois se permite a atuação do sujeito da linguagem, que, no lugar de ser estigmatizado pelo que o comprometimento de memória sinaliza, é partícipe da (re)construção de novas perspectivas nos contextos discursivos, como pode ser observado no **Quadro 29** a seguir.

Situação enunciativo-discursiva: 02/07/2020

Quadro 29 – Asma

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	No filme, aparece o terceiro membro da família. Tem a filha, o pai, e qual o terceiro membro da família que aparece?	O filme assistido foi Milagre na Cela 7.	
2	Jeferson	Não é a esposa?		
3	Iic	Não! Não aparece a esposa. O que aconteceu com a esposa?		
4	Jeferson	Teve um problema de asma.		
5	Iic	Aí foi no livro.		
6	Ins	Asma é capítulo quatro do “Há poder em suas palavras”!		
7	Iic	Você não fez uma escolha aleatória aí. Está dentro do contexto de nossas conversas.		
8	Jeferson	[Tampa o rosto e ri]		Tampa o rosto e ri muito.
9	Iic	Oh, riso gostoso, não é, Vicente? Vicente que fala dessa risada dele.		
10	Jeferson	Desculpa!		
11	Ins	Não tem que pedir desculpa. A gente está aqui para colaborar. Uma coisa eu tenho certeza, você sabe que você leu sobre alguém que estava com asma, que é do capítulo quatro. Agora, vamos buscando a história do filme. Iic falou que tem a filha, o pai e mais um membro da família. / Não é a esposa.	Pausa.	
12	Vicente	É a avó!		
13	Iic	Isso, Vicente!		
14	Iic	Lembrou agora da avó?	Dirigindo-se a Jeferson.	
15	Jeferson	[Sinaliza que foi um pouco, aproximando o polegar direito ao indicador direito.]		Jeferson sinaliza com a mão o gesto de “um pouco”.
16	Iic	Um pouco.		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os encontros em grupo foram repletos de atividades compartilhadas, como leituras de livros em grupo, filmes e jogos, que construíram temáticas para a troca de experiências, opiniões e críticas que trilharam caminhos para subsidiar as práticas dialógicas. O **Quadro 29** ilustra um momento de retomada sobre um filme assistido, *Milagre na Cella 7*.

A situação enunciativo-discursiva retrata, no turno 4, o momento em que Jeferson confunde informações do filme com uma leitura realizada. Não se trata de uma troca aleatória, pois ele recorreu a uma experiência já explorada pelo grupo. A interação vai revelando os detalhes do que se almeja. Ao se dar conta de que confundiu experiências, Jeferson esconde o rosto com a mão e ri muito da situação, fato recorrente em outros momentos de equívoco, transparecendo aspectos perdidos e (re)constituídos, como ilustra a **Figura 3**, que registra o momento relatado, advindo de um encontro virtual.

Figura 3 – Mão no rosto



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ao destacar as práticas reconstrutivas presentes nos dados, revela-se o posicionamento do sujeito diante da linguagem em funcionamento; observa-se o caráter ativo de cada manifestação diante do que não está previsto, (re)organizando estratégias para chegar a uma significação. Nos desafios vivenciados, cabe mencionar, na próxima seção, as intempéries vividas diante do contexto pandêmico que se instaurou por conta da Covid-19.

4.5 Quando o rio muda o curso: acompanhamento longitudinal na pandemia⁹

O ano de 2020 representa um marco histórico na vida de todos nós, devido aos efeitos provocados pela pandemia decorrente da Covid-19, a qual afetou a sociedade mundial em amplos sentidos em função dos riscos e acometimentos provocados pelo contágio do vírus,

⁹ As discussões fomentadas na seção serão publicadas na Revista Linguagem (no prelo).

Sars-coV-2, e pelas restrições que o cenário pandêmico impõe, conforme a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020.

Nesse contexto, no que diz respeito às pesquisas linguísticas, não só restrições ocorreram por conta da suspensão das atividades presenciais nas universidades e laboratórios, como também inovações e adaptações foram fomentadas no âmbito da utilização de tecnologias e inovação de recursos. Dessa forma, apresenta-se um recorte do acompanhamento longitudinal que foi adaptado às restrições pandêmicas para investigar a interferência do trabalho com a linguagem visando a reorganização da memória.

A pergunta norteadora desta seção questiona a maneira que os encontros virtuais, realizados a partir das restrições da pandemia, repercutem no acompanhamento neurolinguístico de sujeitos com alterações de memória após eventos neurológicos. Com esse propósito, apresenta-se a adequação metodológica para atender as restrições provenientes da pandemia, e se analisam os efeitos dessas práticas nos dados-achados oriundos desses processos de interlocução, com o intuito de subsidiar acompanhamentos similares.

Ao colocar a perspectiva do contexto pandêmico para o acompanhamento longitudinal dos sujeitos Jeferson e Vicente, é importante trazer a trajetória de acompanhamentos realizados de forma presencial, e, tão importante quanto, é necessário analisar o trabalho com a linguagem e seus processos de construção ou reconstrução como um compêndio de experiências tanto para o investigador quanto para os sujeitos.

Na configuração de, aproximadamente, um ano de acompanhamento, a maior parte das sessões foram realizadas de forma presencial. No entanto, com a instauração das restrições impostas pelo contexto da Covid-19, sessões remotas atingiram um número significativo, dada a sua possibilidade de realização, conforme ilustra a **Tabela 3**, a seguir.

Tabela 3 – Sessões

Sessões de Acompanhamento longitudinal

Total de sessões de Acompanhamento Longitudinal da pesquisa	Total de sessões presenciais		Total de sessões remotas	
	Quantidade	%	Quantidade	%
69	44	64	25	36

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

As sessões de acompanhamento remoto foram sugeridas aos sujeitos e familiares pelos pesquisadores com uma proposta de utilização de um aplicativo de troca de mensagens e

comunicação, para que não houvesse interrupção dos espaços de interação com a linguagem. A proposta foi aceita, e os acompanhamentos ocorreram com frequência semanal e atingiram 36% do total de acompanhamentos já realizados.

Essas sessões ocorreram por videochamadas para as atividades síncronas e propiciaram o aumento da utilização das mensagens de texto no *WhatsApp*, o que ampliou as possibilidades de interlocução assíncrona. Ao visualizar o número de sessões realizadas de forma presencial, na **Tabela 4**, tem-se um parâmetro para compreender a frequência dos sujeitos por sessão.

Tabela 4 – Sessões Presenciais

Porcentagem de participação dos sujeitos nas sessões de acompanhamento presenciais

Total de sessões realizadas	Número de participação por sujeito			
	Jeferson		Vicente	
44	Quantidade	%	Quantidade	%
		22	50	19

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Nas sessões presenciais, os sujeitos foram acompanhados no LAPEN, em sessões semanais, individuais ou em grupo. Jeferson participou de 50%, e o sujeito Vicente, de 43% do total de atividades realizadas pelos pesquisadores em laboratório.

Ao se considerarem os encontros remotos, contempla-se um aumento da participação dos sujeitos, como demonstra a **Tabela 5**, a seguir.

Tabela 5 – Sessões virtuais

Porcentagem de participação dos sujeitos nas sessões de acompanhamento virtuais

Total de sessões realizadas	Número de participação por sujeito			
	Jeferson		Vicente	
25	Quantidade	%	Quantidade	%
		23	92	15

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Diante dos dados apresentados, contempla-se o espaço para práticas com a linguagem, que são concebidas como forma de ação e de realização, pois, ao considerar a construção e

reconstrução das associações de linguagem e das relações com aspectos singulares como a memória, apresenta-se como um espaço de possibilidades; isso porque, nas situações de uso da linguagem advindas de situações enunciativo-discursivas remotas e presenciais, tem-se o encontro com as dificuldades linguísticas do sujeito, ou seja, com o que não se consegue verbalizar, e, em seguida, o processo colaborativo para a sua reelaboração em um contexto que contempla lacunas com a memória. Esses momentos serão retratados a seguir nos quadros advindos de sessões síncronas, vejamos.

Apresenta-se no **Quadro 30**, a seguir, intitulado “Coronavírus”, em que Jeferson e a pesquisadora comentam sobre encontros anteriores em uma sessão de acompanhamento realizada virtualmente. No processo de interlocução, é possível verificar as lacunas que perpassam as alterações de memória vivenciadas pelo sujeito e os encontros possíveis na linguagem.

Situação enunciativo-discursiva: 06/05/2020

Quadro 30 – Coronavírus

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Por que que a gente está se encontrando assim?		
2	Jeferson	Porque você marcou?		
3	Iic	Mas por que que a gente não está indo para a UESB?		
4	Jeferson	Por causa do Coronavírus.		
5	Iic	É! Isso aí! Isso mudou a nossa rotina. A gente não pode ter contato físico, o Campus da UESB está fechado, as atividades de laboratório estão suspensas presencialmente, e o meio que conseguimos lidar com essa situação foi por meio da videochamada. Porque nossa ligação é por meio da linguagem, pela troca. / Esse já é o nosso quarto encontro.	Pausa.	
6	Jeferson	Quarto?! Não lembro de nenhum.		
7	Iic	No primeiro encontro, tinha mais alguém. Quem era? / Não lembra de alguém que participou com a gente?	Pausa.	
8	Jeferson	Não!!		
9	Iic	Não? É um rapaz!		

(continuação)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
10	Jeferson	Bom, se é um rapaz, deve ser Vicente! Cadê Jamile, está boa?		
11	Iic	Pois é! Vamos perguntar para ele! Estou vendo se ele vai entrar! Vou chamar de novo. Vou voltar lá para ver o que ele respondeu. / Ele está dizendo que daqui cinco minutos, viu?	Pausa.	
12	Jeferson	Viu!		
13	Iic	Pronto. Ele disse que está com problemas no celular, vai entrar daqui cinco minutos. Enquanto isso, a gente vai conversando. Tivemos o primeiro encontro que a gente falou de uma cientista. Quem foi a cientista?		
14	Jeferson	Jill Bolt Taylor!	Fala com ânimo.	
15	Iic	E do seu livro! Qual é aquele livro da capa amarela?		
16	Jeferson	A cientista que curou seu próprio cérebro!		
17	Iic	Pronto. Nesse primeiro encontro, tratamos disso. No segundo encontro, um autor, que é muito popular na literatura brasileira, que é conhecido e reconhecido pelas histórias para crianças, nos presenteou com duas fábulas. Quem é esse autor? / Um autor bem conhecido da literatura brasileira, que escreve para crianças, um dos livros dele virou série na televisão, que encantou a todos durante muito tempo.	Pausa.	
18	Jeferson	Monteiro Lobato!		
19	Iic	Nós trabalhamos duas fábulas dele. No segundo encontro que tivemos, você ficou com uma fábula, e Vicente, com outra fábula. O que tem sempre no final da fábula?		
20	Jeferson	Um ensinamento.		
21	Iic	E a gente trabalhou com dois ensinamentos: o primeiro, dizer é fácil, fazer é difícil.		
22	Jeferson	Fazer é difícil! Exato.		
23	Iic	Você lembra qual texto tinha esse ensinamento? Falar é fácil, fazer é difícil? Que animalzinho estava nesse texto?		
24	Jeferson	Coruja?		
25	Iic	Não. Teve outro da coruja! Foi uma assembleia de quê?		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
26	Jeferson	Dos ratos.		
27	Iic	Muito bem! Assembleia dos ratos! Você chamou o rato de quê? Ele era o quê?		
28	Jeferson	Dom Casmurro!		
29	Iic	Por isso que a gente misturou tudo, as histórias, e levou até Machado de Assis para a história. Pronto. Você já lembrou de dois encontros. No último encontro, você lembra disso?		Iic mostra um quadro com o placar de pontos do <i>Quiz</i> que fizeram na semana anterior.
30	Jeferson	Não. Caramba!		
31	Iic	Você acertou tudo! Vicente não veio.	Risos.	

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

O **Quadro 30**, transcrito a partir da quarta sessão realizada de forma remota com os sujeitos, ilustra um processo de encontros, descobertas, construções e reconstruções possíveis na e pela linguagem. Na situação enunciativo-discursiva, Jeferson manifesta, no turno 6, que não se lembrava dos outros encontros realizados, mas a interlocução com o outro vai permeando marcas de vivências, trajetórias, associações que possibilitam novos caminhos e trajetos, o que pode ser verificado no turno 10: “Bom, se é um rapaz, deve ser Vicente! Cadê Jamile, está boa?”. Ao chegar no turno 14, Jeferson vai resgatando os encontros anteriores. Há um movimento que é desencadeado pela fala do outro, do pesquisador mediador, que reverbera em associações que vão conduzindo ao resgate de vivências e a reconstruções.

É perceptível no acompanhamento das questões de memória provenientes de um evento neurológico, como os que foram vivenciados por Jeferson e Vicente, uma semelhança com os lapsos que pessoas sem lesões neurológicas costumam ter em determinadas situações, como cansaço ou *stress*, mas o que caracteriza os casos de alteração de memória é a severidade das ocorrências dos esquecimentos e a dificuldade em contornar as situações.

Um aspecto positivo da interação no terreno virtual é a possibilidade de utilização de chamadas de vídeo, uma vez que permitem analisar aspectos gestuais, entonacionais e corporais. A oportunidade do encontro, da troca de experiências e a interação favorecem aos sujeitos caminhos para atuar nas suas necessidades.

O espaço virtual permite uma infinidade de conexões, compartilhamento de experiências em formatos diversos, que ampliam o leque de interação, como a atividade de leitura vivenciada do **Quadro 31**, apresentado a seguir.

Situação enunciativo-discursiva: 19/06/2020

Quadro 31 – Leitura

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Eu estava te perguntando sobre a leitura do livro. Tem feito?		
2	Jeferson	Não estou me lembrando.		
3	Iic	Não? O que você me mostrou na agenda hoje? Agora que a gente começou? Você me mostrou algo na agenda?		
4	Jeferson	Sim! Cinco tópicos!		
5	Iic	De quê? Cinco tópicos de quê? De que livro?		
6	Jeferson	De Jill Bolt Taylor. Não?	Respondeu com a autora do livro que leu antes da leitura a que estavam se referindo.	
7	Iic	É um livro que você tem aí.		
8	Ins	Mas ele pode ter feito do outro.		
9	Iic	Ah! Entendi! Qual foi o livro que você leu o primeiro capítulo?		
10	Jeferson	Agora eu esqueci!		
11	Iic	Pegue a sua agenda!!!		
12	Ins	Na agenda, está anotado o nome do livro?		
13	Jeferson	Não! Só coloquei assim.		Apontando os tópicos que registrou na agenda.
14	Iic	Hum! Quais foram os tópicos? Você pode ler pra gente?		

(continuação)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
15	Jeferson	O alcoolismo, o perigo do alcoolismo dentro do hospital, situações de extrema irresponsabilidade, os pezinhos da bebê engessados, orgulho e fé em Deus.		
16	Iic	Que livro foi esse? Será que foi o de Jill Bolt Taylor?		
17	Jeferson	[Silêncio e balança a cabeça em sinal de negação]	Fica em silêncio por 4 segundos.	Balança a cabeça em sinal de negação.
18	Iic	Esse gesto com a cabeça é o quê? Você se lembra de Jill?		
19	Jeferson	Não! Não me lembro não!		
20	Iic	Você se lembra de Jill? Ela era o quê?		
21	Jeferson	Neurolinguística.		
22	Iic	Ela era Neuroci. / Neurocientista. O que aconteceu com ela?		
23	Jeferson	Acho que ela teve o mesmo problema que eu tive.		
24	Iic	Ou similar.		
25	Jeferson	Semelhante, não é?		
26	Iic	E ela relata isso em que livro?		
27	Jeferson	No livro que eu estou lendo, o amarelo.		
28	Iic	Qual é o título desse livro?		
29	Jeferson	A cientista que curou seu próprio cérebro.		
30	Iic	Esse livro aí da cientista que curou seu próprio cérebro é o livro que trata do bebezinho com o pé engessado?		
31	Jeferson	Eu acho que é.		
32	Iic	Tem outro livro que você está lendo? Que está por perto, você consegue olhar? Você está em seu quarto? Não tem outro livro não? Tem algum livro que fala de palavras?		
33	Jeferson	Ah! Tem!		
34	Iic	Tem? Que livro é esse?		
35	Jeferson	Há poder em suas palavras! Será que é esse?		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
36	Iic	E aí? Analise aí!		
37	Jeferson	Eu acho que foi nesse aqui!		Segura com firmeza o livro “Há poder em suas palavras”.

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Contrapondo-se ao universo de avaliações descritivas ou metalinguísticas pautadas em exames e testes, sublinha-se na perspectiva dialógica o que Coudry (1988) define, ao fazer referência ao trabalho com sujeitos com afasia, como exercício intersubjetivo e interpessoal da linguagem em seu funcionamento.

Os aspectos da leitura que ficaram aparentemente perdidos são resgatados nas associações, nas trocas com os outros interlocutores, e, desse contexto, emergem significados que podem ser construídos ou reconstruídos, como, por exemplo, quando Jeferson é instigado por Iic no turno 32: “Tem outro livro que você está lendo? Que está por perto você consegue olhar? Você está em seu quarto? Não tem outro livro não? Tem algum livro que fala de palavras?”; e chega a seguinte resposta: “Há poder em suas palavras! Será que é esse?”, turno 35, apresentando o título do livro, que, inclusive, foi uma indicação do próprio Jeferson para o grupo; em seguida, mostra-o para a pesquisadora interlocutora.

No **Quadro 32**, abaixo, é possível verificar a interação entre o pesquisador e os sujeitos com acometimento de memória e as possibilidades que a linguagem proporciona a eles.

Situação enunciativo-discursiva: 02/07/2020

Quadro 32 – Laços de compromisso

(continua)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	E aí? Como foi a semana? Conta aí, Vicente, como foi a semana?		
2	Vicente	Nada demais não, na mesma.		

(conclusão)

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
3	Iic	Cumpriu alguma coisa daqui, dos nossos acordos? Nossos combinados? Fez alguma coisa?		
4	Vicente	A leitura do livro eu fiz. Como é o nome do livro, Jeferson?		
5	Jeferson	“Há poder em suas palavras”!		
6	Iic	Pronto! Olha o que os laços de compromisso fazem! Laços de compromisso aí...		
7	Jeferson	Exatamente!		
8	Iic	O que mais? Teve mais coisa?		
9	Vicente	Teve duas coisas para ler.		
10	Iic	Vicente ficou com duas coisas para ler. O outro foi uma indicação sua para mim. Qual foi a indicação de Vicente para mim?		
11	Vicente	Ah! Qual foi Jeferson?		
12	Iic	Lembra, Vicente? Vicente indicou aqui um livro também.		
13	Vicente	De Adriana Foz!		
14	Iic	De Adriana Foz! A segunda indicação dele foi “A cura do cérebro”! Além disso, teve outra atividade. Lembra, Jeferson? Não era para ler...	Pausa.	
15	Jeferson	Não, não lembro.		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

As interações, os laços de compromisso, as trocas de experiências, a complementação que o outro traz são aspectos que vão constituindo a forma das experiências em um processo de construção coletiva por meio das práticas discursivas.

Mesmo que o turno 15 continue a sublinhar as alterações de memória, observadas quando se menciona, por exemplo, “Não, não lembro”, contempla-se toda a trajetória do que é possível alcançar nos turnos anteriores. Não cabe a análise de um enunciado, e sim, de todo o universo que ele contempla, compreendendo os modos de estruturação, descobrindo indícios e possíveis enlaces. Nesse sentido, os dados-achados que emergiram nas situações remotas de interação não se distinguem dos dados-achados das interações presenciais.

Dentre as atividades desenvolvidas no acompanhamento longitudinal, ressalta-se o papel da leitura de livros, artigos, contos e fábulas que fomentaram subsídios para a reversibilidade de papéis na interlocução e para as associações de linguagem, pois requeria do sujeito um deslocamento solitário para dedicar-se à leitura, a preparação para o encontro com os outros sujeitos, o compartilhamento de suas impressões e vivências. A **Figura 4** ilustra um desses momentos de interação com a leitura do livro “A cura do cérebro”, de Adriana Foz, sugerido por Vicente.

Figura 4 – Leituras compartilhadas



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Com esse modo de proceder, não se ignora a importância do contato físico, presencial, para a emergência de questões de linguagem, principalmente em situações patológicas, que fazem com que seu fluxo seja interrompido ou não seja realizado pelas lacunas que as sequelas de uma adversidade deixam, mas se busca um olhar para outras possibilidades, a fim de manter a interação da forma possível, com vistas a estabelecer novas conexões em um processo ativo e possível, em reconstrução.

A seguir, apresentam-se as observações a partir da interação com os sujeitos considerados sem comprometimentos de memória.

4.6 E quando não se tem alteração de memória?

Nesta seção, apresentam-se dados advindos de formulários disponibilizados a sujeitos que não apresentaram nenhum evento de comprometimento neurológico. O intuito foi interagir com outros sujeitos do mesmo gênero, faixa etária e escolaridade que Jeferson e Vicente e explorar aspectos de suas percepções sobre memória e linguagem e particularidades com relação com a localização espacial, a capacidade de recordar nomes, o uso de estratégias para

umentar a eficiência da recordação, a capacidade de situar-se cronologicamente e o uso de jogos de *videogame* para compreender a sua incidência.

As questões foram suscitadas pela forma como emergiram no acompanhamento longitudinal dos sujeitos com alteração de memória e pela relevante preocupação que tiveram em qualificar suas condições de memória com relação aos aspectos mencionados. Nesse sentido, prezou-se pela ampliação do olhar para outros sujeitos.

Nessa perspectiva, elucida-se que os formulários abertos não têm o mesmo dinamismo que teve o acompanhamento longitudinal, que é permeado de práticas com a linguagem, em que sujeito e linguagem constituem-se mutuamente e se modificam ao longo do processo, mas apontam para a afirmação das singularidades das relações com a memória, impedindo uma classificação homogênea para esses aspectos.

Nos formulários os questionamentos abarcavam as seguintes perguntas: (a) Como caracteriza sua capacidade de memória? (b) Consegue retomar com precisão quando fatos ocorreram, identificando data ou o período em que aconteceram? (c) Percebe mudanças com relação à sua memória ao longo dos anos? (d) Como é a sua relação com a localização espacial? Consegue recordar dos lugares que já esteve? (e) Consegue retomar percursos com facilidade? (f) Recorda do nomes de pessoas? Caso a resposta seja negativa, a dificuldade de recordar é recente ou sempre existiu? (g) Costuma utilizar de estratégias (como listas, aplicativos, anotações) para recordar o que precisa fazer ou retoma com facilidade o que precisa desenvolver? (h) Situa-se temporalmente nos dias da semana e na data do calendário ou precisa utilizar de algum instrumento de referência? (i) Utiliza-se de jogos de videogame como fonte de entretenimento? Caso utilize, percebe alguma interferência dos jogos na sua capacidade de memória?

Nos dados obtidos por meio do formulário não houve uma massificação de respostas positivas e negativas pelos sujeitos sem comprometimento; observou-se a apresentação de diferentes nuances para as questões relacionadas à linguagem e à memória que retratam as diversas configurações que podem se revelar em diferentes indivíduos na faixa etária entre 45 e 50 anos, como pode ser observado na resposta à pergunta “Consegue retomar com precisão quando fatos ocorreram, identificando data ou o período em que aconteceram?”, ao que pode se explorar respostas como “Ainda consigo sim, mas tem acontecimentos que marcam mais”, ou outro posicionamentos como “sim, sem problemas” e ainda “de forma regular” identificada na descrição da capacidade de memória pelos sujeitos.

Elucidou-se a particularidade de cada caso e esclareceu-se o valor das vivências individuais, envolvendo questões de *stress* e as condições da vida moderna como no caso da

resposta à questão “Percebe mudanças com relação a sua memória ao longo dos anos?” que responderam “Sim, o tempo vai passando e a memória não é mais a mesma”.

Os aspectos vinculados à relação com a localização espacial e a capacidade de recordar nomes não foram apontados como afetados pela maioria dos sujeitos. Há a predominância do uso de estratégias, como lembretes no celular e anotações, para aumentar a eficiência da recordação, como pode ser observado quando dizem que “Uso apenas para fazer compras, pois são muitos itens e com quantidades variáveis” e “Ultimamente sim, para prezar pelo controle”, e, ainda, para aumentar a capacidade de situar-se cronologicamente, “Sempre olho no calendário do celular pra ver qual a data de hoje”. Não há menção ao uso de jogos de *videogame* pelo público observado.

Alguns relatos espontâneos foram acrescentados ao espaço aberto para informações que consideravam pertinentes e relatam comentários como: “a memória vem falhando com o avançar da idade”, “ultimamente tenho esquecido facilmente das coisas”, “Não valho de anotações. Tenho facilidade em me lembrar de coisas marcantes, ou mesmo de histórias em livros, filmes etc. Mas tenho dificuldade de me lembrar de coisas pequenas como onde deixei a chave, os óculos, etc.” e “tenho muita dificuldade de gravar nome de filmes. Com o tempo acho que ficou pior”.

Nesse espaço de relatos, torna-se marcante a singularidade das questões de memória revelando de outro lado comentários como: “a memória continua de forma regular no decorrer da minha vida”, outro diz “tenho uma boa memória geral, mas não é detalhista. Lembro do evento, mas não me recordo dos detalhes”, ainda há que tenha comentado “lembro de fatos com clareza, da minha infância chegando até a lembrar a cor da roupa ou do equipamento há mais de 40 anos atrás nas conversas com minha família” e, por último, o que diz “recordo com certa facilidade códigos e senhas”.

Neste sentido, Foster (2011) esclarece que observações sobre a memória “originam da experiência específica de um determinado indivíduo” (FOSTER, 2011, p. 28), o que conduz a observação de sua “atividade” que representa um conjunto de várias capacidades diferentes. Assim, como se destaca anteriormente, os temas das interações e das narrativas revelam particularidades dos sujeitos, como, por exemplo, a música para Vicente e o jogo para Jeferson. No intuito de endossar o universo das singularidades, apresenta-se a seção a seguir.

4.7 Um universo de singularidades

As particularidades que envolvem as variações individuais imersas nas relações entre linguagem e memória em contextos aqui explorados são perceptível graças aos caminhos trilhados pela Neurolinguística Discursiva, que endossam o papel do sujeito e das situações efetivas de uso social da linguagem; tal fato ratifica que “cada caso é um caso” (NOVAES-PINTO, 2017) e endossa que os aspectos subjetivos que influenciam a significação e a reorganização da linguagem precisam ser analisados, assim como os aspectos etiológicos e sintomáticos.

Nesse contexto, reitera-se a natureza da recordação como um processo *complexo e ativo* (LURIA, 1974) e a linguagem como *atividade* que integra o sujeito, o seu meio, a sua cultura e a sua história (COUDRY, 1988), e, por conseguinte, ressalta-se o papel da análise qualitativa e do acompanhamento longitudinal, que permitem observar, avaliar e interagir com o sujeito no processo de (re)organização da linguagem, principalmente, com o olhar voltado para as novas estratégias de significação constituídas nesse contexto, que permite “voltar a participar do jogo da linguagem” (COUDRY, 1988, p. 62).

Adentrar na questão da subjetividade é encontrar a essência do sujeito, do ser, entender o que o constitui e conduz. Nesse contexto, a ND torna visível que “O sujeito é sempre incompleto, imaturo, e ao mesmo tempo múltiplo: ao mesmo tempo social, histórico, psicológico e psicanalítico, biológico, lingüístico. Todos esses aspectos convivem apesar da especificidade de cada um.” (COUDRY, 1988, p. 67).

A linguagem e a memória representam um meio para operar a realidade e ao mesmo tempo torná-la significativa, em um processo que constitui subjetividade. Negligenciar o papel das interações neste processo é desconsiderar a subjetividade.

Reiterando a importância de se examinar todos os aspectos da linguagem que compõem o sujeito é que Coudry (1988) ressalta que “essa atividade do sujeito, aquilo que realça, os recursos que emergem a partir de sua doença, não poderá ser apreendida fora de condições de exercício da linguagem”. (COUDRY, 1988, p. 196)

É preponderante a observação de que as lacunas que, por ora, sujeitos com alteração de memória, como Vicente e Jeferson, apresentam não são relatadas como elemento de interferência, bloqueio ou ponto final, aspecto que Sacks (2017) endossa ao mencionar que “somos donos de memórias que possuem falibilidades, fragilidades e imperfeições – mas também flexibilidade e criatividade imensas” (SACKS, 2017, p. 92). Ressalta-se que os aspectos de vulnerabilidade ganham contornos e configurações nas práticas dialógicas, por

meio das associações de linguagem que promovem (re)constituição de caminhos, como se observam nas considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. (SARAMAGO, 1995, p. 279)

Nesse espaço de arremate dos desdobramentos que constituíram a pesquisa, verifica-se a trajetória de um estudo que analisa a experiência das relações entre linguagem e memória, por meio de interações que propiciaram o encontro com as relações estabelecidas na dinâmica da linguagem e memória de práticas dialógicas com dois sujeitos com alteração de memória advinda de eventos neurológicos.

O que se revela nesse processo é que linguagem e memória convergem como atividades cognitivas que desencadeiam o conhecimento mutuamente. A memória compõe sistemas simbólicos de representação que sistematizam constituições linguísticas, e tais processos conectam-se, pois coexistem no âmbito discursivo.

Essa condição humana viva, latente, mútua que contempla as facetas da linguagem e da memória mantém-se ativa nas interações. É por meio de enlaces, relações, consolidação dos processos nos discursos, na troca de experiências com o outro, que as (re)constituições e os sentidos acontecem, ganham formas e perspectivas, o que valida a hipótese de que a linguagem e memória interatuam nos sistemas de enlaces e relações nas narrativas de sujeitos com alterações de memória após eventos neurológicos em contextos reais de interação, em experiências discursivas efetivas, em que se preconiza o diálogo, na dinâmica da reversibilidade de papéis, possibilitando (re)constituições de caminhos.

Por esse prisma, este estudo é relevante para o direcionamento de pesquisas e intervenções que tratem da relação entre linguagem e cognição, com vistas a contemplar, outras áreas da linguística, das neurociências, a psicologia, a filosofia, a inteligência artificial, a assistência social e a medicina.

Na trajetória dessa defesa, apresentou-se a linguagem e memória por meio da perspectiva de estudos, conceitos e feitos que sondaram um panorama de estudos direcionadores de caminhos sobre as relações entre linguagem e memória, delineando a abordagem em situações de alterações de memória após eventos neurológicos e sublinhando contribuições de estudos relevantes como os de Luria e Freud.

Na sequência, destaca-se a importância de acompanhamentos neurolinguísticos discursivos para oportunizar o espaço da interação da linguagem em funcionamento, por meio de práticas cotidianas, em que o movimento da linguagem e o da memória possam ser impulsionados, alimentando novas intervenções para as questões de alterações de memória.

Assim, salienta-se a perspectiva do percurso teórico-metodológico que explora uma visão da linguagem que contempla o sujeito, suas relações, o âmbito histórico, social e as implicações desse processo no contexto cognitivo, para operá-la, atuar com o outro, considerando o seu trabalho coletivo e os efeitos do processo de interlocução, que interferem na (re)construção de processos linguísticos.

Ressalta-se, ainda, as particularidades da opção de uma metodologia de caráter qualitativo, com foco no acompanhamento longitudinal de dois sujeitos, contemplando a análise dos fenômenos da linguagem e suas relações com as alterações de memória, como também a sua relação com os investigadores, familiares e o confronto com dados de sujeitos sem acometimentos.

Os dados e discussões provenientes do processo de construção desta tese revelaram, na interação com Jeferson e Vicente, uma semelhança com os lapsos que pessoas sem lesões neurológicas costumam ter em determinadas situações, como cansaço ou *stress*, mas o que caracteriza os casos de comprometimento é o grau de incidência dos esquecimentos e a dificuldade em contornar as situações. Nesse contexto, são explorados os efeitos das práticas discursivas nas retomadas de memória, em outras palavras, como a interação favorece ao sujeito o encontro com o que a patologia apaga em um processo que “se reconstitui e reconstitui sua linguagem” (COUDRY, 1988, p. XVIII).

O acompanhamento longitudinal de questões de linguagem é visto como um lugar de construção a partir de particularidades de sujeitos; ratifica-se que, em meio a uma conjuntura ambiental adversa, podem-se possibilitar condições para operar com a linguagem e continuar atuando com o outro e o mundo, visto que a linguagem, enquanto atividade constitutiva, constrói a história do homem (FRANCHI, 1977), permite modos de enlaces e (re)estruturação que podem ser vistos mesmo que em indícios.

Após esses dois anos de acompanhamento longitudinal, foram perceptíveis transformações na vida de Jeferson e Vicente, permeadas de novos enlaces, (re)organizações e caminhos alternativos que se revelaram nas observações a partir das relações entre linguagem e memória. Dentre elas, cabe citar um ganho de autonomia que possibilitou, por exemplo, o retorno de Jeferson ao trabalho, mesmo que seja em uma função adaptada e que ainda necessite da companhia do irmão para conduzi-lo até o local e para buscá-lo e as reverberações a partir dos encontros e revelações com suas particularidades e interesses como o jogo de *videogame*. Vicente, por sua vez, gerencia a dinâmica da casa e as atividades com a esposa e as filhas, dirige, resolve diligências para a família, leva as filhas para as atividades, faz as compras da casa, viajou para outras cidades, resgatou o prazer de cozinhar, assumindo o preparo das refeições da família e, recentemente, foi convocado para assumir um concurso público que obteve aprovação antes do evento neurológico.

Diante dos impactos que reverberaram do contexto pandêmico que mudou de forma abrupta o curso desta tese, os acompanhamentos longitudinais passaram a ser realizados de forma remota e sublinharam que, para a construção conjunta dos processos dialógicos em situações reais de interação, é preciso considerar os elementos de adversidade e buscar possibilidades e outros meios para suprir as lacunas. Dessa maneira, não se ignora a importância e o caráter ímpar de contato físico, presencial para a coleta e análise de questões de linguagem, principalmente em situações atípicas, que fazem com que seu fluxo seja interrompido ou não seja realizado pelas lacunas que as sequelas de uma adversidade deixam, mas busca-se um olhar para outras possibilidades para manter a interação de forma possível.

Nesse sentido, reafirma-se que os dados-achados das situações remotas de interação não se distinguem dos dados-achados das interações presenciais, validando que no processo emerge o caráter subjetivo da linguagem e adentra-se ao universo peculiar que a alteração de memória provoca para estabelecer novas conexões em um processo ativo e possível, em reconstrução.

Além disso, os dados de encontro em grupo sublinharam o trabalho em conjunto constituído, fomentando contextos e estratégias em que a interação fosse possível, prezando pelo processo dialógico, por meio de atividades compartilhadas, como leituras de livros em grupo, filmes e jogos, que construíram temáticas para a troca de experiências, opiniões e críticas que trilharam caminhos para subsidiar as práticas dialógicas.

Ainda com o intuito de analisar questões que reverberam das relações entre linguagem e memória, apresentam-se dados advindos da interação com sujeitos que não apresentaram nenhum evento de comprometimento neurológico com o mesmo gênero, faixa etária e

escolaridade que Jeferson e Vicente, para entender suas particularidades e explorar contextos sem alterações de memória.

Sublinha-se, a partir dessas discussões, a observação do universo de singularidades que revelam diferentes processos que estão em jogo na significação, que não se restringem ao linguístico ou ao cognitivo, mas os integram nas várias instâncias enunciativas.

Sobre a abrangência da temática da tese no contexto atual, instigam-se desdobramentos a partir do presente estudo para observação e intervenção em questões de alteração de memória e linguagem, principalmente, com o olhar atento para os casos provenientes de associação direta com a Covid-19, doença pela qual o número de atingidos no Brasil aproxima-se a 22 milhões; e, segundo pesquisas em andamento pelo INCOR/USP, são apontadas falhas de memória como uma das suas sequelas dominantes.

Em últimas palavras, salienta-se que as interações humanas e suas contingências enunciativo-discursivas evidenciam uma relação de reciprocidade entre linguagem e memória que conduzem a eleger o campo das práticas de linguagem não só como um lugar de emergência da memória, como também um lugar de interatuação. Essa interatuação manifesta-se, enunciativamente, no momento em que os sujeitos fazem “renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento” (BENVENISTE, 1966, p. 26).

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M.B.M.; COUDRY, M. I. H. Em torno de sujeitos e de olhares. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008; v. 6, n. 2: p. 171-191.
- AZEVEDO, C. Capítulo 5: Memória. *In: Fundamentos da Neuropsicologia Clínica Sócio Histórica: A compreensão do desenvolvimento cognitivo e sócio emocional do humano*, São Paulo, SP: Editora IPAF, 2012, p. 73-86.
- BADDELEY, A.; EYSENCK, M. W.; ANDERSON, M. C. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 471 p.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução feita a partir da versão em francês por PEREIRA, M. E. G. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 414 p.
- BARTLETT, F. C. **Recordar**. Madrid: Alianza Editorial, 1930, 400p. Edição consultada: 1995.
- BAUM, C.; MARASCHIN, C. Level Up! Desenvolvimento Cognitivo, Aprendizagem Enativa e Videogames. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, e132334, p. 1-11, 2017.
- BEILKE, H. M. B.; NOVAES-PINTO, R. C. A narrativa na demência de Alzheimer: reorganização da linguagem e das memórias por meio de práticas dialógicas. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 39, p. 557-567, 2010.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão Isaac Nicolau Salum. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1966. 387 p. Edição consultada: 2005.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1974. 294 p Edição consultada: 2006.
- BRUNER, J. S. Apresentação da edição de 1987. *In: LURIA, A.R. A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, IX- XVIII. Edição consultada: 1999.
- CANEPPELE, A. Por onde a neurolinguística discursiva caminha através da teoria freudiana? *In: COUDRY, M. I. H. et al (Orgs.). Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 23-48.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico** 6ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1966, 129 p. Edição consultada: 2009.
- COTA, I.R.; SAMPAIO, N.F.S. Videogame, associações de língua(gem) e desordens de memória: encontros e revelações. *Prolíngua*. [S. l.], v. 16, n. 2, p. 246–255, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2021v16n2.58810. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/58810>. Acesso em: 24 fev. 2022.

COTA, I.R.; SAMPAIO, N. F. S. Alterações de memória, associações linguísticas e práticas discursivas no contexto pandêmico da Covid-19. **Linguasagem**. (No prelo)

CORREIA, C. M. F. **Funções musicais, memória musical-emocional e volume amigdaliano na doença de Alzheimer**, 2010, 165f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Neurologia/Neurociências.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.

COUDRY, M. I. H. O que é dado em Neurolinguística. *In*: CASTRO, M.F.P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996, p. 179-194

COUDRY, M. I. H. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística. *In*: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 2002, p. 99-129.

COUDRY, M. I. H. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v.6, 2008, p. 7-36

COUDRY, M. I. H. Controvérsias na patologização e contradiscursos na afasia e na infância. **Estudos linguísticos** 49, 2020, p. 379-396.

COUDRY, M.I.H.; *et al.* (Orgs.) **Caminhos da neurolinguística discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, 399 p.

COUDRY, M.I.H.; FREIRE, F. M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). *In*: COUDRY, M. I. H. (Org.). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 23-48.

COUDRY, M.I.H; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 5, 1983, p. 99-109.

ESTUDO do Incor sobre sequelas cognitivas deixadas pela covid-19 pode virar referência da OMS. **Jornal da USP**. São Paulo. 20/02/2021. Disponível em:<https://jornal.usp.br/?p=388775> Acesso em 27/07/2021.

FEDOSSE, E.; ANDRADE, M. L. F.; FLOSI, L. C. L. “Neurolinguística”: diferentes vertentes. *In*: COUDRY, M. I. H., *et al.* (Orgs.) **Caminhos da neurolinguística discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 141-158.

FOSTER, J. K. **Memória**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011, 153.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva, in: **Almanaque**, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p. 9-27.

FRANCHI, C. Prefácio, 1986. *In*: COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1891. (Edição consultada: 2003)

GEE, J. P. Bons videogames e boa aprendizagem. **Perspectiva**, Florianópolis: UFSC, v. 27, n. 1, p. 1-11, jan./jun. 2009.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 95 p.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969. (Edição consultada: 1999), 163 p.

JOURNAL OF MEMORY AND LANGUAGE, 2020-2011, ISSN: 0749-596X. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/journal/journal-of-memory-and-language>. Acesso em: 31 de março de 2020.

LEBRUN, Y. **Tratado de Afasia**. São Paulo: Paramed Editorial, 1983, 124p.

LURIA, A. R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, S.A. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. 344p. (Edição consultada: 1984).

LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem**: as últimas conferências de Luria. Tradução: Diana Myriam Lichtenstein e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 251p.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**: atenção e memória. V.III, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979.

MELO NETO, J. C. de. **A educação pela pedra e outros**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1966. 294p. (Edição consultada: 2008).

MINAYO, M. C. S. Desafio do Conhecimento. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORATO, E. M. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, RS, v. 47, n. 1, p. 45-54, jan./mar. 2012.

NOVAES-PINTO, R. C. Desafios metodológicos da pesquisa em Neurolinguística no início do século XXI. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978) , v. 40, p. 966-980, 2011.

NOVAES-PINTO, R. C. Variações individuais nos processos linguístico-cognitivos de envelhecimento normal ou patológico: Cada caso é um caso. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 46, p. 745-759, 2017.

OLIVEIRA, M. V. B. **Palavras na ponta-da-língua**: uma abordagem neurolinguística, 2015. 172 f. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes. 1999. 100 p. Edição consultada: 2009.

PANHOCA, I. Histórias de vida de pessoas com Doença de Alzheimer: Linguagem e presença de sujeito. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, SP., v. 42, p. 878-888, 2013.

PEREIRA, E. L. A. **Traço, código, linguagem e memória**: a emergência da mente entre o “projeto” freudiano e a neurobiologia moderna, 2020. 113f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2020.

RIVERO, T. S.; QUERINO, E. H. G.; STARLING-ALVES, I. Videogame: seu impacto na atenção, percepção e funções executivas. **Neuropsicologia Latinoamericana**, Calle, v. 4, n. 3, p. 38-52, 2012.

SACKS, O. **O rio da consciência**. Tradução Laura Teixeira Motta. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, 170p.

SAMPAIO, N. F. S. **Uma abordagem sociolinguística da afasia**: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala. Tese de Doutorado. Campinas: Dep. de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1916. 279 p. Edição consultada: 2006.

SARAMAGO, J. **Viagem a Portugal**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 1995, 281p.

THIBAUT, P. J. Memória, coordenações associativas e sintagmáticas e microgênese linguística: implicações e prospectos para a teoria da linguagem de Saussure. **Matraga**, Rio de Janeiro, RJ, p. 228-279, Jan/Jun 2014.

VYGOTSKY, L. S. LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, 252p.

APÊNDICE

Apêndice A – Formulário *Google* direcionado aos sujeitos sem comprometimento de memória

Seção 1 de 5

Contribuição para Pesquisa

Este formulário é parte de uma pesquisa que analisa questões relacionadas às associações linguísticas e memória em um público adulto, com idade entre 45 e 50 anos. Informamos que sua participação é fundamental para o êxito da pesquisa, mas você é livre para participar ou não do estudo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, as identidades dos participantes serão mantidas no mais rigoroso sigilo. A participação neste estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar a qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

As informações desta pesquisa constam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, disponível no link: https://drive.google.com/file/d/1x4Y9q0rbk91RSK_1KGkNB3jhJUDvnNWV/view?usp=sharing

Ciente da pesquisa por meio do TCLE, você aceita participar desta pesquisa?

Aceito participar da pesquisa.

Não aceito participar da pesquisa.

Após a seção 1 Continuar para a próxima seção

Seção 2 de 5

Título da seção (opcional)

Agradecemos sua manifestação.

Após a seção 2 Enviar formulário

Nome completo *

Texto de resposta curta

Data de Nascimento *

Mês, dia, ano



Formação Acadêmica *

Texto de resposta curta

Telefone: *

Texto de resposta curta

Após a seção 3 Continuar para a próxima seção



Seção 4 de 5

Título da seção (opcional)



As perguntas são abertas, prezam pela liberdade e expressão com detalhes. Caso não deseje responder alguma questão, sinta-se à vontade para escrever: "Não sei ou não quero responder".

Como caracteriza sua capacidade de memória? *

Texto de resposta longa

Consegue retomar com precisão quando fatos ocorreram, identificando data ou o período em que aconteceram? *

Texto de resposta longa

Percebe mudanças com relação a sua memória ao longo dos anos? *

Texto de resposta longa

Como é a sua relação com a localização espacial? Consegue recordar dos lugares que já esteve? Consegue retomar percursos com facilidade? *

Texto de resposta longa

Recorda do nomes de pessoas? Caso a resposta seja negativa, a dificuldade de recordar é recente ou sempre existiu? *

Texto de resposta longa

Costuma utilizar de estratégias (como listas, aplicativos, anotações) para recordar o que precisa fazer ou retoma com facilidade o que precisa desenvolver? *

Texto de resposta longa

Situa-se temporalmente nos dias da semana e na data do calendário ou precisa utilizar de algum instrumento de referência? *

Texto de resposta longa

Utiliza-se de jogos de videogame como fonte de entretenimento? Caso utilize, percebe alguma interferência dos jogos na sua capacidade de memória? *

Texto de resposta longa

Utilize este espaço para acrescentar informações que julgar pertinente.

Texto de resposta longa

Após a seção 4 Continuar para a próxima seção ▼

Seção 5 de 5

Título da seção (opcional) × ⋮

Agradecemos sua contribuição e disponibilidade!

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine a última, na linha “Assinatura do participante”.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

- 1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *Iva Ribeiro Cota*
- 1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: *Nirvana Ferraz Santos Sampaio*

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA
<i>Associações de língua(gem) em distúrbios de memória após eventos neurológicos</i>
2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):
<i>O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a necessidade de adentrar no universo que compõe o sujeito e a linguagem, em suas diversas relações, enfatizando os inúmeros papéis que possam desempenhar em situações de interlocução, para compreender os efeitos sobre a memória.</i>
2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):
<i>(a) identificar o efeito das práticas com a linguagem em processos de alterações de memória de sujeitos após eventos neurológicos por meio de acompanhamento neurolinguístico; (b) analisar os sistemas de enlances e relações estabelecidas pela linguagem nas narrativas de sujeitos com alterações de memória após eventos neurológicos; (c) contribuir para o desenvolvimento de metodologia qualitativa para compreensão da relação entre linguagem e memória com o intuito de subsidiar a intervenção em casos de alteração de memória após eventos neurológicos.</i>

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO:
<i>Você responderá a um formulário google com 9 questões semiestruturadas.</i>
3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:
<i>A pesquisa realizada de forma remota por meio do envio automático das respostas pela internet</i>
3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:
<i>30 min.</i>

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

Situações de constrangimento, desconforto, alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias, por reforços na conscientização sobre uma condição física, psicológica restritiva ou incapacitante como fatores de risco.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Serão minimizados por meio da utilização de métodos de controle criterioso de situações de exposição a temas constrangedores, atenção às questões individuais e pelo foco em questões relacionadas à língua(gem) e à memória.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Os benefícios deste estudo são as interações com a linguagem em funcionamento, que permitem reorganização da língua(gem) além da valorização da subjetividade.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Fomento para análise dos fenômenos da memória considerando questões linguísticas.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: Nenhum dos dois. A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: Nenhum.

6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.

6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.

6.9. Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.

6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: **Iva Ribeiro Cota**

Endereço: *Rua Hormindo Barros, 803.*
Fone: *(77) 981124574* / Email: *ivarcota@gmail.com*

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

- em participar do presente estudo;
- com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

VITÓRIA DA CONQUISTA, Clique aqui para inserir uma data.

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

VITÓRIA DA CONQUISTA, Clique aqui para inserir uma data.

ANEXOS

Anexo A – Leitura Compartilhada – Dinâmica “O Caso de Miguel”

O CASO DE MIGUEL

Relato do próprio Miguel sobre o ocorrido nesse dia

Eu me dedico à pintura de corpo e alma. O resto não tem importância. Há meses que eu quero pintar uma Madona do século XX, mas não encontro uma modelo adequada, que encarne a beleza, a pureza e o sofrimento que eu quero retratar. Na véspera daquele dia, uma amiga me telefonou dizendo que tinha encontrado a modelo que eu procurava e propôs nos encontrarmos na boate. Eu estava ansioso para vê-la. Quando ela chegou fiquei fascinado; era exatamente o que eu queria. Não tive dúvidas. Já que o garçom não a conhecia, fui até a mesa dela, me apresentei e pedi para ela posar para mim. Ela aceitou e marcamos um encontro no meu ateliê às 9 horas da manhã. Eu não dormi direito naquela noite. Me levantei ansioso, louco para começar o quadro, nem pude tomar café, de tão afobado.

No táxi, comecei a fazer um esboço, pensando nos ângulos da figura, no jogo de luz e sombra, na textura, nos matizes... Nem notei que o motorista falava comigo.

Quando entrei no edifício, eu falava baixinho. O zelador tinha falado comigo e eu nem tinha prestado atenção. Aí, eu perguntei: O que foi? Ele disse: Bom dia! Nada mais do que bom dia. Ele não sabia o que aquele dia significava para mim. Sonhos, fantasias e aspirações... Tudo iria se tornar real, enfim, com a execução daquele quadro. Eu tentei explicar para ele que a verdade era relativa, que cada pessoa vê a outra à sua maneira. Ele me chamou de lunático. Eu dei uma risada e disse: Está aí a prova do que eu disse. O lunático que você vê, não existe. Quando eu pude entrar, dei de cara com aquela velha mexeriqueira.

Entre no ateliê e comecei a preparar a tela e as tintas.

Foi quando ela chegou. Estava com o mesmo vestido da véspera e explicou que passara a noite em claro numa festa.

Aí eu pedi que sentasse no lugar indicado e que olhasse para o alto, que imaginasse inocência, sofrimento... que...

Aí ela me enlaçou o pescoço com os braços e disse que eu era simpático. Eu afastei seus braços e perguntei se ela tinha bebido. Ela disse que sim, que a festa estava ótima, que foi pena eu não ter estado lá e que sentiu a minha falta. Enfim, que estava gostando de mim. Quando ela

me enlaçou de novo eu a empurrei e ela caiu no divã e gritou. Nesse instante a faxineira entrou e saiu berrando: Assassino! Assassino!

A loura levantou-se e foi embora. Antes, me chamou de idiota. Então, eu suspirei e disse: Ah, minha Madona!

(Autor desconhecido)

Relato 1: De sua mãe

Miguel levantou-se correndo, não quis tomar café e nem ligou para o bolo que eu havia feito especialmente para ele. Só apanhou o maço de cigarros e a caixa de fósforos. Não quis colocar o cachecol que eu lhe dei. Disse que estava com pressa e reagiu com impaciência a meus pedidos para se alimentar e abrigar-se direito. Ele continua sendo uma criança que precisa de atendimentos, pois não reconhece o que é bom pra si mesmo.

Após esse relato, como você percebe Miguel?

Relato 2: Do garçom da Boate

Ontem à noite ele chegou aqui acompanhado de uma morena, bem bonita por sinal, mas não deu a mínima bola para ela. Quando entrou uma loura, de vestido colante, ele me chamou e queria saber quem era ela. Eu disfarcei, mas só pude ouvir que ele marcava um encontro, às 9 da manhã, bem nas barbas do acompanhante dela. Sujeito peitudo!

Após esse relato, como você percebe Miguel?

Relato 3: Do motorista de Táxi

Hoje de manhã, apanhei um sujeito e não fui com a cara dele. Estava de cara amarrada, seco, não queria saber de conversa. Tentei falar sobre futebol, política, sobre o trânsito e ele sempre me mandava calar a boca, dizendo que precisava se concentrar. Desconfio que ele é daqueles que o pessoal chama de subversivo, desses que a polícia anda procurando ou desses que assaltam motoristas de táxi. Aposto que anda armado. Fiquei louco pra me livrar dele.

Após esse relato, como você percebe Miguel?

Relato 4: Do zelador do edifício

Esse Miguel, ele não é certo da bola, não! Às vezes cumprimenta, às vezes finge que não vê ninguém. As conversas dele a gente não entende. É parecido com um parente meu que enlouqueceu. Hoje de manhã, ele chegou falando sozinho. Eu dei bom dia e ele me olhou com um olhar estranho e disse que tudo no mundo era relativo, que as palavras não eram iguais para todos, nem as pessoas. Deu um puxão na minha gola e apontou para uma senhora que passava.

Disse, também, que quando pintava um quadro, aquilo é que era realidade. Dava risadas e mais risadas...esse cara é um lunático!

Após esse relato, como você percebe Miguel?

Relato 5: Da faxineira

Ele anda sempre com um ar misterioso. Os quadros que ele pinta, a gente não entende. Quando ele chegou, na manhã de ontem, me olhou meio enviesado. Tive um pressentimento ruim, como se fosse acontecer alguma coisa ruim. Pouco depois chegou a moça loura. Ela me perguntou onde ele estava e eu disse. Daí a pouco ouvi ela gritar e acudi correndo. Abri a porta de supetão e ele estava com uma cara furiosa, olhando para ela cheio de ódio. Ela estava no divã e no chão tinha uma faca. Eu saí gritando: Assassino! Assassino!

Após esse relato, como você percebe Miguel?

Anexo B – Leitura Compartilhada – Fábula “Assembléia dos Ratos”

A assembleia dos ratos

Monteiro Lobato

Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destroço na rataria de uma casa velha que os sobreviventes, sem ânimo de sair das tocas, estavam a ponto de morrer de fome.

Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembleia para o estudo da questão. Aguardaram para isso certa noite em que Faro-Fino andava aos mios pelo telhado, fazendo sonetos à Lua.

- Acho - disse um deles - que o meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim que ele se aproxime, o guizo o denuncia e pomo-nos ao fresco a tempo.

Palmas e bravos saudaram a luminosa ideia. O projeto foi aprovado com delírio. Só votou contra um rato casmurro, que pediu a palavra e disse:

- Está tudo muito direito. Mas quem vai amarrar o guizo no pescoço de Faro-Fino?

Silêncio geral. Um desculpou-se por não saber dar nó. Outro, porque não era tolo. Todos, porque não tinham coragem. E a assembleia dissolveu-se no meio de geral consternação.

Moral: Dizer é fácil, fazer é difícil!